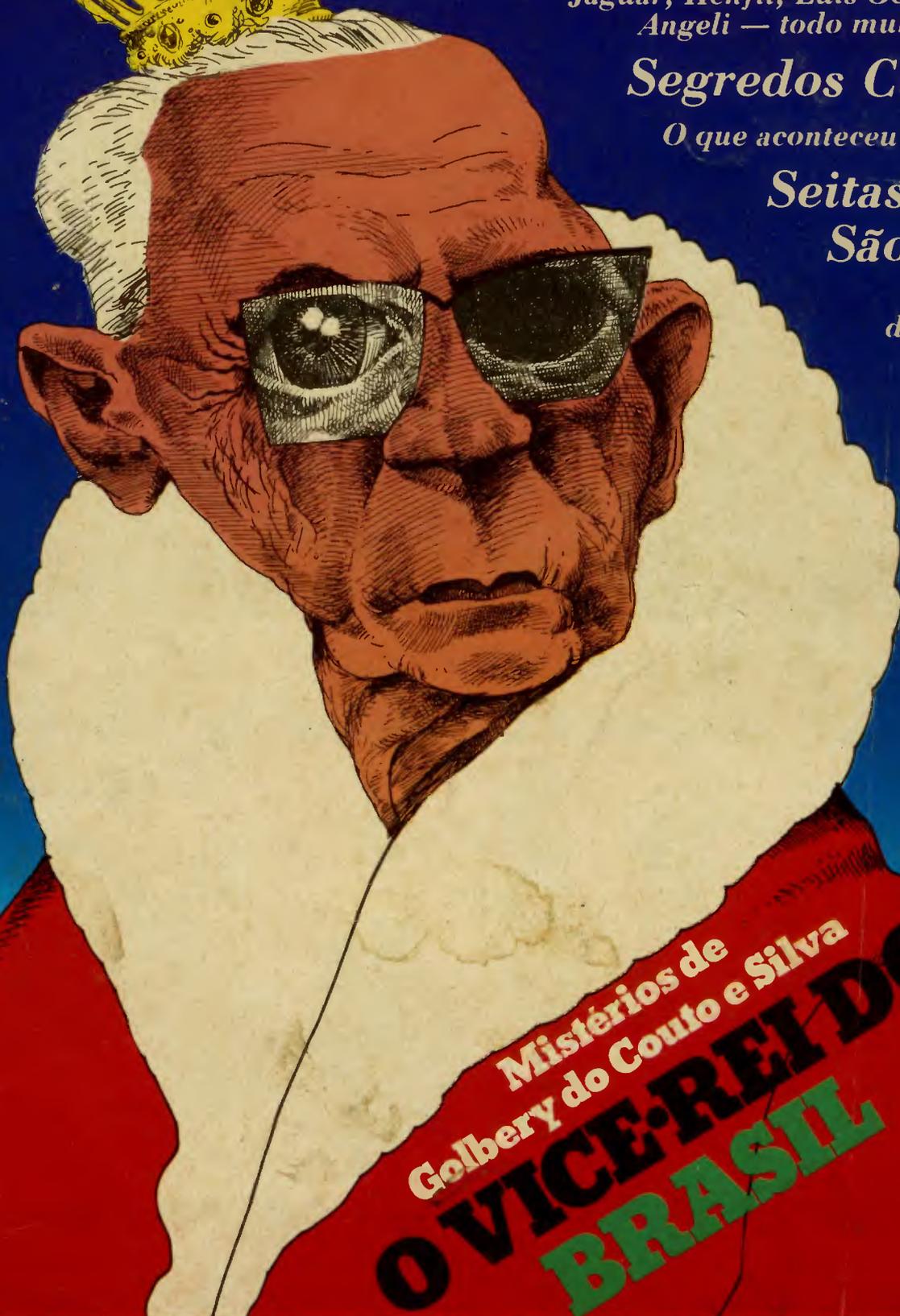


SINGULAR &

# PLURAL

Global  
GD

Abril 79  
n.5 a \$ 35,00



*Humor x Ditadura*

*Jaguar, Henfil, Luis Gê, os Caruso,  
Angeli — todo mundo falando*

*Segredos Cubanos*

*O que aconteceu na Etiópia?*

*Seitas piram  
São Paulo*

*Adoram até  
disco-voador*

Mistérios de  
Golbery do Couto e Silva

**O VICE-REI DO  
BRASIL**



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DA UNICAMP  
CEDEM



Todo escocês é pão-duro,  
 menos na hora de beber Ye Monks!



*Ye Monks'*  
 Meridional Distillery

Andradas, 1234 - 6º andar

Fones: 24-2760 e 24-2761 - Porto Alegre - 90.000

Escola





## histórias

Marcos Faerman

Mãe Menina do Cantuá, Rainha Negra da Bahia, manda dizer que o Século XXI vai ter muito amor. Como chegaremos até lá, da miséria deste fim de século? Pergunto isto enquanto vejo o desenho de Waz: Ho-Chi-Mihn e Mao, ligeiramente embriagados, diante de uma garrafa de vinho vagabundo. Os poemas de Mao tinham muitas montanhas; os poemas do Tio Ho eram cantos do cárcere. As fotos que nos vêm do Oriente em guerra lembram as cenas de um velho filme, "A Harpa da Birmânia".

Como esquecer aquele soldado que abandona os camaradas de uma unidade militar japonesa para viver para os mortos? O sol está caindo numa ilha, naquele filme, e os esqueletos apontam para o céu ou para o inferno. Podemos ver a cena que pareceria impossível: um tanque da China Vermelha calcinado no Vietnã Vermelho. Fuzis, tanques, violências: que nome darmos a tudo isto senão revisionismo?

Outro filme: "Guerra e Humanidade". O mais belo filme sobre a guerra. Dois personagens conversam (são silhuetas, numa manhã improvável), enquanto no meio das labaredas do fronte, um deles suspira: "lá é a União Soviética, a liberdade". Esta personagem terminaria sofrendo o opórbrio e a injustiça, debaixo de um imenso retrato de Stalin. Morreria caído na neve, numa caminhada impossível, um pedaço de pão na mão, que guardava para a mulher que amava.

Mãe Menina do Cantuá, Rainha Negra da Bahia, eu vou dizer a todos os presos políticos, os nossos e os outros; os que estão nos nossos cárceres, nos presídios do Brasil, da América Latina, e nos outros; Mãe Menina do Cantuá, pois eu vou dizer a todos eles que um século virá feito com o creme do amor, reinado de Oxalá. Velhos Mao e Tio Ho, para que esta cara? Desembocar uma longa guerra na humilhação destes dias? Nesta invasão, velho Mao?

Faltam vinte anos para o novo século. O ano mil assistiu as romarias, as expiações, os açoites, as multidões alucinadas esperando o fim dos tempos. E nós? João Paulo II escreve uma encíclica em que diz que o ser é mais importante do que o ter. Leiam, meninos; leiam a encíclica. É um manifesto ecológico, e quem me diz que nosso Lutzemberg não soprou coisas nas orelhas de abano do Papa polonês? O Papa, como a Mãe Menina do Cantuá, está preocupado com o ano dois mil.

Ano dois mil. "É preciso aprender a esperança", como diz o filósofo Ernst Bloch. "Não há homem que viva sem sonhar acordado", vai falando este mestre. "Do que se trata é de conhecer cada vez mais estes sonhos". Alguns destes sonhos nós conhecemos. A mulher de um preso político da Bahia relatou os dias deste homem, nestes dias.

Ele não pode falar com ninguém; nem com a mulher. As chuvas do último mês levaram à sua cela muito frio e uma pomba. Quem explica a trajetória de uma pomba que vai passar a temporada de chuvas ao lado de um preso político? Ela se expôs: poderia ser derrubada a tiros pelos vigias. Poderia ser esquartejada, revirada pelo avesso, suspeita de portar mensagens indevidas. Mas, venceu tudo, e chegou ao nosso homem, e passaram a ser amigos.

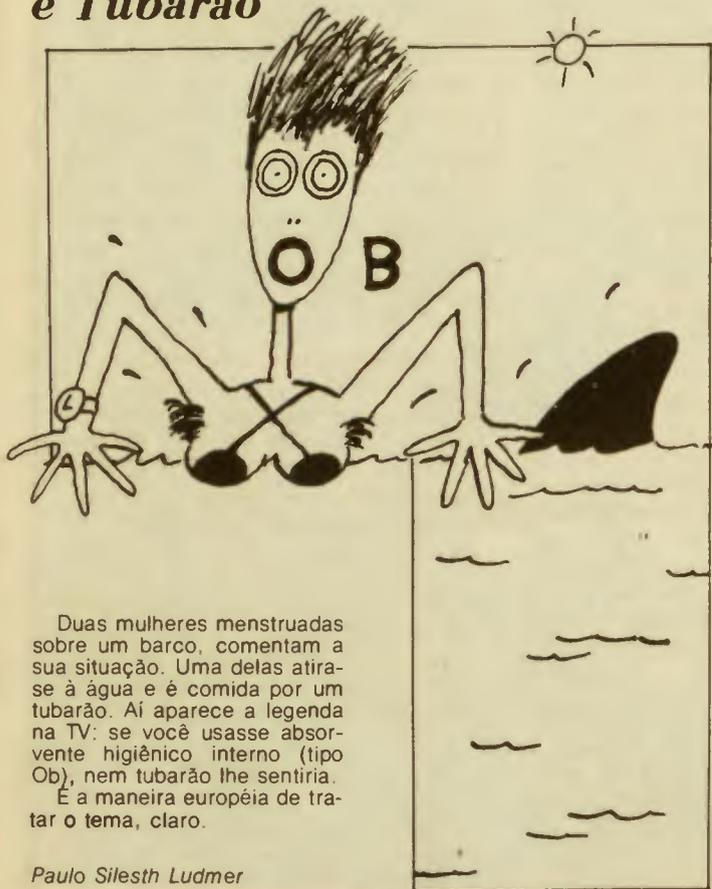
Um gramático da Roma Antiga esqueceu, em seu Tratado Definitivo, o tempo futuro. Mas nós estamos resgatando presente e futuro, e não abrimos mão do passado. O passado: é uma noite feita de neblina e tangos. Estamos em Buenos Aires. Encontro um amigo, para comer um filé diante de uma jarra de vinho. À maneira boenarense, não dispensamos a soda. À nossa maneira, conversamos sobre amores adolescentes (os amores de sempre).

Subitamente, nos lembramos que estamos em Buenos Aires, mas não na cidade em que nos hospícios se escrevia com cal & sangue: "Gardel e Peron, un solo corazon". Os verbos da moda são prender, matar, torturar, calcinar, hitlerizar. Nos sentimos vigiados pelos Mil Olhos do Doktor Mabuse. Ainda te vejo, amigo, desaparecendo naquela noite em que não se ouvia o mais ligeiro toque de um bandoneon. Hoje, eles te estropeiam, para com teu sangue vingar rancores, exercer maldições.

Mas tu resistes, meu irmão Flavio Koutzil, e resistirás; algum dia estaremos, nós, diante de outro filé e de outro vinho (talvez prefiras Ki-suco), falando de algum velho filme, de um amor antigo e outro novo, de uma esperança na história, mesmo que ela se exerça contra o que parece ser a história.



## Menstruação e Tubarão



Duas mulheres menstruadas sobre um barco, comentam a sua situação. Uma delas atira-se à água e é comida por um tubarão. Aí aparece a legenda na TV: se você usasse absorvente higiênico interno (tipo Ob), nem tubarão lhe sentiria.

É a maneira européia de tratar o tema, claro.

Paulo Silesth Ludmer



## Contraste não muito nítido

O prefeito Olavo Setúbal, talvez beneficiado por ter sido colocado recentemente como opção para o governo do Estado entré os srs. Delfim Neto e Laudo Natel, adquiriu uma certa aura positiva (o que absolutamente não surpreende...). Seria saudável, no entanto, agora que muitos incautos se regozijam com a possibilidade de sua permanência no cargo, que, entre outras coisas, fossem lembradas suas manobras — ainda no início de sua gestão — no sentido de ceder gentilmente a Comgás para o grupo Ultra, aplicando o "coup de foudre" nos programas de expansão do gás de rua.

RAUL FIKER

4

## Em finados

Ontem, na competição de túmulos ornamentados, foi vencedora a sra. Lázara Constant, que espalhou retóricos ramalhetes de rosas sobre o último teto de seu primeiro marido. O prêmio foi um tigre, de Bengala, que atacou-a inesperadamente: o segundo cônjuge lhe proíbe venerar o precedente. O ciumento foi interrompido pelo coveiro Xisto Araxá, que lhe aconselhou ser mais liberal. Arrepentido, lacrimejando no mármore, o tigre removeu esposa e coveiro ao bar "Europa", onde, ao som de uma orquestra de tziganos, pagou-lhes refrescos de banana-prata. E o Dia dos Mortos terminou em paz.

Claudio Feldman

## Detergentes

Nunca é demais lembrar que, duas torres, de duas companhias, fazem a maior parte dos sabões em pó no Brasil. Esse negócio de lava mais branco é uma balela. O agente químico branqueador é inócuo longe da luz solar. Então, faça a prova da escuridão: deixe uma camisa lavada na gaveta e outra exposta à luz. A primeira ficará pior do que a outra. E mova uma ação popular contra a falta de ética e que tais.

Paulo Silesth Ludmer

## Organização criminal

Sob este título, no Guinness — Book of Records, a Máfia é apontada como tendo um lucro anual de 25% sobre seu movimento de negócios (entorpecentes, jogos, serviços de proteção e comércio fraudulento). Os autores do livro, ao que tudo indica, desconhecem que os lucros obtidos pelos bancos no Brasil ultrapassam os 300% anuais.

Raul Fiker

## (Re)Divisões

O brutal ataque da China ao Vietnã mostra a ignorância dos nossos geopolíticos, desde 1952: o mundo não mais se divide em blocos ideológicos antagônicos, tipo socialistas versus capitalistas. Nem em parâmetros geográficos irreconciliáveis, tipo Ocidente versus Oriente. Mas, em fortões e

fracos, grandes e pequenos, ricos e pobres. E — pasmem — a humanidade também se divide em homens e mulheres (além de bichas, sapatões e bocões).

Paulo D. Ramos

## Cinicos

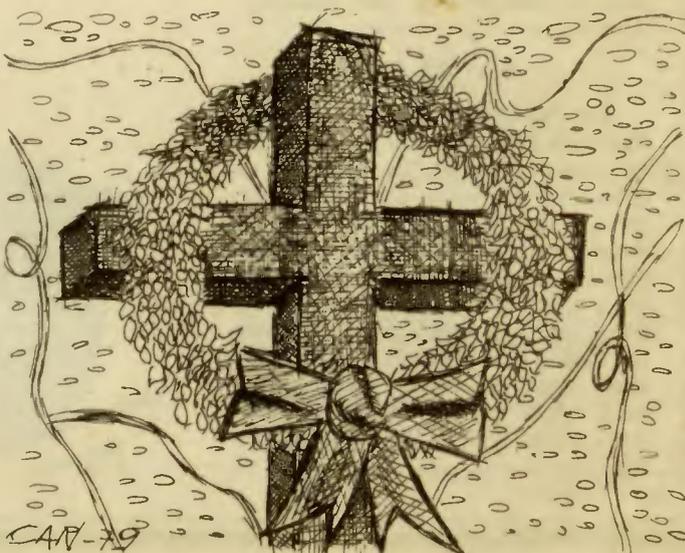
Na minha geração, as cabeças foram enbranqueando, enquanto ouvíamos os nomes de Dien-Bien-Phu, Da Nang, Hué, Hanói, Saigon ... cidades cruelmente arrasadas ou prostituídas pelos franceses e norte-americanos. O pequenino e heróico Vietnã sofre agora sob o peso da China milenar. Que crime cometeu este povo pobre, esta população de camponeses, aos olhos dos grandes do mundo, para não cessarem sobre si as operações de "castigo", que lembram as expedições punitivas de Hitler? É muito cinismo.

Paulo D. Ramos

## Dica de estacionamento

Abra uma conta corrente no Bradesco, no Itaú ou rivais. Ela pode ser simbólica. Com isso, você pode parar seu carro nos estacionamentos para os clientes desses bancos, nos lugares mais impossíveis de São Paulo. Dirija-se ao caixa e faça um depositinho simbólico, remetido à sua agência. E, pronto, seu estacionamento está justificado. Saia e resolva o que precisa, nas proximidades, e boa sorte.

Paulo Silesth Ludmer



## Me prendam, me arreentem, mas o país é um mar de lama

Choveu o mês de dezembro, choveu janeiro e fevereiro. Em Minas, Estado do Rio, São Paulo, Bahia e Espírito Santo, além de outras áreas menos atingidas. Como diz o homem da roça: foi água que Deus dá. Enchentes pra todos os lados, rios transbordaram, muitas cidades alagadas. Depois a água baixou e o que restou: lama. Mas se fosse só a lama, vá lá. Uma esguichada de mangueira limpava tudo. O pior é que a miséria de muita gente se agravou. Porque no geral, os mais atingidos foram aqueles que viviam nas periferias das cidades, os marginalizados da vida. E pergunto: têm os governos estaduais meios para refazer a vida destes milhares de desabrigados que tudo perderam com as chuvas de 1979? Ora, estes homens nomeados não conseguem oferecer segurança à população nem nas épocas normais, terão meios para fazê-lo

agora? Somos levados a crer que se preocupam com o povo se aceitam postos de governo ignorando a vontade do povo? Tiram o direito de reivindicação e exploram o povo mas não perdem oportunidade para a demagogia costumeira: sobrevoaram as áreas alagadas e deram patéticas declarações à televisão. Quero ver agora, que a água se escoou e resta a lama. O país com esses ministros teóricos, senadores biônicos e governadores de gabinete não vai pra frente nem em condições meteorológicas normais, conseguirá após calamidade pública? Condições do tempo agora: período de instabilidade sujeito a nuvens escuras. Algumas regiões: nublado sujeito a pancadas esparsas, independente da vontade do povo.

Jeferson Ribeiro de Andrade

## E então...

A semidemocracia se confunde com a semiditadura. E a luta dos operários do ABC por mais salários (mais VIDA) é considerada pelo bioni-CÃO Maluf «caso de polícia». E nosso Antonio Carlos Fon é processado porque ousou contar na VEJA algumas histórias que todo mundo conhece. O repórter paga o preço de ter olhos e mãos. Na PUC do Rio, um destes psicólogos que confunde homens & ratos ergue o dedo-duro contra os colegas, por questões de currículo. Pra ter democracia, vai ser preciso muita luta. Luta (Marcos Faerman)

## Valentões



Durante anos, o Exército do Irã cresceu até tornar-se o quinto do mundo, em número de homens, armamentos sofisticados e poder de fogo. Um levante popular incontrolável fez com que os machões, que viviam torturando e dando porrada (em estudante, operário, religioso), passassem a pedir penico. De briga mesmo só os galos ingleses da mulher do Xá. Uma galinhada.

Paulo D. Ramos

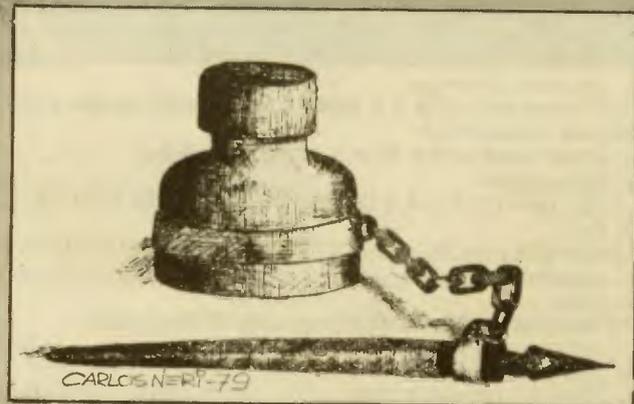
## Atenção Srs. País

Saudado com entusiasmo por Fanny Abramovich e Tatiana Belinky, o projeto de democratização do Teatro Infantil, criado por José Antonio de Barros Freire, o Barrinhos, para a TV Bandeirantes vem alcançando enorme repercussão e deve estrear este mês. Assustado com todo processo de passividade e ausência de crítica que a TV pode gerar nas mentes infantis, Barrinhos está gravando as peças recomendadas pela crítica especializada e o Serviço Nacional de Teatro, pelo projeto Mambembinho. Que se preparem os pais da nova geração, por vem aí logo bem diferente das discotecas e desenhos multinacionais, que só fazem massificar a criança.

Mirna Grzych

## jornais

### As duas lutas do Em Tempo



A apreensão do jornal *Em Tempo* por publicar uma lista de informantes e torturadores envolvidos com o aparelho repressivo no Brasil, assim como, o processo movido contra a revista *Veja*, por publicar matéria elucidando os métodos de tortura utilizados pela polícia, são dois notáveis exemplos para desmistificar qualquer ilusão quanto a existência de liberdade de informação no país. Enquanto o rádio, a televisão, o cinema, o teatro e a literatura, continuam sob censura abrandada, as publicações periódicas viveram nesses últimos tempos uma quase euforia de poder escrever o que quisessem. Um curto espaço de tempo, sem censura oficial sobre os jornais e revistas, foi suficiente para inundar as bancas do país com revistas eróticas de todos os gêneros e jornais políticos de todos os matizes. Esse terreno conquista importante, sem dúvida não pode ser considerado seguro, nem tampouco tomado como coisa irreversível. A liberdade de expressão é apenas um sucedâneo da liberdade política e não se sustenta sem a segunda. Ou se reage às medidas arbitrárias como as que pesam sobre *Em Tempo*, *Veja*, *Movimento*, *Lampião* e se tenta avançar pelo fim total da censura em todos os níveis, ou a atual liberdade tão consagrada pela grande imprensa, se esvanecerá como a bruma na aurora de um sonho de verão.

#### Crise de direção

A proposta central do jornal *Em Tempo*, desde o seu nasci-

mento há pouco mais de um ano, era conseguir formar uma frente de jornalistas de oposição que disputassem democraticamente a direção do semanário. Desde então, uma história controvertida, com versões & versões, vencedores e vencidos passou a ser escrita, e o próprio jornal refletiu a cada momento a indefinição política, a oscilação de posições, tão comum aos organismos heterogêneos. Hoje, *Em Tempo*, depois de atravessar nos últimos meses uma profunda crise interna, vive uma nova fase. No nº 54 (apreendido pela polícia) duas páginas são dedicadas às explicações sobre o racha interno que atingiu o semanário, com a apresentação dos dois pontos de vista conflitantes. Sem entrar no mérito das diferenças entre os grupos articulados em seu interior, é importante frisar, que baseado nos dois documentos apresentados, um defendendo a extinção temporária de *Em Tempo*, outro, a sua continuidade, o leitor só poderá lamentar pela falência do projeto original. De ambos os lados partem acusações de tentativa de golpe interno pelo controle do Conselho Editorial, órgão máximo decisório. Assim, se para os que ficaram, o jornal continua um órgão aberto a todas as oposições, para os que saíram, ele já não tem esse caráter democrático. Não cabe aqui julgar uma ou outra posição, mas apenas esperar, para ver se *Em Tempo*, agora em nova fase se mantém coerente suas premissas originais.

por Nando Ramos



# Você precisa da COLEÇÃO BASES

- 1- John Reed  
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, (4.ª edição) ..... Cr\$ 90,00
- 2- Maiakovsky  
POÉTICA — COMO FAZER VERSOS, (2.ª edição) ..... Cr\$ 55,00
- 3- Karl Marx  
A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA  
(4.ª edição) ..... Cr\$ 70,00
- 4- Marta Harnecker  
O CAPITAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS ..... Cr\$110,00
- 5- Marx/Turgot  
TEORIAS DAS MAIS-VALIA: OS FISIOCRATAS ..... Cr\$ 90,00
- 6- Alexandra Kollontai  
A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL (2.ª edição) ..... Cr\$ 80,00
- 7- Leon Trotsky  
COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO, (2.ª edição) ..... Cr\$ 70,00
- 8- Wilhelm Reich  
PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL ..... Cr\$150,00
- 9- Lenin  
AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO  
MARXISMO ..... Cr\$ 55,00
- 10- Stalin  
MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO  
HISTÓRICO ..... Cr\$ 50,00
- 11- Lenin  
COMO ILUDIR O POVO ..... Cr\$ 50,00
- 12- Marx  
DIFERENÇA ENTRE AS FILOSOFIAS DA NATUREZA  
EM DEMÓCRITO E EPICURO ..... Cr\$ 70,00
- 13- Engels  
DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO .. Cr\$ 55,00

1	2	3	4	5
6	7	8	9	
10	11	12	13	

NOME \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_ CIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_  
 IMPORTANTE: NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA

**Global editora  
e distribuidora Ltda.**

Nas livrarias ou pelo  
reembolso postal Pedidos à:  
Caixa Postal 45329 - 01000  
V. Mariana - São Paulo - S. P.  
R. José Antonio Coelho, 814  
Cep 04011 - Fone: 549-3137

A Sair:  
— Trotsky  
AS LIÇÕES DE OUTUBRO  
Alexandra Kollontai — Samora Machel —  
A LIBERTAÇÃO DA  
MULHER

# cadernos TRABALHISTAS NAS BANCAS E LIVRARIAS

Uma publicação para discutir os problemas dos trabalhadores,  
as questões do trabalhismo. Para recuperar a história,  
aquecer a memória, remontar o passado, preparar o futuro.

Para contar a história dos governos democráticos,  
das lutas por uma pátria mais justa.

Para lutar pela reconstrução do PTB, do verdadeiro  
partido dos trabalhadores.

CR\$ 35,00

**Global editora  
e distribuidora Ltda.**

Nas livrarias ou pelo  
reembolso postal Pedidos à:  
Caixa Postal 45329 - 01000  
V. Mariana - São Paulo - S. P.  
R. José Antonio Coelho, 814  
Cep 04011 - Fone: 549-3137

*Textos de: Carlos Estevam Martins, Muniz Bandeira,  
Cibelis Viana, Raul Riff, Doutel de Andrade, Darci  
Ribeiro, Theotonio dos Santos e Leonel Brizola.*



**Diretor-Responsável:** Audálio Dantas  
**Editor-Chefe:** Marcos Faerman  
**Diretor de Arte:** Carlos Clémen  
**Secretário de Redação:** Vitor Vieira  
**Editores:**

Augusto Nunes, Fernando Morais, Carlos Dória (Nacional); Rodolfo Konder, Jorge Escosteguy (Internacional); Osmar Freitas Jr., Moacir Amâncio (Nossa Época); Cláudio Willer, Mirna Grzych (Cultura).

**Colaboradores:** Marcus Pereira, Ruth Escobar, Fred Afalalo, Marco A. Rocha, Wagner Carelli, Isabel Vieira, Maria Cecília Flosi, Mouzar Benedicto, Lourenço Diaféria, Bresser Pereira, Sérgio Lima, Márcio Souza, Getúlio Bittencourt, Roberto Piva, Raul Fiker, Hélio Fernandes, José Carlos Dias, Anthony Cristo, Carlos Alberto Sardemberg, João Ubaldo Ribeiro, Raquel Santilli, Gustavo Praça, Leão Serva, Claudio Abramo.

**Editores regionais:**

**Rio de Janeiro:** Mário Augusto Jakobskind  
**Rio Grande do Sul:** Hamilton Chaves

**Produção:** Marli C. Gonçalves

**Produção Gráfica:** Carlos Alberto Néri

**Fotografia:** Adriana de Queirós Matoso

**Arte:** Glen Martins, Carlos Alberto Néri

**Ilustradores:** Cavani Rosas, Paulo Caruso, Michelle, Duque Estrada, Laerte, Clémen, Luis Trimano, Marcotin, Guto Lacaz, Sálvio, Lapi, Sian, Grilo, Evandro Salles, Lauro Luchesi, Carlos Néri, Emílio Di Biasi, Isabel.

**Revisão:** Sérgio Kraselis, Carlos Vicalvi, Vera de Barros Bella e José Jorge Salles.

**Correspondentes:**

**Brasil:**

Ivan Maurício e Geneion Moraes Neto (Recife)

Francis Valle (Fortaleza)

Nova York: Abdias Nascimento

Espanha: Eduardo Galeano, Eric Nepomuceno

Israel: Marcelo Dascai

**Serviços Internacionais:** Cuadernos Del Tercer Mundo (México)

**Redação:** Rua Dr. Amâncio de Carvalho, 82. Vila Mariana, São Paulo — SP. CEP 04011. Tel. 549-3137 C. Postal 45329

**Administração e Publicidade:** Rua José Antonio Coelho, 814. Vila Mariana. Tel. 549-3137 CEP 04011 São Paulo — SP. C. Postal 45329

**Publicidade Rio de Janeiro:** MEDINA — Representações e Publicidade. Rua Aristides Lobo, 229. Rio Comprido. Tels. 248-8039 e 264-4783.

**Distribuição Exclusiva para Todo o Brasil:** Fernando Chinaglia Distribuidora S/A. Rua Theodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro — RJ. Tel. 268-9192.

**Preço de cada exemplar avulso:** Cr\$ 35,00

**Composição:** Editora Jornalística AFA. Av. Liberdade, 704. Tel. 278-9010

**Fotolito:** Editora Jornalística AFA.

**Impressão:** Editora Obelisco Ltda. Rua Anhanguera, 66. Barra Funda. São Paulo — SP. Tel. 66-3095.

**Singular & Plural é uma publicação mensal da Global Editora e Distribuidora Ltda.**

**Diretores:**

Luis Alves Jr.

José Carlos Venâncio

Registrada no D.C.D.P. sob o n.º 1.992 — P. 209/73.

**Representante Norte-Nordeste:** Eldorado Nordeste Representantes Ltda.

Av. Dantas Barreto, 564, 11.º s/1104 — Tel.: 224-6820 — Recife — PE.

**Fotolito de Capa:** Panorama Foto Reproduções Ltda. Rua Dr. Zuquim, 1031 — Santana, São Paulo. Tel. 267-3430.

**SINGULAR &**

# PLURAL

ABRIL 1979 — N.º 5

3 Histórias **Marcos Faerman**  
 4 Por Dentro

## NACIONAL

8 O Vice-Rei do Brasil **Augusto Nunes e Maria Inês Zanchetta**  
 11 Golbery e eu: «amor à primeira vista». **Hélio Fernandes**  
 15 Cuidado: a «abertura» vem aí! **Mário Augusto Jakobskind**  
 16 O Brasil: entre a tolerância e a Democracia **Conjuntura**  
**Carlos Alberto Sardemberg**  
 18 Contra Informação **Eliane Castanhede**  
**Abdias Nascimento**  
 22 Espionagem **Ana Lagôa**  
 O Jogo das Promoções  
 Todo Poder à Mulher Negra

## CULTURA

25 Humor X Ditadura **Humor**  
 A Importância dos Humoristas **Cláudio Willer**  
 O Chargista que causou Tumulto **Jacob Klintowitz**  
**Marli Gonçalves**  
 33 BOPP — BOPP — BOPP — BOPP (vamos curtir a música **Mirna**  
 maravilhosa do poeta Raul Bopp) **Grzych**  
 37 Situações

## NOSSA ÉPOCA

41 O Outro Mundo dos Paulistas **Raul Fiker e Ricardo Pinheiro Lopes**  
 56 Ele nunca esteve tão vivo **Rádio**  
 A Crônica da Palavra Assassinada **Isabel Vieira**  
 As Rádios Livres Populares **Arnaldo Spindel**  
**Félix Guattari**

## INTERNACIONAL

68 China X Vietnã: Nem Vencedores nem Vencidos **Cláudio Abramo**  
 76 A Guerra Permanente **Rodolfo Konder**  
 77 Etiópia: A Revolução Desconhecida **Raúl Valdez Vivó**

E MAIS: A JARARACA: oito páginas de Humor-Loucura

**CAPA:** Criação de Glen Martins  
 Desenho de Paulo Caruso



# NACIONAL

S&P publica um dossiê sobre um homem que mais influenciou a história recente do Brasil. Um jogador que manipula a arte da política e é conhecido nos bastidores do poder como O Bruxo. Um homem que manobrou para a subida do General Figueiredo, e que sabe que com toda a sua força jamais será presidente.

Uma história cheia de segredo de um personagem que, para uns, é agente da CIA e, para outros, tem partes com Moscou. Quem é ele, afinal? Passamos a nossos leitores dois perfis de Golbery do Couto e Silva.

Um dos repórteres Augusto Nunes e Maria Inês Zanchetta, outro, de Hélio Fernandes, diretor da "Tribuna da Imprensa".



## O VICE-REI DO BRASIL

Por Augusto Nunes e Maria Inês Zanchetta



**(A história de Golbery do Couto e Silva, um homem que sabe para onde o vento sopra - e que hoje é o virtual Primeiro-Ministro de nossa República).**



Foi só o presidente Ernesto Geisel nomear o general Golbery do Couto e Silva para a chefia do seu Gabinete Civil e a crônica política já se assanhou: lá estava o sucessor, o quinto nome da linhagem desovada em 1964, outro Homem. Seria, quem sabe um justo prêmio ao aluno brilhante das escolas militares, o intelectual que ajudou a consolidar a Escola Superior de Guerra, o pai do Serviço Nacional de Informações — e, a partir do momento em que se começou a costurar o governo Geisel, em meados de 1973, também o arquiteto da distensão. Só que Golbery sabia desde sempre que não estava inscrita em seu destino a presidência da República. Alvo de ódios e amores igualmente densos, catalisador de paixões e arrebatamentos, ele sempre soube que não seria jamais o primeiro, mas o segundo entre os príncipes do Brasil. O vice-Rei.

Em 1974, sussurava-se nas redações que Golbery seria o sucessor de Geisel; enquanto isso, a trama que conduziria o general João Baptista Figueiredo ao poder ia sendo tecida justamente pela velha fiandeira instalada no Gabinete Civil. Figueiredo sempre foi o candidato de Golbery, um homem que sabe para onde o vento sopra. A estratégia da sucessão de Geisel foi toda ela coordenada pelo silencioso general — o Bruxo, murmuram jornalistas fascinados pelas precisas manobras de Golbery. Figueiredo ganhou um mandato de seis longos anos. E, até 1985, Golbery será o Primeiro-Ministro de Figueiredo.

— O segredo de Golbery? Ele é o

maior especialista em Ernesto Geisel.

A frase do ex-ministro Severo Gomes não explica tudo. Sim, pelo menos, desde 1953 os então coronéis Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva parecem convencidos de que a História os juntou para que salvassem o país dos maus brasileiros. Nos tempos da ESG, os dois passavam horas discutindo o que era bom para o Brasil, as conversas o Brasil, as conversas frequentemente invadiam a madrugada. Em 1964, vitorioso o golpe de Estado que teve em Geisel e Golbery dois aplicados conspiradores, a dupla levou seus conceitos para o poder. Geisel foi para a chefia do Gabinete Militar de Castello Branco, Golbery pôde dedicar-se à montagem do SNI. (Nos quinze anos seguintes, muito sealaria da criatura e seu criador.) Quando o general Arthur da Costa e Silva, à época o ministro da Guerra, resolveu impor sua candidatura à presidência, Golbery e Geisel tentaram convencer Castello de que a solução seria demitir o ministro rebelde, Castello hesitou, Costa e Silva acabou presidente e Geisel e Golbery caíram do galho. Mas voltariam.

Geisel voltou primeiro, convidado por Emilio Medici para a presidência da Petrobrás. Golbery ficou curtindo seu doce exílio na presidência da Dow Chemical, tentacular multinacional do ramo de medicamentos. Em termos empresariais, um ótimo negócio para a Dow. Apesar de indisposto com os homens do governo, Golbery conservou seu bom trânsito junto ao poder. Quando pedia favores, só os exageradamente honestos e os politicamente miopes recusavam: e se o Bruxo voltasse ao poder?

Voltou em 1974, para desconolo de seus muitos inimigos, entre eles, o ex-presidente Médici. Conta-se que estava tudo arranjado para a indicação de Ernesto Geisel como candidato à presidência quando Médici lembrou que poderia estar, com isso, asphaltando o caminho de regresso para Golbery. Virou-se para o general João Baptista Figueiredo, seu chefe do Gabinete Militar e interrogou:

— Como estão as relações entre o Alemão e o Golbery?

Esperto, Figueiredo replicou que não estavam boas. Médici afinal decidiu endossar a candidatura Geisel e foi o que se viu: cinco anos de vice-reinado para Golbery. Arquetou a estratégia da abertura (sabe para

onde sopra o vento), colaborou na redação de discursos presidenciais e participou de todas as grandes decisões do governo. Do «pacote de abril» à revogação do AI-5, das cassações de mandatos à suspensão da censura à grande imprensa — nada se fez sem que lá estivesse o dedo de Golbery. Severo Gomes pôde vê-lo em ação:

— Ele é muito discreto, nunca tentou impor suas opiniões ao presidente. Fica só de longe, mexendo os cordéis.



Não foram cinco anos tranquilos. Primeiro, foi o descolamento da retina que o afastou do Gabinete Civil entre maio e julho de 1975, e que quase apressou sua aposentadoria. Depois, Golbery foi submetido ao violento assédio da extrema-direita das Forças Armadas, que vivia espalhando pelos quartéis panfletos e documentos em que o apresentavam como inspirador de «tendências comunizantes no seio do governo» e responsável por grossas negociatas. Mais tarde, os inimigos se materializaram. O general Sylvio Frota, ministro do Exército, pediu a cabeça de Golbery (e acabou no cadafalso). O general Hugo de Abreu, chefe do Gabinete Militar, acusou abertamente Golbery de crimes e pecados variados (hoje, Hugo Abreu está de pijamas). Olímpico, continuou na sua batida de pelo menos quatro conversas por dia com o presidente Geisel. E nos próximos seis anos vai conversar diariamente com Figueiredo. Como se vê, não é bom negócio brigar com Golbery.

Um que não levou a sério a advertência foi Carlos Lacerda. Em 1965, irritado com o então chefe do SNI, Lacerda chamou-o de «recortador de jornais». Em seguida, subiu o tom: segundo o acusador, Golbery era «fascista». Aveso a polêmicas, o general não respondeu. Mas tratou de engordar a ficha de Carlos Lacerda no SNI, decidido a fornecer subsídios para futuras consultas. Elas vieram em 1969, quando o ex-governador da Guanabara foi cassado e definitivamente afastado da cena política pelos seus antigos aliados de 1964.

Uma das vidraças mais visadas do Planalto, a Golbery todavia repugna o debate público. De 1974 para cá, só no ano passado, contrariando seus hábitos, divulgou uma extensa e irada carta ao senador Roberto Saturnino Braga, do MDB do Rio, que o acusara de utilizar seu cargo no governo para favorecer a Dow Chemical. Fora daí, poucas



frases emitidas por Golbery nestes cinco anos chegaram aos ouvidos do distinto público.

— Segredo só guarda quem não sabe.

Outra, cunhada ainda em 1974, e endereçada à oposição:

— Segurem seus radicais, que nós seguramos os nossos.

Uma terceira, destinada a explicar seu mutismo:

— Temo que o que eu disser possa ser atribuído ao presidente. Posso ser tomado como porta-voz.

Golbery, não faz declarações. Mas fala — e muito — nas demoradas conversas com jornalistas que merecem a graça do acesso ao Gabinete Civil. São poucos, todos ocupando postos-chaves nas redações e presos todos ao juramento de manter reserva sobre o que ali se conversa. Nesses colóquios, Golbery não apenas discorre sobre os problemas do país e a arte da política como aborda outros temas com uma desenvoltura que o transforma num militar decididamente atípico. (Sabe, por exemplo, dissertar longamente sobre música erudita, pintura. Até mesmo literatura russa). Algumas teses nascidas nessas conversas ficaram famosas. Por exemplo, a de que Geisel representava a esquerda nas Forças Armadas.



Em 1961, no dramaticamente curto governo de Jânio Quadros, Golbery era o secretário do Conselho de Segurança Nacional e já exercitava com largueza seu gosto por relatórios secretos. Já exibia, também, a lendária discrição. «Eu só via o coronel Golbery se esgueirando pelos corredores», lembra o ex-secretário-particular de Jânio, José Aparecido de Oliveira. «Ele andava com pés de veludo. Acho que, da equipe de então, só o presidente o conheceu». Golbery gostava de Jânio. (Dizem que ainda gosta. Tanto que existe nas gavetas do Gabinete Civil um plano destinado a ressuscitar o ex-presidente, de preferência à frente de um partido com tinturas populistas e, naturalmente, aliado ao governo. Aliás, Golbery tem certa queda por exumações políticas. Pois não foi dele a idéia de recolocar em circulação a ex-deputada Ivete Vargas, travestida de porta-estandarte de uma dissidência do PTB?).

À primeira vista, há poucos traços comuns ao amalucado Jânio Quadros e ao sóbrio Golbery. Mas pelo menos uma afinidade emergiu numa circular dirigida por Golbery, em agosto de 1963, aos alunos da ESG, e mais tar-

de transcrita pelo brazilianist Alfred Stepan em seu livro «Os Militares na Política». Dizia a circular: «Porque a ESG está organizada para analisar os problemas do país e pensar em soluções para eles, é natural que, se um governo é muto fraco, a ESG estará contra ele. Porque os governos de Vargas, Kubitschek e Goulart eram fracos, a ESG era naturalmente contra eles. Nós nunca assumimos uma posição contra ele». A Golbery, como se vê, parecia fascinar a faceta autoritária do messias da Vila Maria.

Quando Jânio renunciou, Golbery encomendou a Adonias Filho um ato adicional que formulasse em linguagem jurídica o impedimento do vice-presidente João Goulart. Adonias transferiu a encomenda a Prudente de Moraes, neto, que a aceitou. Mas era tarde: fôra aprovada a emenda parlamentarista e Jango já se instalara no Planalto. Golbery, então, general-de-brigada, preferiu passar para a reserva, mas não deixou de rondar os quartéis. Além de seguir pregando na ESG (ele integra o Corpo Permanente da escola), ligou-se ao Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais, o IPES, peça muito importante na conspiração que desaguaria em 64. Dirigido por empresários visceralmente anticomunistas, e sustentado por contribuições de homens-de-negócio alarmados com a retórica esquerdista de Goulart (em dois anos, foram arrecadados 4 milhões de dólares), o IPES montou um «Serviço de Inteligência» que infiltrou agentes em organizações ligadas ao governo, espalhou gravadores pelo país e panfletos pela caserna, redigiu montanhas de relatórios secretos. Quem estava à testa do «Serviço de Inteligência» do IPES?, Ele, naturalmente.

Em setembro de 1967, entrevistado por Alfred Stepan, Golbery revelou que havia extraído uma preciosa lição da fracassada tentativa de evitar a posse de João Goulart depois da renúncia de Jânio:

— 1961 foi um desastre para as Forças Armadas. Decidimos que só daríamos um golpe para derrubar Goulart quando a opinião pública estivesse claramente a nosso favor.

Datam de 1967, por sinal, as últimas entrevistas concedidas pelo general. A Alfred Stepan, ele falou sobre a figura de Goulart, um de seus fantasmas preferidos:

— Jango não era esquerdista. Era um fazendeiro oportunista. Não era nem mesmo um caudilho como Vargas, que era um caudilho suave, ou Brizola, que era um caudilho mais ousado. Jango tentou usar as organi-

zações operárias para seus próprios propósitos. Como os comunistas estavam infiltrados no movimento operários, Jango tentou usá-los também.

Foi ainda em 1967 que Golbery concedeu uma de suas raríssimas (e a última) entrevista a um jornalista brasileiro. Agastado com a sua recente queda do poder, o ex-chefe do SNI («Não dou entrevistas; eu as faço», costumava dizer quando comandava o órgão) mandou um recado ao presidente Costa e Silva e seus aliados; através do repórter Maurício Caminha de Lacerda, de **O Jornal**:

— A doutrina e a política de segurança nacional não são absolutamente instrumentos para afundar o Brasil na ditadura ou no militarismo. Ela não possui princípios antidemocráticos, ranço militarista ou espírito ditatorial.

O recado foi dado em má hora. Um ano e meio depois, o AI-5 se encarregaria de mostrar que Golbery se equivocara.

Em 1967, enfim, foi lançado o livro «Geopolítica do Brasil», que Golbery começou a escrever ainda nos anos 50. Não se trata de leitura amena: o texto do general tem cintura dura, é quase sempre empolado. Mas vale a pena incursionar pelo pensamento de Golbery. Veja-se um dos trechos do livro:

**«A liberdade democrática é um valor inestimável para a civilização do Ocidente e renegá-la, em face do agressor totalitário, seria, no fundo, confessar-se priori vencido».**

Alguns conceitos enunciados em «Geopolítica do Brasil» foram assimilados no National War College, dos EUA, que Golbery cursou nos anos 40 em companhia de outros capitães da época — entre eles Ernesto Geisel. O espectro da «Guerra Fria», por exemplo, espreita boa parte das páginas. Mas não se cometa a injustiça de ver em Golbery um anticomunista tipo «será que não há um russo debaixo de minha cama?». Pragmático, amante de raciocínios mais refinados, já em 1961, no governo Jânio, ele scandalizava companheiros de farda ao defender a adoção de uma política interna independente. No governo Geisel, ele apoiou — de novo contra o pensamento da cúpula militar — o reatamento de relações diplomáticas com a China, reconhecimento do governo independente de Angola, o voto anti-sionista na ONU e outras ousadias da dupla Geisel-Silverinha. Golbery também acha que as nações não tem amigos, mas interesses.

No plano interno, é verdade, Gol-

bery se mostra bem mais conservador. Mas é capaz de provocar agradáveis surpresas em conversas com um Ben Bradlee, o editor do *Washington Post* que em 1975, esteve durante 40 minutos com o chefe do Gabinete Civil:

— Eu esperava encontrar um general sul-americano, truculento, limitado intelectualmente. Me surpreendi. Ele é um intelectual, culto, dedicado.

Surpreendente Golbery. Os que com ele conversam deixam o Gabinete Civil a um passo do deslumbramento. Mas, então, existe no Brasil um general que fala inglês, francês, espanhol e alemão? Como é que pode um militar com tão vasta cultura e fino humor? Todos gostam de contar histórias sobre Golbery e seu apreço pelo saber. Diz a lenda que em novembro de 1955, preso por aliar-se ao grupo que desejava impedir a posse de Juscelino na presidência, ele dedicou toda a semana passada na prisão à leitura de Arnold Toynbee, o historiador inglês. Leitura adequada: segundo Toynbee, o destino dos povos está nas mãos de suas elites, a «minoría criadora». Quando tal minoria não encontra respostas corretas para os desafios da História, é obrigada a recorrer à força. Então, deixa de ser «minoría criadora»; passa a ser «minoría dominadora». As semelhanças entre as teses de Toynbee e o comportamento dos donos do poder no Brasil serão mera coincidência?

Foi sempre assim. Nas escolas militares, Golbery era apenas sofrível nos exercícios físicos, mas garantia médias excelentes com as suas notas nas disciplinas que exigiam boa cabeça. Na

Itália, com as tropas da FEB, aproveitava os momentos de folga para visitar museus, e lia muito sob a luz fraca das tendas dos acampamentos militares. Hoje, os problemas na retina impedem que dedique inteiramente à leitura o tempo que passa livre na Granja do Ipê, onde vive recluso com a mulher, dona Esmeralda. Ali, recebe meia-dúzia de amigos. Um deles é o aplicadíssimo discípulo Heitor de Aquino Ferreira, ex-secretário particular do presidente Geisel e, agora, secretário particular do presidente Figueiredo. (Prestem atenção em Heitor, que o moço promete: desde os tempos do governo de Jânio Quadros, afinal, ele convive e aprende com o mestre).

Sem condições físicas para ler tanto quando desejaria, Golbery observa para onde sopra o vento e pensa. Entre as 6 e meia da manhã, quando já está de terno e gravata à mesa do café, diante das frutas frescas de que não abre mão e o incerto momento de dormir, esse gaúcho de Rio Grande, dedica boa parte do tempo à reflexão. Ama jogar o xadrez do poder, e medita com vagar, deliciado, cada um dos movimentos. Sabe que, aos 69 anos, já não está em idade de perder partidas. Não perdeu nenhuma ao longo do governo Geisel. E pretende ganhá-las todas até o fim do governo Figueiredo. O país que se prepare: Golbery parece em plena forma.

Um deputado federal do MDB paulista, recebido há pouco tempo no Gabinete Civil, saiu de lá convencido de que a esquerda brasileira será sempre anêmica se não dispuser de cére-

bro assim poderosos a coordenar suas ações:

— O estrategista da direita é o Golbery, que assimilou todas as lições de Maquiavel. E não existe na esquerda nenhum quadro equivalente a ele.

O deputado talvez estivesse demasiado deprimido. Mas a verdade é que o Bruxo tem colecionado jogadas brilhantes. Foi um dos primeiros a perceber, por exemplo, que o regime autoritário já se esgarçava irremediavelmente e que os principais beneficiários da distensão seriam os próprios donos do poder; convinha comecá-la, antes que a sociedade tomasse o freio nos dentes. Percebeu, também, que uma abertura sob controle, antes de mais nada, traria de volta para as asas do regime alguns trânsfugas da aliança forjada em 1964. E entendeu que era hora de devolver a voz à sociedade civil; até que ela engrosse, afinal, alguns anos passarão. Golbery sempre intui a hora de ceder os anéis.

E agora, o que nos reserva o General do Silêncio, o General da Distensão, o Vice-Rei do imperial Ernesto Geisel, o Primeiro Ministro de Figueiredo? Até agora, ele vem apostando na abertura. Mas sempre há o risco de que, ampliado o espaço político, o povo resolva andar com as próprias pernas. Então, os alunos de Toynbee poderão deduzir que a minoria criadora não logrou encontrar a resposta correta para um desafio da História. Teria chegado o momento de recorrer à força: a minoria criadora vai-se transformar em minoria dominadora, porque o essencial para as elites é conservar o poder. A qualquer preço.

# Golbery e eu: "AMOR À PRIMEIRA VISTA"

por Hélio Fernandes

Hélio Fernandes acompanhou toda a estratégia política de Golbery do Colt e Silva de 1945 para cá. E conta de suas conspirações, normalmente fracassadas. A história de um "amor" entre duas pessoas que jamais se viram ou se falaram.

O General Golbery e eu tivemos um caso típico de "amor" à primeira vista. Só que nunca nos vimos, jamais nos falamos, nunca estivemos nem perto um do outro. E quanto a "amor", bem, a perseguição implacável que o General Golbery me moveu nos últimos quinze anos quando estava sempre no poder (com ligeira e inesperada interrupção) é mais eloquente do que qualquer declaração pública ou particular. Sempre

hostilizei o General Golbery e sempre fui hostilizado por ele. Em todos os momentos. Em todas as situações. Nas mais diferentes circunstâncias ou emergências.

A única diferença entre a nossa hostilidade é que eu sempre lutava por uma causa, o General Golbery sempre defendia interesses ou posições. Eu estive na oposição legal, franca, aberta e corajosa a todos os governos. O Gene-

“Em 1950, espalha que é um intelectual, usa óculos de lentes finas aparentes, que na época eram tidos como óculos de intelectuais (mas nem assim consegue sucesso).



ral Golbery ou participava desses governos ou conspirava para derrubá-los, mesmo ou principalmente estando servindo a estes mesmos governos. O General Golbery jamais fez oposição. Ele sempre conspirou. Mas sempre conspirou participando de qualquer forma dos governos, o que é uma forma mais do que visível de traição. Mas, curiosamente, o General Golbery perdeu todas as conspirações enquanto estava na ativa do Exército, e só foi ganhar a sua primeira conspiração, que lhe valeu um prêmio para toda a vida, uma mordomia eterna e a presidência perpétua da *Dow Chemical* (uma das mais nefastas multinacionais) depois de já ter passado para a reserva há 13 anos, quando já ninguém falava ou pensava em Golbery. Mas esse conspirador nato e vocacional continuou conspirando na reserva. Mesmo no ostracismo, não descansou um minuto até conseguir chegar realmente ao Poder. Até 1964, Golbery andou na periferia do Poder, serviu a muitos governos, raramente estava na tropa, que não era na verdade, o seu meio e o seu ambiente. Ele não gostava nem gosta do “cheiro do povo” (embora não possa dizer com segurança se pelo menos gosta do cheiro de cavalos) e por isso desde moço se refugiava em gabinetes, no início quase sempre militares.

Assim, quando explodiu a Segunda Guerra Mundial e o Brasil em 1942 se preparava para enviar a Força Expedicionária para a Itália, Golbery estava muito bem situado em poltronas confortáveis de magníficos gabinetes, embora ainda fosse capitão. Mas ele sempre soube arrumar as coisas para si mesmo desde cedo. Não foi convocado, não se apresentou voluntariamente, mesmo sabendo que no Exército havia uma verdadeira corrida para participar da FEB da própria guerra, pois era a primeira vez que toda aquela geração de militares participava de uma guerra, “via” uma guerra, “sentia uma guerra”. E se a guerra é a realização do militar, pois na verdade ele se prepara incessantemente, dia após dia, precisamente para essa emergência de uma guerra, não participar da única que

existiu é praticamente fugir de si mesmo e da sua profissão.

Mas o General Golbery sempre gostou de conforto, de ternos bem cortados, daquele ar fingido e cansado de intelectual, a guerra era muito cansativa e estafante e ele tinha outros planos para si mesmo. À última hora modificou ligeiramente esses planos, quando, já terminada a guerra, partiu o último escalão da Força Expedicionária, Golbery aproveitou então a oportunidade de ir à guerras participar dela, e arranhou lugar neste último escalão, que era de depósito, e foi à Itália passear e ganhar em dólares, recebendo cinco vezes o que recebia no Brasil, que era o pagamento destinado aos verdadeiros combatentes. Um dado curioso é que os três generais *Geisel* (Henrique, Orlando e Ernesto) e os três generais *Figueiredo* (João, Euclides e Diogo) também não tenham ido para a guerra, tenham todos ficado longe dos acontecimentos. Coincidência? Previsão? Planejamento cuidadoso? Não importa. A verdade é que nenhum deles foi para a Itália, todos ficaram muito amigos, apesar da diferença de idade entre alguns deles.

Os *Geisel* e os *Figueiredo* tinham outro ponto em comum com o então Capitão Golbery além desse de não gostar da guerra, o que seria muito correto e muito louvável, se eles não fossem militares. Mas eram militares e nenhum deles gostava da guerra, o que os aproximou bastante. Também tinham acendrado e exagerado amor às poltronas dos gabinetes, e nas vezes em que estiveram na tropa, muito no início das carreiras, foi para cumprir irremovíveis exigências regulamentares. Ainda assim, sempre arranjavam mais facilidades do que os outros, a ponto dos *Geisel*, Orlando e Ernesto, e o próprio Golbery serem tidos como “aristocratas” do Exército.

Curioso é que tendo eu sido amigo e ligadíssimo a Carlos Lacerda de 1950 a 1968 (amigos e companheiros) mesmo nos mais difíceis vendavais, mesmo com as nossas às vezes invencíveis divergências e removíveis convicções conflitantes, e tendo nesta mesma época e até muito antes disso, Carlos Lacerda e

Golbery sendo intimíssimos e amicíssimos, nossos caminhos, meu e de Golbery, terem se cruzado, jamais tenham sido paralelos. Daí, essa hostilidade que nos separou antes de nos conhecermos, daí todo esse ódio que Golbery despeja em cima de mim com a sua atualmente formidável capacidade de odiar, de intrigar, de destruir e de conspirar.

Curiosamente, todas as conspirações de Golbery foram antidemocráticas. Era mais do que uma constatação. Era e é uma vocação. A primeira conspiração legitimamente democrática de nosso tempo, a conspiração para derrubar o Estado Novo em 1945, não contou com a menor participação de Golbery. E não se diga que ele era muito moço, pois já tinha então 33 anos de idade. Carlos Lacerda, civil, e então com 30 anos teve importante participação no movimento que derrubou a longa ditadura de quinze anos. Mas Golbery “enxergou” o caráter democrático da revolução de 1945, não acreditou na derrubada de Vargas, e deixou-se ficar pela primeira e única vez numa confortável “legalidade”. Não quis arriscar por dois motivos. Primeiro, que não queria arriscar nada àquela altura. Segundo, que sua vocação não era lutar pela democracia, e ele desejava marcar essa posição desde os primeiros momentos. E marcou para sempre. A partir daí participou de todos os movimentos, sempre contra a “legalidade”, contra o poder legitimamente constituído.

Sua carreira vai se fazendo morna e triste, suas promoções vão pingando lentamente, ele marca passos. Depois da derrubada do Estado Novo, a Constituição de 1946 se firma, se consolida, se garante, e Golbery não tem chance. Em 1950, ainda é capitão, não vê nenhuma possibilidade de ascensão rápida, ele espalha que é um intelectual, usa óculos de lentes finas com aros brancos aparentes, que na época eram tidos “como óculos de intelectuais” (mas nem assim consegue sucesso). Mas nesse ano surge a primeira oportunidade de conspiração antidemocrática. Foi também sua primeira ligação com Carlos Lacerda. Eleito Getúlio para a presidência da república em 3 de outubro de 1950 (a primeira eleição realmente democrática e pelo voto direto de Getúlio), Carlos Lacerda lança a campanha da maioria absoluta. Tendo Getúlio ganho as eleições, mas não tendo obtido mais de 50% dos votos, Carlos Lacerda achou de discutir a validade da eleição de Vargas e lançou a tese da maioria absoluta, que era rigorosamente ilegítima e ilegal. Mas Golbery se juntou a ele, Carlos Lacerda, como sempre, certo ou errado, de peito

aberto e em campanha franca e ostensiva, Golbery como era também de seu gosto e feitio, conversando nos quartéis, conspirando, procurando dar sustentação militar à tese de Carlos Lacerda.

Foi um momento fugaz e que passou rapidamente. Eleito, podendo oferecer altos cargos a generais, brigadeiros, almirantes e ilustres civis da situação e até da oposição, Getúlio não teve muita dificuldade em liquidar o movimento. Aliás, a tese da maioria absoluta foi destruída com uma simples entrevista do general Estilac Leal, então um dos generais de mais prestígio no Exército. Convidado sigilosamente por Vargas para ser o Ministro da Guerra, Estilac aceitou, e começou logo com uma entrevista em que arrasava a tese contra a posse de Vargas. Como Estilac tinha realmente muito prestígio e como Golbery ainda não tinha acesso aos altos escalões, a conspiração morreu ali mesmo. Vargas tomou posse, a vida seguiu o seu curso, mas ficou a semente do que seria mais tarde a avassaladora campanha de Carlos Lacerda contra Getúlio, e ficou na terra também uma plantinha que durou algum tempo. Mas nunca chegou a crescer e a florescer como Golbery esperava: a sua ligação com Carlos Lacerda. No entanto, de 1951, quando Vargas tomou posse, até o final de 1953, início de 54, quando Lacerda montaria a mais colossal campanha já feita no Brasil, ele e Golbery foram bastante íntimos. E eu, como até hoje, sem falar uma só vez com Golbery.

1954, 1955, 1961 são os pontos altos de Golbery como conspirador da ativa, mas ele perde as três batalhas seguidas. Em 1954 já era major, em 1961 era tenente-coronel recente com 49 anos, o que significava uma carreira das mais atrasadas. Com 40 anos, Cordeiro de Farias já era general, já fora para a FEB como general, Golbery aos 49, ainda era tenente-coronel. Isso o irritava, levava-o ao desespero. 1954 é uma montagem fabulosa feita exclusivamente por Carlos Lacerda, mas novamente Golbery se associa à conspiração. Carlos Lacerda usa pela primeira vez a televisão como instrumento de comunicação e esse instrumento que estava aparecendo no Brasil e no mundo (só surgiu depois da Segunda Guerra Mundial) provou que em mãos capazes era diabolicamente destruidor. E Carlos Lacerda encontrou na televisão, mais que no jornal, o seu verdadeiro meio de expressão. E Golbery indo junto com ele. Acontecem todos aqueles fatos do início de agosto de 54, matam o jornalista Nestor Moreira, assassinam o Major Vaz, o país está num clima perigoso de conspiração e de pré guerra

civil. Golbery já antevê o poder, a aceleração de sua carreira, a conquista dos postos tão almejados, a promoção rápida até chegar a general. Chegando a general, pensava sempre Golbery, "estarei no topo da montanha e de lá ninguém me tira mais".

É possível que fosse mesmo verdade, que todos esses sonhos se transformariam em realidade. Mas na madrugada de 24 de agosto de 1954, já virtualmente derrubado, Getúlio Vargas acabou com a festa de todo mundo, com um simples tiro no coração modificou completamente a situação. Então, os que já estavam na casa do vice-presidente Café Filho, festejando a vitória, entre eles Golbery, entre um gole e outro de champanha, receberam a notícia do suicídio de Vargas. Pânico total, debandada geral, o povo enfurecido caçava os conspiradores na rua. E Golbery se escondeu amargurado, ressentido, vencido, ninguém sabia onde tinha errado, nem Golbery nem os outros conseguiram identificar onde era que tinham pressionado demais, levando Getúlio ao suicídio, e ao gesto sensacional de transformar os ganhadores em perdedores no momento exato em que eles se preparavam para aterrissar sobre o Poder. Mais uma vez para Golbery o acabrunhamento, o desânimo, a derrota, a vitória não chegará nunca, e ele estará fadado sempre ao insucesso e a tristeza de acumular derrotas?

Faz o Curso de Estado Maior (precisa fazer alguma coisa), se relaciona melhor, procura corrigir o atraso com as sucessivas derrotas. Surge então 1955, e com ele todas as articulações contra a candidatura, contra a eleição e depois contra a posse de Juscelino Kubitschek. Na primeira linha dos que lutam contra Juscelino, Carlos Lacerda e seu "fiel" escudeiro Golbery. Nova campanha tremenda de Carlos Lacerda, novas articulações de Golbery nos quartéis, o tumulto total. Mas Juscelino não era brincadeira, sofreu uma pressão terrível de todos os lados, mas não se abateu.

Um dia, ainda nem candidato, com todo o PSD atropelando a própria candidatura de Juscelino, com os grandes possedistas apavorados com o desfecho da situação, indo para minha casa no meu carro, Juscelino me dizia, tranquilo, impávido, altaneiro, lúcido: "*Olha, Hélio, podem me derrubar antes da eleição, podem até impedir que eu seja candidato, mas depois da eleição, depois da minha vitória e eu vou ganhar fácil, ninguém mais me tira a presidência*". Foi exatamente o que aconteceu, para desespero do então major Golbery. Juscelino resistiu a tudo, saiu candidato, foi eleito e tomou posse. É bem verdade que os mesmos "golberistas"



derrotados em 1954 preparavam outro golpe em 1955, no dia 11 de novembro, mas foram esmagados. O Exército era legalista, apesar de todas as pressões, e a verdade é que Juscelino era a legalidade. Ele ganhara a eleição e disputando com adversários fortíssimos.

Golbery (ainda não do *Colt*, nem da Dow) amargou mais uma derrota, voltou à expectativa e ao desânimo de antes. Ninguém esperou que Juscelino governasse, que chegasse ao meio do mandato, que atingisse o final de seu período. Mas Juscelino era um liberal nato, era um realizador, era uma força da natureza e foi levando tudo de roldão. Faziam um movimento contra ele e logo vinha o próprio Juscelino com a anistia imediata, total, ampla, sem restrições, nem ressentimentos, nem ódios, que ele não tinha tempo para isso. Pois Juscelino foi até o fim do mandato sem dar chance a Golbery de fazer nenhuma conspiração. Mesmo com a única bobagem de seu governo, que foi a tentativa de cassação do mandato de Carlos Lacerda, quando Juscelino se deixou convencer por muita gente que conseguiria os dois terços necessários à essa cassação, considerada indispensável. Foram cinco anos de ostracismo para Golbery, pois o mandato de Carlos Lacerda não foi cassado. Juscelino acatou tranquilamente a decisão do Congresso e não houve nenhum tumulto. Veio a eleição, Juscelino foi derrotado, passou o cargo ao adversário vitorioso (Jânio Quadros) e se preparou para voltar ao Poder em 1965, em nova eleição direta, cinco anos depois.

Mas ninguém poderia contar que um homem eleito com mais de seis milhões de votos fosse renunciar como Jânio renunciou, e Golbery que era então do Conselho de Segurança, aproveitou a oportunidade para mais um golpe contra a legalidade. Na renúncia de Jânio, em 1961, a legalidade estava com o vice João Goulart, eleito pela segunda vez e que não tivera condições de assumir o



cargo uma só vez durante o mandato de Juscelino, e iria assumir agora com a renúncia de Jânio Quadros. Mas Golbery fez força (ele, Carlos Lacerda, os Geisel e muitos outros) para que a legalidade fosse golpeada e novamente a ilegalidade se fizesse presente. Mas a força do Exército era a união dos quatro Exércitos, e nessa oportunidade, como em outras, os quatro comandantes de Exército não estando de acordo, nada se fazia. O General Machado Lopes, então comandante do 3º Exército ficou a favor da posse de Jango, os outros não quiseram expor o país ao perigo de uma guerra civil, e depois de 30 dias dramáticos, eis o Sr. João Goulart empossado. Teve que fazer muitas concessões, as conversações levaram 30 dias e uma fortuna em telefonemas internacionais, mas finalmente João Goulart foi eleito presidente. Para isso ele era vice, para substituir o presidente nos seus impedimentos ocasionais ou definitivos. E não há nada mais definitivo do que uma renúncia, nada mais pessoal, nada mais representativo, do que uma vontade claramente manifestada.

Era a terceira derrota seguida, Golbery estava com 50 anos e ainda era tenente-coronel, resolveu aproveitar as duas promoções a que tinha direito por

lei, e passou para a reserva como general. Daí o fato de amigos meus ficarem furiosos quando eu escrevo "general" Golbery. Pois na verdade ele é um tenente-coronel beneficiado pelas leis que o deputado Benjamin Farah fazia incansavelmente. Na renúncia de Jânio, como nos outros episódios, sempre fiquei do lado oposto ao de Golbery. Sempre. Invariavelmente. Convictamente. Quando Jânio renunciou, eu escrevia no Diário de Notícias, e durante todo o tempo que durou a tentativa de impedimento de Jango, fiquei decididamente a favor de sua posse. No dia em que ele tomou posse escrevi um artigo dando por encerrada a minha missão, e dizendo que passava imediatamente para a oposição e as razões do meu gesto. Eu achava que João Goulart não estava preparado para exercer o mandato e dificilmente chegaria ao seu final. Não era uma previsão. Era uma constatação.

Golbery e Carlos Lacerda romperam então, Carlos Lacerda acusou Golbery de "ter jogado fora a terceira vitória seguida" (textual) e nunca mais se falaram. Em 1964, Carlos Lacerda e eu estávamos em oposição violentíssima a João Goulart, mas João Goulart estava também em oposição violentíssima a

mim e a Carlos Lacerda. Eu fui, aliás, o único civil preso no governo João Goulart; pediram quinze anos de prisão para mim, me enquadraram na Lei de Segurança (todos os governos me enquadraram, mas eu sempre ganhei). Mas ganhei no Supremo por cinco a quatro e fiquei preso apenas uma semana. "Apenas".

Golbery estava na reserva, não tinha nada com coisa alguma, entrou na conspiração porque era contra a legalidade, e porque aí já estava a serviço das multinacionais. Ele conheceu essas multinacionais e, com ela travara relações mais do que amistosas, quando estivera no IPES, um grupo mais do que estranho, uma espécie de Tradição, Família e Propriedade, com mais recato e menos barulho. Me lembro do dia em que, sitiados no Palácio Guanabara, o General Salvador Mandim (herói da FEB) veio dizer ao governador Carlos Lacerda que Golbery queria falar com ele ao telefone. Estávamos almoçando, Carlos Lacerda ficou apoplético, esbravejou e acabou por dizer ao perplexo Mandim: *Com esse homem eu não falo, nem agora, nem nunca mais*". E não falou mesmo. Veio o 31 de Março com Golbery vitorioso pela primeira vez, veio o 9 de abril (o golpe



dentro do golpe) com a estrondosa vitória dos grupos multinacionais (Golbery; mais Roberto Campos, que era embaixador de Jango em Washington; com Lincoln Gordon, o liberal de Harvard que tenta esquecer que já foi golpista; com o golpista da CIA muito conhecido dos brasileiros que era o antigo tradutor Wernon Walters; e outros menos votados). A 9 de abril de 1964, aos 53 anos, já na reserva há três anos, Golbery realmente foi para o Poder. Por força e ação de um golpe que foi o que ele fez a vida toda.

"Multinacionou" o Brasil (ajudado pela convicção de Roberto Campos, pela displicência de Castelo, pela cumplicidade de Ernesto Geisel e com o bom comportamento de quase todo mundo). E mandou mesmo, lá no seu gabinete, cumprindo uma refeada e tão longamente segregada vocação de Richelieu sem batina. E eu novamente na oposição. Meu destino. Minha vocação. Minha trincheira de luta e realização. Não me importava ser vencedor num dia, pois no dia seguinte eu já estava na oposição, pois pelo menos no Brasil os governos, todos os governos que eu tenho conhecido tem sido traidores dos próprios compromissos. E como eu não tenho compromisso com ninguém, a não ser com a defesa dos interesses nacionais, me afasto logo de todos os governos, fujo da maldição dos governos traidores, me encastelo na fortaleza da oposição e dali continuo

atirando em todos os traidores. Assim foi mais uma vez em 1964, porque eu não podia acreditar de maneira alguma numa união entre Castelo Branco - Roberto Campos - Golbery - Lincoln Gordon - Wernon Walters - Ernesto Geisel e outros.

E fui logo para a oposição. Carlos Lacerda ainda tentou me segurar, eu quase o convenci a abandonar tudo e "vir comigo", mas Carlos Lacerda ainda levou mais de um ano para atingir o ponto que eu atingira antes, e ficou naquelas conversas intermináveis com Castelo Branco, mas verdade seja dita: sem voltar a falar jamais com Golbery.

Golbery ficou no poder de 1964 a 1967 mandando como ninguém. Tentou articular tudo e preparar o sucessor de Castelo, subestimou Costa e Silva, chamou-o pejorativamente de "trouper" (o que ofendeu todo o Exército) mas foi derrotado por ele que se empossou tranquilamente. De 1967 a 1974 Golbery amargou um novo ostracismo, aí já na comodidade, já "multinacionalizado", já Ministro do Tribunal de Contas, onde se aposentou pela segunda vez (a primeira foi legítima, pelo Exército), comprou um título do Country, onde os amigos tiveram que fazer uma pressão alucinada para ele não receber bola preta, gozou confortavelmente a vida, que na verdade é o que ele gosta. Esse homem sisudo (não confundir com sério), de poucos amigos e de muita capacidade de conspiração,

mas a vida todo derrotado é na verdade um fascinado pelo conforto e pelas coisas boas da vida, não recusa mordomias, tem apenas o prazer e o gozo epicúrico do poder.

Com Médici continuou no ostracismo, pois Médici tinha horror a ele. Voltou "milagrosamente" (aí Deus não foi brasileiro) com Geisel para continuar a "multinacionalização" do país. E permanece com Figueiredo, mas não por muito tempo, pois ou Figueiredo se submete a ser dirigido por este tenente-coronel que passou para a reserva como general, e nunca trabalhou na vida, ou tem que se livrar dele. Golbery, hoje, precisa do poder como um escudo para se defender das inúmeras acusações que pesam sobre ele, e não por coincidência quase todas feitas por esse repórter. Nosso "amor" à primeira vista continua, não sei quem é o Golbery, jamais passei perto dele, nunca falei com ele. E espero que Deus possa me poupar dessa presença e dessa convivência, como estou certo que me poupará. Pois se existe um brasileiro que cumpriu um destino de Tiradentes ao contrário, que sempre esteve contra seu país e seu povo, este homem se chama Golbery do *Colt* e Silva. Eu descobri agora, que ele sempre foi o *Colt* e Silva, mesmo quando não sabia. Isso é destino dos homens que traem até mesmo por simples gravitação. Esse é o destino, a vocação e a glória de Golbery do *Colt* e Silva.

contra —  
informação

# Cuidado, abertura vem aí!...

por Mário Augusto Jakobskind

O autoritarismo que assola o país há 15 anos tem reflexos maiores do que supõe a vã filosofia. Invadiu todas as áreas e dominou a cabeça de muita gente, inclusive de representantes da inteligentia tupiniquim. Em outras palavras: alguns intelectuais, e ou pretensos intelectuais, absorveram o autoritarismo e não admitem críticas ou muito menos a contestação. Isto se reflete sobretudo no meio acadêmico, onde professores que se julgam donos da verdade não estão preparados para a discussão ou para serem questionados. Vão dançar com a abertura, se ela se consolidar de fato.

Poderiam ser citados muitos exemplos concretos deste estado de coisas inerentes ao totalitarismo. Para ficar num deles, vale ressaltar o acontecido numa discussão entre um jornalista (este repórter) e um professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A discussão (ou será troca de idéias?) aconteceu em plena avenida Atlântica e versava sobre o populismo e a figura (tão polêmica) de Leonel Brizola. O professor de comunicação, visivelmente inflamado, achincalhava a figura do ex-Governador do Rio Grande do Sul e vomitava questões teóricas sobre o populismo, misturando alhos com

bugalhos. Mais parecia um velho udentista. Questionado em suas posições udeno-elitistas, o mestre não fez por menos. Não aguentando o questionamento preferiu acabar inesperadamente a discussão com as seguintes palavras: «Não continuo a discussão. Você está muito chato. Mas se quiser sair na porrada estou a fim». Retirou-se antes de cumprir a ameaça.

É secundário saber o nome do mestre. Ele simboliza o dono da verdade, uma figura medíocre que não admite contestações. A sua atitude, agressiva serve no fundo para contrabalançar um sentimento de fraqueza. Neste momento de caminhada para a abertura estas figuras tornam-se perniciosas. Chamar alguém para a porrada no meio de uma discussão sobre conceitos teóricos-políticos é sinal de desespero e temor da mudança. Aceitar o jogo do prepotente mestre é entrar no esquema da provocação. O tipo de crítica feita a Brizola (causador dos males que estão aí, fanfarrão etc e tal) demonstra também que o mestre (e quantos outros mestres udeno-elitistas não estão nessa?) não evoluiu no tempo. Emite conceitos deturpados e provenientes dos que estão no poder. É um professor defasado no tempo, da mesma forma que alguns militares

da retórica da volta ao passado. Se hoje o mestre chama para a porrada, que dirá amanhã quando as coisas estiverem mais definidas e o seu poder (autoritário) mais ameaçado ainda?

O autoritário professor, que posa de intelectual progressista, voltou a lecionar na ECO, possivelmente vomitando as mesmas baboseiras (elitistas) de sempre. Questionar (em sala de aula) quem há de? Já imaginaram um aluno colocando o mestre na parede e este interrompendo o questionador com ameaças de violência? O professor acaba no segundo ou terceiro escalão do governo.

Por estas e muitas outras é que se torna urgente a participação de todos os brasileiros na luta pela abertura e definitiva instalação da democracia (sem adjetivos). A democratização, além de reflexos na política terá profundas influências na cuca das pessoas. Os comunicólogos (tipo daqueles que falam e escrevem em francês, como o referido mestre udeno-elitista) vão ficar com um público menor ainda. Em suma: vão ter que justificar a presença. Quem viver verá a superação dos autoritários elitistas que se escondem sob a capa de intelectuais progressistas. Que este momento chegue o mais rápido possível. — (Mário Augusto Jakobskind — Rio)

**U**ma linha bastante precisa distingue entre tolerância e democracia. O regime brasileiro hoje, se faz tolerante e proclama, de boa fé, propósitos de novas aberturas. Mas as oposições reclamam uma efetiva democratização — e é por isso que o entendimento, ou a conciliação, para usar a expressão do presidente João Baptista Figueiredo, mostra-se sempre difícil. E é por isso também — trata-se de uma conclusão paralela — que as oposições, embora parecendo sempre à beira da fragmentação, têm invariavelmente se encontrado no mesmo barco.

Por exemplo: o regime é tolerante na medida em que reforma a Lei de Segurança Nacional para promover a uma redução geral de penas. Presos deixam a cadeia, exilados, com pena prescrita, voltam ao país. Mas os crimes previstos na nova LSN são os mesmos capitulados na lei baixada em 1969 pela Junta Militar, no auge da luta contra a guerrilha urbana. O que se tornou anacrônico nesse texto — explicam os políticos e teóricos do regime — foram as penas excessivamente elevadas, adequadas ao período de guerra contra o terror. Vencido esse período, abrandam-se as penas, mas se mantém toda a estrutura de uma lei que garante a segurança de um regime de arbítrio. Tentar reorganizar a UNE continua sendo crime (dá seis meses de reclusão), assim como ofender Pinochet.

Foi exatamente por criticar repetidamente a nova LSN — em sua opinião produto da “Psicose deletéria da subversão permanente a justificar a permanência da exceção” — que o general Rodrigo Octavio Jordão Ramos não pôde se eleger presidente do Superior Tribunal Militar. Uma manobra articulada pelo brigadeiro Delio Jardim de Mattos, um dos principais colaboradores do general Figueiredo, levou à presidência o general Reynaldo Mello de Almeida, um homem mais afinado com o Palácio do Planalto. Parece claro a todos que Rodrigo Octávio está longe de ser um inimigo mortal da Revolução ou das instituições, mas não pode ser presidente do STM. Quer dizer, não é que não pode. Se tivesse sido eleito, assumiria, — e, admitamos, já é um avanço — mas o governo manobra e joga forte para derrotá-lo, inclusive desprezando normas de tradição e da antiguidade, por que não lhe convém ter no STM um crítico da Lei de Segurança.

A LSN é uma das salvaguardas de que o regime se armou para compensar a eliminação do Ato Institucional número 5. As outras, as principais, são a lei de imprensa, a lei de greve e as medidas de emergência, estas previstas na constituição. Se aplicado o texto da lei, não

# O Brasil: entre a tolerância e a democracia

por *Carlos Alberto Sardenberg*

*(O governo é «tolerante». A oposição quer a democracia.)*

se pode fazer uma greve legal neste país. A rigor, o ministro da Justiça tem poderes para mandar apreender qualquer publicação brasileira, a qualquer momento. Mas o governo vem sendo tolerante e não faz isso. Certamente não o faz porque não há condições políticas para uma repressão mais violenta e, de outro lado, porque está convencido, o governo (este e o antecessor), de que a hora é de agir politicamente, não policialmente.

Mas os chamados “instrumentos de contenção” permanecem todos à mão e não há notícia de que se pretenda dispensá-los. Ao contrário: se o general Rodrigo Octávio não pôde presidir o STM, parece lógico concluir que não se pode mexer na LSN. E também na lei de imprensa, lei de greve, medidas de emergência etc. Tudo está montado de tal modo para que as coisas se passem como desejava o general Ernesto Geisel: o Planalto sendo o árbitro do ritmo e dos limites da abertura.

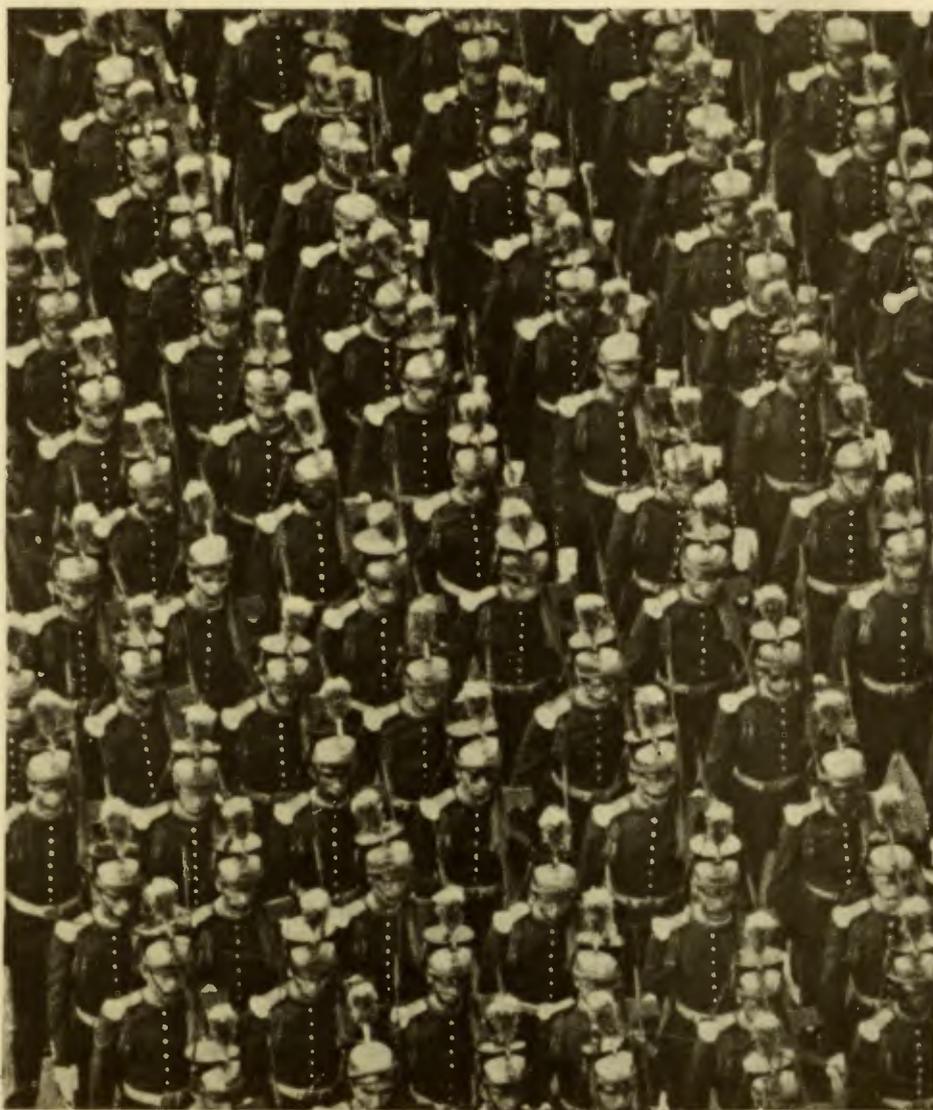
E é por isso que as coisas não se passam como deseja o Planalto. Para os teóricos e articuladores do regime, bastava eliminar o árbitro puro, a tortura, a prisão sem lei, sem nada, soltar alguns presos — e as oposições ficariam em pedaços. Supunham que os protestos contra o arbítrio eram mais do que do MDB, do que um profundo sentimento político da sociedade. Não entenderam, e não tinham entendido quando o go-

verno Figueiredo começou a dar seus primeiros passos, que as oposições falavam em nome da sociedade civil articulada e que esta não apela por tolerância, mas reclama efetiva participação no poder. Quer praticar democracia e, pois, exercitar os poderes na República.

Os sindicatos não querem apenas a negociação direta com os patrões. Querem participar da elaboração da política salarial e de todas as políticas econômicas — pois afinal delas dependem a moradia, os transportes, a comida, a saúde. Os trabalhadores querem cuidar de sua vida. Ora, o ministro-chefe da secretaria do Planejamento, Professor Mario Henrique Simonsen começa por considerar “inviável” a negociação direta. Vai daí...

As classes médias têm coisas a dizer a respeito do custo de vida. As universidades — alunos e professores — querem decidir sobre educação e cultura. Os cidadãos das capitais querem eleger seus prefeitos. E ninguém gosta, enfim, que seus passos sejam vigiados por uma lei de segurança.

Mas assim como encaram as críticas à LSN como mero exercício de descontentes, os articuladores e políticos do governo tendem a considerar os movimentos na universidade como ações de minorias, os protestos contra o custo de vida como manipulação. E a nova liderança da Arena — ao mesmo tempo em que anuncia propósitos de modernizar



o partido, fazê-lo de centro democrático, com bases nos setores mais avançados da sociedade — se vê na condição de se manifestar contra a eleição direta dos prefeitos das capitais.

Para a liderança da Arena, a emenda Mario Benevides é uma manobra do MDB. E efetivamente assim parece. Se as eleições fossem hoje, o partido de oposição ganharia em quase todas as capitais. A emenda lhe convém, e não à Arena. Numa democracia, a gente perde e ganha, mas o regime organizou a abertura de modo a não perder. Logo, eleições diretas nas capitais, só quando se puder fazê-las sem o perigo de uma vitória absoluta do partido de oposição. De modo que as coisas não são assim tão diferentes: afinal, não tem sido por outro motivo que as eleições diretas vêm sendo sistematicamente adiadas para época mais oportuna. E não foi por outro motivo que o regime e a Arena perderam a credibilidade política que agora, pós-abertura, querem recuperar.

Ganhar eleições no STM, uma corte de 15 juízes, todos nomeados pela Re-

volução, é relativamente fácil para o governo. Em outros lugares, vai ficando mais difícil, inclusive nesta Câmara dos Deputados, onde a Arena leva a escassa maioria de 42 votos em 420. Em outros ainda, como numa capital estadual, é quase impossível, de modo que só se faz eleição ali quando não existir este MDB. O objetivo político prioritário do governo é, pois, dividir a oposição.

Pode fazê-lo? Pode, desde que tome medidas mínimas, aquelas pelas quais toda a oposição luta e que por isso mesmo são genéricas. Mas toda a oposição é contra a LSN, a lei de imprensa, a lei de greve as medidas de emergência e a maior parte da oposição é contra a política econômica do ministro Simonsen. Não há ainda indício de que o governo pretenda ceder por aí, mesmo porque seus articuladores estão certos de que dividir a oposição é antes dividir algumas lideranças da oposição.

E isto, provavelmente, não vai dar certo. As lideranças que, para a aproximação com o governo, aceitarem afas-

tar as teses básicas das oposições, acabarão afastadas das oposições. E aí não terão serventia nenhuma para o governo.

O presidente Figueiredo iniciou seu governo aparentemente convencido de que tinha apenas uma questão urgente a resolver: a da anistia. Em torno disso negociava com os chamados setores "mais duros" e era provavelmente com esse objetivo que se observava um claro esforço de reabilitação de certas figuras, especialmente do general Ednardo D'Avilla Mello, convidado para a posse de Figueiredo publicamente defendido pelo general Dilermando Gomes Monteiro. Compor à direita, para poder sair com a anistia, tal parecia ser a estratégia. Mas uma anistia que, sabia-se desde logo, não satisfaria à oposição.

Aí a questão. Para que se parasse de falar em anistia — um tema a menos a unir a oposição, objetivo do governo — seria preciso que fosse mais ampla do que o regime parece disposto a tolerar. E ainda assim, depois da anistia, viriam todas as outras questões — segurança, greve, imprensa, salários, economia, eleições diretas — em torno das quais há amplo consenso nas oposições. Isso quer dizer que, no limite, o governo só dividirá as oposições, eliminando boa parte delas, quando eliminar os motivos pelos quais a maioria da sociedade faz oposição ao regime. E aí — sonho nosso — estaremos na democracia, é claro.

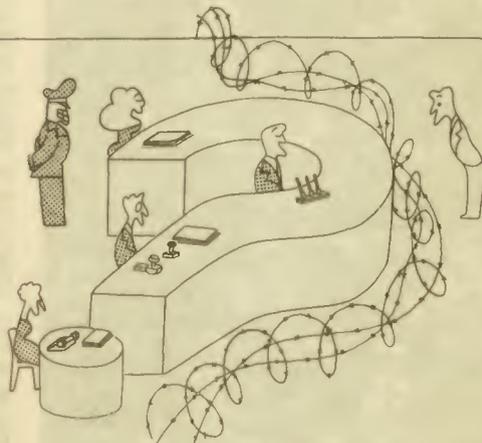
Não se pode negar que o governo vem lavrando tentos, alguns de bela feitura. Ocorre que a partida está muito no começo e, se foi efetivamente difícil eliminar o AI-5 e por fim às torturas, isso hoje parece pouco. Pouco, para as oposições. Para o governo, naturalmente foi muito — é muito — e não há por que ir além muito depressa. Para o governo, o problema continua sendo o MDB, certos líderes, certas minorias. É pobre, bastante pobre, sua visão da moderna complexa sociedade brasileira. É, por exemplo, significativo notar como as movimentações políticas em São Paulo costumam deixar perplexos certos articuladores do Planalto.

Não estamos é certo à beira do abismo, nem o governo está na iminência do fracasso. Afinal, ainda há muita exceção para ser eliminada aos pouquinhos e ir deixando a coisa toda em banho-maria. Mas é certo, do outro lado, que nenhuma das reais questões da democracia foi resolvida. Nem a abertura está consumada, nem as oposições estão liquidadas — como parecem supor certos setores, que se apressam a declarar a vitória do governo. O governo, ele mesmo, não se deu conta de que o jogo está apenas no início. Ou se deu e não quer mesmo é fazer democracia. O que dá no mesmo. Ou não?



# ESPIONAGEM

por *Eliane Cantanhede*



Em 1964, o antigo Serviço Federal de Informação e Contra-Inteligência (SFICI) mudou de nome e engordou: por inspiração do general Golbery do Couto e Silva, nasceu o Serviço Nacional de Informações, que nos meses seguintes seria transformado numa espécie de tribunal especializado em ritos sumários, processos secretos e prisões sem mandado. O SNI investigava, prendia, cassava, demitia, sem que os acusados tivessem o direito de defender-se. Muitos deles sequer sabiam que crimes ou pecados lhes eram atribuídos.

Com o tempo, as tarefas repressivas foram gradativamente transferidas para outros organismos de segurança — o DOPS, a Polícia Federal, mais tarde o Cenimar, o Cisa, o CODI-DOI. A tarefa de investigar a vida dos brasileiros, contudo, continuou por conta do SNI, que procurou aperfeiçoá-la. Logo vieram os escritórios regionais do SNI, espalhados pelos Estados politicamente mais indóceis. E em 1971, o polvo ganhou novos tentáculos: nasceram as Divisões de Segurança e Informações (DSIs), encravadas nos Ministérios, e as Assessorias de Segurança e Informações (as ASIs), estas encarregadas de impedir que as autarquias, universidades e outras ramificações da administração pública fossem infestadas de subversivos. Desde então, nenhum candidato ao funcionalismo público conseguiu emprego sem o sinal verde das DSIs e ASIs, diretamente subordinadas ao SNI. Em contrapartida, muita gente foi posta na rua (ou na prisão, em alguns casos)

por ter seu nome no catálogo de subversivos fichados nesses órgãos de segurança.

Envoltas na sombra, as DSIs e ASIs sempre rechaçaram as raras investigações de repórteres interessados em desvendar o que havia por trás dos cartazes que proibiam a entrada de “pessoas estranhas ao serviço”. Até que, há algumas semanas, a repórter Eliane Cantanhede conseguiu visitar a DSI do Ministério da Saúde, em Brasília. Dela é o texto que se segue, publicado com exclusividade por SINGULAR & PLURAL.

Um cartaz branco, em letras vermelhas, anuncia a Divisão de Segurança e Informações (DSI), estrategicamente situada a um canto do 9.º andar, o último do edifício-sede do Ministério da Saúde, em Brasília. **ÁREA RESERVADA**, informa o cartaz. A DSI do Ministério da Saúde foi criada em 1971, em pleno governo Emílio Médici, quando o país mergulhava numa profunda obsessão por informações e segurança, sob o lema principal de “combate à subversão”. Nesta mesma época, em todos os Ministérios foram instaladas DSIs.

Logo à entrada, um sisudo continuo apresenta uma papeleta ao candidato a uma “visita”, que deve preenchê-la com o próprio nome e indicar o assunto a ser tratado. Essa papeleta vai pelas mãos do continuo ao misterioso interior da DSI e, se aprovada por um funcionário superior, franqueia a entrada ao visitante.

Protegida por uma gravidez de alguns meses, que, certamente, me concedia um ar ingênuo, e também pela singularidade do preenchimento da papeleta — coloquei, de maneira direta, no item “assunto a ser tratado”: **Conhecer a DSI** — me surpreendi conversando com o coronel Hêlio Guimarães, vice-chefe do órgão, um homem amável, de pele enrugada e voz mansa. Sua sala, muito simples, acomodava apenas uma mesa com telefone, duas cadeiras e um arquivo de ferro, desses antigos, as cortinas em cânhamo natural. Até aí, nada assustador, pensava eu, fazendo esforço para controlar a voz. Voz um tanto trêmula, confesso: a DSI, afinal, sempre foi um sólido tabu.

Depois de me fazer algumas perguntas, embora fosse eu a entrevistadora, o coronel, já consciente de que eu pretendia escrever uma reportagem, passou a defender a DSI. “Nós não somos um bicho de sete cabeças”, dizia ele, preocupado em desfazer a aura de terror que geralmente envolve os órgãos de segurança, inclusive as DSIs. “Também não contratamos pessoas para perseguir os colegas em cada andar e muito menos temos sistema de escuta telefônica. Se outros órgãos fazem isso, não sei, mas não é o nosso caso”, completou o coronel.

Então, o que faz a DSI? Depois de lembrar que apenas substitui o titular do órgão, Brigadeiro Carlos Guimarães Mattos, que passa a metade da semana no Rio, o coronel Hêlio explicou, de maneira didática, uma das atribuições da DSI: “Se um departamento ou Secretaria do Minis-

## Uma repórter entra na Área Reservada de um Ministério, em Brasília. E, pela primeira vez, a imprensa pode informar o que se passa nos bastidores da misteriosa Divisão de Segurança e Informações.

tério pretende construir uma caixa d'água ao lado, precisa consultar o Departamento de Engenharia do Ministério; se quer contratar alguém, consulta, antes, a DSI". O procedimento, aí, varia de acordo com o cargo a ser ocupado por esse alguém na hierarquia do Ministério.

Em caso de funcionário de escalões inferiores, seu currículo é submetido pela DSI à Polícia Federal. Em caso de funcionários graduados, como responsáveis por departamentos ou secretarias, o pedido de informações é formulado diretamente ao SNI — Serviço Nacional de Informações, órgão vinculado ao Palácio do Planalto e cujo chefe tem status de ministro. As respostas costumam ser sucintas e objetivas, do inofensivo "nada consta" ao temível "há registro que contra-indique". Entretanto, esse resultado jamais é transmitido ao verdadeiro interessado — o candidato à vaga. Por sinal, o candidato sequer é informado formalmente da realização de consultas prévias. Tão logo estas se encerram, ele é recusado ou aceito. Os critérios para uma eventual recusa são três: uso de tóxicos, corrupção e, principalmente, atos considerados subversivos.

Obviamente, as DSIs estão estreitamente ligadas ao SNI, que pode solicitar, a qualquer momento e em caráter prioritário, informações sobre qualquer funcionário dos ministérios e órgãos afins. Isso significa que o chamado "poder paralelo" — os órgãos de segurança — tem todos os funcionários públicos sob controle.

Decidido a provar que não há escuta telefônica na DSI, o coronel me levou a conhecer suas dependências, exceto uma: a sala do telex, anunciada por um cartaz taxativo: "Proibido o acesso a pessoas estranhas ao serviço". Por esse telex, que ocupa uma pequena sala, ao lado do gabinete do coronel, circulam todas as mensagens secretas trocadas entre a DSI e os demais órgãos de segurança, inclusive o SNI.

Nas outras salas, surpreendeu-se a ordem. Nada de mil papéis, bojudos

arquivos, como eu suponha. Ao contrário, poucas mesas, poucos papéis, sobretudo poucas pessoas — apenas umas três além do coronel. Entretanto, a DSI tem 12 funcionários, cinco com curso superior e o restante cursando faculdades. Desses, pelo menos o Brigadeiro, o coronel Hélio Guimarães e um terceiro, civil, tem curso na Escola Nacional de Informações.

Nesse breve passeio pelas dependências da DSI do Ministério da Saúde, um detalhe me chamou especialmente a atenção: numa das salas, havia um único cartaz, com uma propaganda do MSD: Merck, Sharp, Dohmndohme, empresa multinacional no setor de medicamentos. Como entender que um órgão de segurança, tão absorvido em bisbilhotar a vida dos brasileiros, agasalhe uma propaganda de algo tão nocivo à segurança nacional como as multinacionais?

Bem, mas os resultados do "passeio" foram muito além da descoberta de estranhos cartazes. A certa altura, entrei numa sala onde havia inúmeras publicações, entre jornais e revistas empilhados numa mesa. Adiante, finalmente achei um amplo arquivo. Na sala do lado, um funcionário lia atentamente uma dessas publicações do dia. Ali, fui apresentada ao funcionário civil que tem curso na Escola Nacional de Informações (ESNI). Ao me apresentar a ele, o coronel ressaltou minha condição de repórter. Mas o funcionário, aparentemente, não entendeu bem o que isso representava. Passou, portanto, a me dar mil informações, evidentemente não anotadas, para não despertá-lo de sua desatenção.

O trabalho desse funcionário está diretamente ligado ao meu: diária e atentamente, ele analisa todas as in-

formações veiculadas na imprensa nacional sobre saúde. E explica: "Saúde é um assunto que mexe diretamente com a massa e, cá para nós, todos sabemos do que a massa é capaz". Habituada há anos a lidar, como repórter, com as assessorias de imprensa dos ministérios, conheço o trabalho que tais assessorias executam. Entre outras coisas, por exemplo, recortam, colam e arquivam em pastas as notícias de sua área. Na DSI, entretanto, há um trabalho paralelo de arquivamento das matérias, ali analisadas sob o ponto de vista da segurança nacional.

Esse funcionário civil da DSI do Ministério da Saúde, parece conhecer profundamente as empresas jornalísticas brasileiras e é capaz de dissertar sobre os interesses econômicos, origem de capital e posicionamento político de cada uma dessas empresas e seus donos. Assim, ele se considera equipado para detectar "objetivos escusos" nas publicações. Por exemplo: depois de ler por um certo período matérias "negativas" sobre determinado assunto ligado à saúde, ele seria capaz de apontar em que medida e direção tal publicação quer induzir seu leitor. Dessa forma, o repórter seria uma peça sem posicionamento, sem influência, que não dita a importância e o espaço dado às suas matérias. Trata-se de um mero coletor de informações a serviço de sua empresa, que as utiliza a seu critério e com fim determinado.

Sai boquiaberta dessa conversa, pois pude sentir, ao vivo, o grau de obsessão e a sofisticação dos órgãos de segurança. Para encerrar a conversa, esse mesmo funcionário civil tirou do bolso seu maço de "Hollywood" e ofereceu: Aceita uma maconhazinha?" diante da recusa, insistiu: "Vai dizer que não gosta..."

contra —  
informação

# O JOGO DAS PROMOCÕES

*Ana Lagoa — especialista na  
área militar — analisa as  
implicações políticas das  
promoções nas Forças  
Armadas.*

No dia 31 de março, o Presidente da República, general-de-Exército João Baptista Figueiredo, assinou pela primeira vez, a promoção de oficiais-generais das Três Forças. Vagas foram preenchidas na Marinha, no Exército e na Aeronáutica, coroando três meses de expectativas que iam desde os gabinetes de comando até o recesso das famílias daqueles que poderiam receber suas estrelas de generalato.

Segredo absoluto até que o Palácio do Planalto divulgue os decretos, as promoções, ou pelo menos os nomes daqueles que recebem as quatro estrelas, no Exército, são o assunto do dia nos corredores ministeriais mesmo antes que o Alto Comando se reúna para a votação. E, depois dessa reunião, quando a votação do Alto Comando circula nos boletins reservados, com pouca margem de erro, pessoas estranhas ao quartel já podem saber quem será general-de-Exército.

Enquanto as mulheres e filhas dos escolhidos preparam vestuário próprio comando de quatro estrelas, os meios políticos e a imprensa especulam em torno das tendências daqueles que foram guindados ao último posto da carreira e que, a partir de então, comporão o que se convencionou chamar de cúpula do sistema. E não é para menos, pois se em sua essência, as promoções são apenas um ato de rotina, regulamentado pelo general Castello Branco para manter a rotatividade de comandos e a renovação da força, na prática, elas se transformaram no principal termômetro das forças político-militares. É justamente das promoções que se vale o centro do poder para colocar nos altos postos pessoas de sua inteira confiança, que não ameacem as linhas de ação do grupo palaciano e, para deles afastar aqueles que por motivos políticos ou pessoais não mereçam mais participar das grandes decisões ou, pelo menos, servir-lhes de sustentáculo.

Poucos são os escolhidos. Para um contingente de cerca de 200 mil homens (180 mil, segundo dado do general Fritz Manso em conferência que fez há dois anos na Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados), apenas dez generais chegam a ostentar a quarta estrela de general-de-Exército. Trinta e um chegam a general-de-Divisão, com três estrelas bordadas no ombro; e, sessenta e quatro coronéis chegam a general-de-Brigada, com duas estrelas.

O general-de-Divisão Hugo de Andrade Abreu, por exemplo, chegou a bordar três estrelas na túnica e com elas serviu no Palácio do Planalto, chefiando o gabinete militar. Ao discordar publicamente do processo sucessório, criticando a escolha do general João Baptista Figueiredo, encerrou sua carreira. Mesmo encabeçando a ordem de antiguidade estabelecida no Almanaque do Pessoal de acordo com a data em que os militares saem aspirantes, o general Hugo Abreu sequer recebeu votos do Alto Comando no ano passado e, agora, passará para a reserva, depois

## ***A composição do alto comando é decisiva. Ela é que garante uma questão essencial: a da sucessão.***

de ter figurado três na lista de escolha, sem ser escolhido.

### **ALTO COMANDO**

O Alto Comando que se reuniu no mês passado, para elaborar as listas de escolha que seguiram para o Palácio do Planalto, é sem dúvida, de inteira confiança do novo presidente da República. Para chegar a esse consenso, o sistema, apoiado na lei de promoções — um documento oficial — usou mais de uma vez a temida “carona”, que fere o orgulho do militar prestes a ser promovido e mudou a própria lei, aumentando o número de nomes que entram na lista de escolha.

Da observação de suas atividades, depreende-se que o Alto Comando não é apenas um órgão colegiado do Ministério do Exército, com a missão de se reunir a cada mês para discutir assuntos de interesse da força. Mais que isso, o Alto Comando, ao reunir os dez generais-de-Exército (quatro comandantes de Exércitos, cinco chefes de departamentos e o chefe do Estado-Maior) e o ministro do Exército, não discute apenas a política a ser levada aos órgãos burocráticos do Ministério e à tropa, mas analisa e toma posições diante dos problemas nacionais em pauta, sobretudo os que afetam à Segurança Nacional.

A preocupação que os meios políticos, brasileiros sobretudo, nutrem com relação ao que seria o pensamento do Alto Comando, nos momentos delicados da vida política, demonstra o quanto pesa esse pensamento e o quanto vale a posição política quer do órgão

em conjunto, quer de seus componentes em separado. Exemplo disso foi a insistência com que circulariam, no ano passado, os comentários sobre dissidências dentro do Alto Comando, com relatos inclusive de discussões acirradas entre generais e visões antagônicas. “O Alto Comando está rachado”, “Tourinho está com Euler”, “Três generais querem Euler” e tantas outras frases desse tipo podiam ser colhidas antes da eleição do general Figueiredo.

O objetivo desses comentários — que em sua maioria partiam de setores militares descontentes — era claro. E por isso mesmo recebido com reservas pelos observadores mais atentos. O apoio de um ou mais membros do Alto Comando à candidatura alternativa serviria de estímulo aos parlamentares ainda titubeantes. Se é que houve rachadura no Alto Comando, ela ficou entre as quatro paredes da sala de reuniões. Para os de fora, transpirou apenas a nota emitida depois da penúltima reunião do órgão antes do 15 de outubro, esclarecendo que os generais vinham acompanhando os acontecimentos políticos, mas continuavam, em bloco, solidários com o presidente da República e reafirmavam como seu porta-voz o Ministro do Exército.

A cada Governo, portanto, a composição do Alto Comando é alvo dos maiores cuidados, por parte do chefe da Nação, pois é ele que, em última instância, garante a passagem para seu sucessor de acordo com os planos traçados. Ciente de que enfrentará um primeiro ano difícil de governo, o general Figueiredo teve esse cuidado agora, ao preencher as vagas do generalato, observando não só os quatro estrelas, mas também os três e duas estrelas, futuros generais-de-Exército e futuros membros do Alto Comando.

### **MECANISMO**

A pirâmide militar é composta de vários escalões. Na base, a mais numerosa, estão os soldados, aspirantes, os segundo-tenentes, primeiros-tenentes e os capitães; em seguida vem a chamada “jovem oficialidade”, composta de majores, tenentes-coronéis e coronéis, o setor mais dinâmico da pirâmide e que, historicamente, apresenta componentes revolucionárias; e, no topo, os generais (de Brigada, de Divisão e de Exército), que, ainda historicamente, se acomoda às regras do sistema e, salvo momentos muito específicos (como em 1964) não rompem o equilíbrio da hierarquia e da disciplina.

Do dia que senta praça até o dia em que entra para o Alto Comando, o

militar percorre um longo caminho, onde figuram postos de sacrifício (frente), baixos salários e acenos da empresa privada. Um praça de 1934, por exemplo, como o general Ernani Ayrosa, que assume agora o comando do I Exército, mesmo sendo herói de guerra e desfrutando de alto conceito na força, só entrou para o generalato em 1969, e mesmo assim, graças aos expurgos revolucionários e à nova lei de promoções.

Os oficiais-generais e oficiais superiores são promovidos por decreto presidencial que preenche as vagas abertas por promoções de postos superiores, agregação, demissão, inatividade, morte e aumento de efetivo. São de escolha pessoal do Presidente da República, que analisa as listas do Alto Comando três vezes por ano: 31 de março, 31 de julho e 25 de novembro.

Antes do Alto Comando, reúne-se a Comissão de Promoções, que elabora uma lista prévia, com base no quadro de acesso. Em cima dessa lista o Alto Comando vota, em vários escrutínios, com voto de desempate do ministro do Exército. A lei original que regulamentava essa rotina previa que para cada

primeira vaga o Alto Comando indicaria três nomes e um para cada vaga subsequente. Assim se houvesse três vagas, cinco nomes seguiriam para o Palácio do Planalto. A necessidade política — não declarada — de acelerar as promoções no ano passado, para que o general Figueiredo recebesse a quarta estrela, levou a lei a ser alterada. Agora, entram três nomes para a primeira vaga e dois para cada vaga subsequente. São sete nomes ao todo e assim se ampliam as possibilidades de "carona", ou seja, quando um general mais antigo é preterido na votação do Alto Comando (como ocorreu com Adyr Fiuza de Castro, amigo pessoal do general Frota) ou pelo presidente (como aconteceu com o general Cesar Montagna).

O "caroneado", geralmente, se resente da preterição e pede passagem para a reserva, desprezando novas oportunidades de ser promovido, a não ser que isso lhe seja garantido nos bastidores. Dessa forma, depurando a pirâmide com a escolha do Alto Comando e a decisão presidencial e, ainda, aplicando a lei da cota compulsória que manda afastar do serviço ativo um quarto de cada quadro por ano, é pos-

sível ao sistema cercar-se de homens que não reservem surpresas para o futuro. Segundo depoimentos de generais que foram alvo dessas manobras, desde 1964, esta é a primeira vez em que o centro do poder consegue colocar à sua volta apenas pessoas de sua inteira confiança e que, publicamente, assumirão um papel de soldados essencialmente profissionais, afastados dos assuntos políticos. "Essa aparente desmilitarização da política, comenta um general "caroneado", é na verdade uma centralização do poder, pois hoje, o Alto Comando está totalmente submisso ao palácio e ali ninguém se oporá a nada".

Observadores militares, porém, vêm um mal maior nesse processo, além dos descontentamentos pessoais que gera. "O que acontece na prática é uma contradição. O oficial de Estado-Maior aprende que deve discordar e discutir, apresentar idéias, sugestões. Na medida em que qualquer crítica pode ser interpretada como dissidência a nível político, as lideranças naturais se recolhem e, no futuro, o próprio sistema se ressintirá desse processo de autofagia", explica um revolucionário de 64.

## o livro nacional

# Uma geração perseguida

· Tempo de ameaça ·

(Autobiografia de um Exilado Rodolfo Konder)

Tempo de ameaça: história de lembranças vagas, livro aberto, autobiografia a desafiar a literatura para dizer: nossa crise interior (nós, estranhos habitantes dos países interiores) não é apenas social, mas também existencial.

Desprezando o realismo folclórico e o romantismo aleatório, a autobiografia de RK não repete esquemas fechados e slogans imutáveis: foge aos brevíssimos e manuais e explora com os caminhos da inércia numa literatura bem-comportada.

Os comissários cabeludos e as milicianas de máxi-saia não vão gostar do livro: pois ele não apresenta soluções nem joga com o maniqueísmo simplista dos personagens "positivos" versus personagens "negativos", não utiliza a frase acabada, mas a contradição viva, o gesto desesperado (lembro-me da *Náuca sarteana*) — obra que se escreveu não para convencer, mas para lançar a dúvida e a perplexidade.

Como grande parte das obras de arte realmente atentas à nossa época é um livro cheio de interrogações sobre a agonia da ciência que fala da luta entre os homens: a arte da po-

lítica. Mas nem por isso é panfleto de mensagens baratas e sim reflexão fragmentária e sinuosa, caótica e sem fim, descrevendo situações já mortas — um tempo de derrotas, uma longa noite de desesperanças — sem cair no tom lamurioso e primários de certas autobiografias masoquistas, engendradas por mentes reacionárias onde o envelhecimento precoce superou até mesmo o emboloramento senil.

Livro de crítica implacável, irregular e desconcertante "Tempo de Ameaça" fustiga a rigidez dos esquemas ideológicos que se julgam imutáveis, mostrando que não é apenas uma determinada facção que escreve a História, deixando claro que muitas vezes (a maior parte das vezes) são os "pombos" que levam os "falcões" ao poder.

O personagem central (o próprio autor) aproxima-se de um Ulisses redivivo, um Odisseu dos nossos dias, perdido entre amigos que se foram, suicidas, bares, aeroportos, exilados, angústias, praias belíssimas, sagas de solidões. Não há uma história ou sequer episódios estanques, mas uma convulsiva relação de imagens, uma desesperada profusão

de idéias, onde o azul profundo do mar da infância, contrasta com o vermelho do sangue que tinge as paredes dos calabouços. Onde a ficção se mescla ao documentário: verdadeira dialética entre o viver e o escrever.

As situações se desencadeiam numa sucessão de shots, sem que haja o tradicional começo-melo-fim e onde o "ser" preconceitual foi abolido em favor do "estar fenomenológico".

A presença de nossa companheira (a Morte) é uma constante em Tempo de Ameaça. E ela não é heróica nem grandiosa. Apenas faz parte da paisagem como um ato indiferente, tolo e arbitrário, depois do qual só resta o amor.

Poesia da derrota, meditação sobre o horror, por trás da aparente simplicidade de Tempo de Ameaça há todo um clima de ceticismo amargurado, de estoicismo ativo, de perseguições injustas, de lutas.

Tempo de Ameaça: tempo de repressão: tempo que mal disfarça as impressões digitais (e criminais) da violência e da estupidez. Aquele tempo em que o grito histérico dos assassinos supera o grito desesperado dos torturados — e arrebenta nossos tímpanos, quebrando dentro de nós, para sempre, a doce imagem da juventude. Tempo distante-próximo de nossa época.

Tempo de ameaça: tempo de derrotas: tempo de bandeiras e homens que caem: tempo em que o inimigo do Rei é a Vida: tempo de intolerância e de seus sub-produtos estandardizados: a covardia e a brutalidade. Um livro sobre o medo — sobre o medo de ter medo — kafkiana visão brasileira que se agita no pesadelo do sonho latino-americano. Tempo de ameaça: aquele tempo em que uma geração começou a fazer parte da história: uma geração perseguida e judiada, que viveu a tragédia dos últimos quinze anos.

Quinze anos!

Paulo D. Ramos

# TODO PODER À MULHER NEGRA



Nem sonhando a sociedade brasileira seria capaz de pensar na ascensão da mulher negra em níveis de poder. Isto representaria antes um pesadelo, não um sonho, até mesmo para os nossos revolucionários mais radicais. De um destes, jovem intelectual extremamente simpático, ouvi numa reunião de exilados na Europa:

— Muita coisa tem mudado em mim. Eu não poderia depois deste exílio voltar ao Brasil e ser servido por uma criada.

Aí está fixado o limite máximo da concessão (quase escrevia compreensão) da classe média branca brasileira em matéria de mudança social: não aceitar mais a humilhação das negras e mulatas, as escravas modernas do trabalho doméstico. O grupo reunido era numeroso, ninguém abriu a boca, obviamente endossando aquela posição "progressista". Eu era o único negro presente, e não podia deixar de considerar a distância que separa uma revolução de brancos duma revolução de negros. Porque ou a revolução de negros é para os negros, ou não é revolução. Para os negros ela significa poder.

No instante que ouvia o jovem revolucionário, quanta coisa rodou na

minha cabeça! Me veio à lembrança aquelas jovens negras que consideravam o suicídio como solução em *For Colored Girls* (Para Garotas Negras) que tinha visto há pouco num palco do Rio de Janeiro. A peça exigia, para a exposição dos problemas particulares da mulher negra, sete atrizes negras, mas, no palco, só havia essa extraordinária Léa Garcia sustentando o espetáculo; as demais atrizes, brancas ou brancóides, tentaram inutilmente incorporar a desgraçada sorte das jovens negras retratadas na poesia da negra norte-americana Ntozake Shange. Vi aqui nos Estados Unidos a mesma peça só com atrizes negras: um espetáculo devastador em seu lirismo selvagem, em sua denúncia implacável da situação em que vivem as garotas negras. O espetáculo confrontava tanto a platéia branca quanto os próprios homens negros, também responsáveis pela infelicidade da mulher negra: no Brasil, previsivelmente, esvaziaram o básico conteúdo racial da obra.

Outras coisas também evoquei, como aquela jovem negra Edivalda M. de Jesus, ex-doméstica e residente dos alagados da Bahia, de onde bradava seu

## Canto do Negro

Negros que vieram ontem em porões acorrentados, Negros que vivem hoje em becos marginalizados

Negros que cantaram ontem pra calar no peito a saudade da sua terra

e da vida em liberdade, negros que cantam hoje um direito de todos:

de sair das favelas  
de lutar pela vida com igualdade  
Canta negro  
que seu canto é sua arma  
é reliquia de um povo  
é grito de liberdade.

Canta negra  
seus anseios sufocados  
e a dor de seus antepassados.

Quem tiver ouvidos e não for surdo ouvirá o canto de Edivalda; tanto as mulheres negras dos States como as do Brasil lutam por um futuro que transcenda o espaço da cozinha, do tanque, da vassoura, do gueto; da favela, da mendicância, da prostituição. Pesa sobre a mulher negra, entre outras, as seguintes opressões: 1) a opressão da sociedade patriarcal, tra-

zida pelos portugueses desde a formação do nosso país; na prática, o patriarcalismo desembocou no deboche machista que aí está atingindo as mulheres de maneira geral: negras, amarelas e brancas; 2) a opressão de caráter racial atingindo indistintamente a homens e mulheres não pertencentes à raça eleita ariano-européia; 3) a opressão do sistema capitalista, pela qual as negras são as pessoas mais exploradas, que combinada com o racismo impõem à mulher negra o desempenho das tarefas consideradas mais inferiores e, por conseguinte, as mais mal pagas; 4) a opressão específica, omitida e/ou negada pelas esquerdas "progressistas" (e as machista-leninistas), a qual é um fardo que a mulher negra aguenta desde o navio negreiro até hoje: a agressão sexual baseada no fator raça; isto é, o branco por direito divino e natural se julga senhor e proprietário das negras e mulatas.

Quando a mulher africana chegou escravizada, sofreu o estupro do português; atualmente sofre o estupro do filho da patroa ou do próprio patrão. É espantoso que um "pai da Pátria", como José Bonifácio, em 1823, considerasse as nossas avós "escravas que se prostituem ao primeiro que as procura", implicando assim que elas desejassem ou concordassem com a violação brutal de que eram vítimas indefesas. Bonifácio nem menciona que a prostituição se originava em sua própria classe: a classe branca, católica e dominante, que se tornava proxeneta com o negócio lucrativo de prostituir suas escravas. Uma prostituição institucionalizada como aquela dos tempos de Calígula na Roma antiga.

Os negros brasileiros conscientes não devem colaborar e nem permitir que o desumano e desumanizador assalto sexual, há séculos rondando a mulher negra, continue sendo praticado impunemente. Não se trata, obviamente, de nenhuma reivindicação puritana ou pregação de um comportamento moralista. Nada disto. Estamos falando de respeito humano àquelas que são, foram e serão nossas mães, esposas, irmãs, filhas, companheiras e amigas. Mulheres negro-africanas que ajudaram, com talento e energia, a edificar vários países da América, particularmente o Brasil.

A estirpe de mulheres negro-africanas não se situa apenas no honrado trabalho humilde e anônimo da escrava ou da doméstica. Muito pelo contrário, esta foi a raça que forneceu a primeira rainha que a humanidade conheceu: a Rainha Hatshepsut que quase 2.000 anos antes da era cristã governou o Egito. Mas o gênio político e militar das mulheres africanas

têm uma continuidade histórica que devemos recordar sempre: a Rainha Makeda (ou Sheba) de Axum, Etiópia, 960 anos antes de Cristo; Cleópatra, do Egito, nascida 69 antes da era cristã; a Rainha Candace, do Sudão que enfrentou os Exércitos de Augusto Cesar; a Rainha Ginga, de Angola, morta em 1663, a Rainha Yaa Asantewa (1900) de Ghana, a Rainha Dahia-al-Kahina, do ano 705, em Norte-África. Foram todas dirigentes de Estado e chefes guerreiras heróicas e famosas. Como famosa também foi a africana Hypatia que no século V, em Alexandria, ensinava filosofia e ciência tão avançada que provocou o ciúme e ódio do bispo Cyril; por instigação deste, Hypatia foi assassinada de forma bárbara.

Ao mencionar o poder que as mulheres desfrutavam nas civilizações africanas, evocamos ao mesmo tempo o caráter matriarcal de muitas delas. E muitos imediatamente imaginam que uma hecatombe está prestes a vitimar o intocável "sexo forte". Que não se angustiem os aflitos, pois conforme ensina o dr. Cheikh Anta Diop no seu livro **The Cultural Unity of Black Africa** (A Unidade Cultural da África Negra), o

Matriarcado não é um cínico e absoluto triunfo da mulher sobre o homem; ele é um dualismo harmonioso, uma associação aceita por ambos os sexos. (p.120).

O dr. Diop menciona ainda no seu livro de importância decisiva para o futuro dos povos africanos no continente e na diáspora, o sistema bicameral vigente em várias civilizações negro-africanas do passado. Estou convencido de que o movimento do negro brasileiro deverá se preocupar com esse importante problema; acho que nós, os negros, devemos romper o espaço fechado à mulher, e procurar restaurar o sentido bicameral dentro de um pacto político brasileiro que proponha uma verdadeira democracia.

Seria para nós o caso de pleitear não uma câmara masculina e outra feminina, conforme o modelo africano, mas de se institucionalizar e garantir que pelo menos a metade dos lugares nas Câmaras de Deputados, Assembléias Legislativas e Senado Federal seriam ocupados exclusivamente por mulheres eleitas. Somente alargando cada vez mais o conceito de justiça social e humana, de democracia econômica, política e racial, haverá a possibilidade da presença futura das mulheres negras no poder. E só por visão e consciência retrógradas, se pode pensar na insignificância de que a mulher negra só deseje não ser mais a criada. Igual a todo ser humano,



livre e digno, que trabalha, cria e produz, a mulher negra quer e tem o direito a partilhar em todos os níveis de poder do seu país. E a História documenta quanto ela pode realizar e ser eficiente nos mais elevados cargos e responsabilidades do Estado, conforme ocorreu na África antes da perversão colonialista dos europeus.

Chegou o momento de enterrar a pobre da Mãe-Preta. Erradicar esse mito da consciência do branco colonizador que o fabricou. Libertar o negro domesticado dessa imagem nostálgica que contribui à sua colonização mental e ajuda a imobilização de muitos negros nesta hora de luta e libertação.

# em xeque!

Herman Claudius

Um torneio internacional de xadrez é sempre um acontecimento interessante e instrutivo. Quando dela participa um astro como Victor Korchnoi, então transforma-se numa sucessão de aulas emocionantes. Durante 15 dias (10 a 24 de fevereiro) o xadrez brasileiro conviveu no 3º Torneio Internacional «Cidade de São Paulo» com a maior estrela da atualidade do enxadrismo mundial. Aos 47 anos de idade, Korchnoi possui uma vitalidade impressionante. O seu poder de concentração é total. Pode passar cinco horas sentados em frente ao tabuleiro sem olhar sequer para os lados, impassível, analisando sem cessar. Nas análises «post-mortem», que são tradicionalmente feitas depois que as partidas terminam, mostra uma clareza absoluta na concepção das posições e desfia continuamente variantes complicadíssimas, como se isto fosse tão normal como respirar. Em meia hora de análise com Korchnoi após a nossa partida, aprendi mais a respeito de uma variante de que nos meus estudos preliminares. Sempre disposto a analisar, jogar ou «peruar» partidas, este controvertido dissidente soviético, que desde pequeno recebeu a alcunha de Victor «O Terrível» parece a todo instante confirmar as suas próprias palavras:

— A minha vida é o xadrez.

Encurtando a história: o convívio contínuo com Korchnoi durante quinze dias seguidos foi a experiência mais positiva que os enxadristas brasileiros já conheceram.

A seguir as duas partidas mais importantes que Korchnoi disputou no «Cidade de São Paulo». Ambos os adversários pertencem à primeira linha. O sueco Ulf Andersson, que entre o final do ano passado e o começo deste ganhou quatro torneios, foi vítima de sua passividade e nervosismo. O agressivo e brilhante iugoslavo Ljubomir Ljubojevic, que quando joga dá a impressão de um leão enjaulado foi mais feliz. Conseguiu um forte ataque na ala do rei, que Korchnoi refutou com muita precisão e no momento da suspensão a vantagem deste era visível. Na continuação, Korchnoi não arrematou com precisão uma brilhante combinação e teve de ceder o empate. Os «deuses» também er-

Andersson (brancas)

1 C3BR  
2 P4B  
3 C3B  
4 P3CR

Korchnoi (pretas)

C3BR  
P4B  
P3CD  
B2C  
abandonam

5 B2C  
6 P3C  
7 PxP  
8 B2C  
9 O-O  
10 T1C  
11 C4TD  
12 CxB  
13 P3R  
14 C4B  
15 P3TD  
16 C2C  
17 D2B  
18 TR1B  
19 P3D  
20 P4CD  
21 PxP  
22 C2D  
23 RxD  
24 R1B  
25 TxC  
26 R1R  
27 P4D  
28 C3D  
29 P4T  
30 C2C  
31 CxP  
32 T2-1B  
33 TxB  
34 C2C  
35 CD4B  
36 R2D  
37 R2B  
38 R3C

P3C  
P4D  
B2C  
CxP  
C3BD  
C2B  
BxB  
T1CD  
O-O  
C3R  
P4CD  
D3D  
TR1D  
C4T  
D4D  
PxP  
C3B  
DxB+  
CxP+  
CxD  
P4TD  
T4D  
T4T  
P5C  
B3T  
P5T  
B6D  
BxT  
T4T  
C2B  
T7T  
C4D  
T1BD  
T6T+

## criança de pai para filho

### Os Eletrodomésticos e a criança

A reprodução em miniatura dos eletrodomésticos, em larga escala, invade as lojas de brinquedos, como mais um ponto de disputa na concorrência entre os grandes fabricantes. (Estrela, Atma, Fupe, Neuza, etc...).

Nas vitrines se encontram: mini-batedeiras, mini-lava-roupa, mini-liquidificador, mini-forninho, mini-fogão, tudo à base de pilha. Os preços variam de Cr\$ 348,00 a Cr\$ 999,00:

Na realidade milhares de meninas, por necessidade, cozinham de fato para sua família, ou para terceiros, enquanto nas classes de maior renda, a menina é estimulada a aprender o mundo adulto brincando com os mini-brinquedos.

Não bastasse esse fato amargo, infelizmente, estes brinquedos têm a sua venda promovida de um modo seletivo (machista) para meninas. A exclusão dos meninos só vem favorecer a formação de uma mentalidade preconceituosa. Assim, as campanhas publicitárias



Carlos Terrana

desses brinquedos ignoram a possibilidade masculina de prazer nas atividades domésticas cotidianas. Além disso, o mini-aspirador de pó é apresentado ao público por meio da imagem de uma empregada doméstica, como modelo adulto, um modelo por demais segregacionista e classista.

Também, cada vez mais, diminui a diferença dos preços de vários destes produtos, em relação aos miniaturizados. Por que então não oferecer os aparelhos do próprio lar, capazes de abrir

um novo mundo encantado para a criança? Você já imaginou os seus filhos cozinhando um belo omelete ou produzindo um bolo com farinha e açúcar num fogão de verdade?

Estes mini-aparelhos entendem as crianças como adultos em miniatura, do mesmo modo como a maior parcela da sociedade. Relacionar-se com as crianças como crianças; num plano e num cotidiano mais real, quem sabe não representa a abertura de novas possibilidades.

(Esther Golda Baum Ludmer)



## HUMOR x DITADURA

*Singular & Plural faz um balanço do humor nos anos Geisel. E passa a palavra para os cartunistas Jaguar, Reinaldo, Ziraldo (ouvidos no Rio por nossa repórter Yara Peres) e Chico & Paulo Caruso, Angeli, Henfil, Luis Gê e Alcy (que participaram de um debate, em São Paulo, com Claudio Willer — autor do texto final — e Paulo Ludmer). Marli Gonçalves revela detalhes de uma esquecida história, vivida em 63, pelo cartunista Otávio. E Jacob Klintowitz analisa o papel do desenho de humor, num país como o nosso.*

## Quando o top-top era caso de polícia

*por Claudio Willer*

S&P— Durante o período Médici, nas condições em que se exercia a censura sobre a produção humorística brasileira, teve muita gente se formando na escola mais difícil possível, tendo que produzir muito e viver a frustração de não ser publicado. Nesse tipo de briga, até que ponto não foi abandonado um tipo de humor mais subjetivo, menos preocupado com uma série de condições sociais imediatas e exatamente por isso mais profundo? Mesmo o tipo de humor negro que Henfil praticava numa primeira etapa do Pasquim, isso foi um negócio importante em termos de evolução do humorismo brasileiro, uma inovação temática e de linguagem. O Ivan Lessa manteve uma vertente de humor surrealista, talvez ele tenha conseguido continuar fazendo humor esse tempo todo. Aquele ABC do Sexo, lembra muito o Dicionário do Diabo, de Ambrose Bierce, a grande escola do humor absurdo e do humor negro, que no Brasil teve

grandes momentos e da qual se tem visto pouca coisa ultimamente.

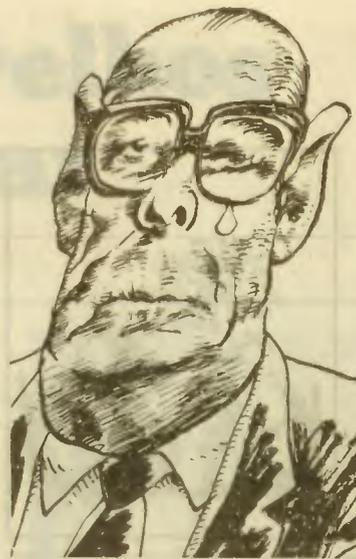
Luiz Gê — O cartun, pela sua própria natureza, pelo que ele é, é a forma mais engajada de humor; é uma das formas mais visadas mesmo. Eu me lembro do discurso de posse daquele general, como é mesmo o nome dele, pô, o Dilermando; durante o discurso, ele fala umas quatro vezes em cartunistas: "As forças engajadas no combate à revolução de 64", e tal, e fala aquela lista de gente, advogados, etc, e os estudantes, e cartunistas, quer dizer, eu acho que o cartun, a charge, por ser realmente o veículo para esse tipo de coisa, é o que mais se engaja nessa luta, é o que mais sofre inclusive.

Chico Caruso — O problema que se colocou aí, de porque não aparece mais nenhum cartunista de projeção nacional, é o mesmo de que O Cruzeiro vendia 700 mil exemplares e depois mais nenhuma publicação vendeu o mesmo. É uma série de condições históricas determinadas que fazem com





desenhar pela segunda, terceira ou quarta vez, ou sentar aí e ficar no que a gente chama de ociosidade criativa, na malandragem criativa. Conseguir acompanhar os fatos, conseguir desenhar em cima dos fatos, conseguir sobreviver dentro desse jornal que agora — e eu acho que isso é a segunda etapa da discussão — que agora está virando um real aparelho de repressão, e conseguir chegar ao outro dia — se você, por exemplo, parar dois dias com um cartun ele está desatualizado, porque o governo está renovando seu estoque de sobrevivência a cada dia. E nós, por um acaso, não tanto por uma opção da gente, nos colocamos na linha de frente deste combate, daí ter essa febre de entrevistas com a gente, debates, todo tipo de conferências, cada vez mais exposições de humor. Por causa do papel que a gente cumpriu num determinado momento. Eu quero criar um novo personagem, eu quero avançar, mas percebi que as avançadas que dei nos últimos anos foram avançadas sem que a grande massa acompanhasse. Eu fiz o Delegado Flores, que seria um personagem representando o que seria a polícia — é um delegado profético; se eu começasse a fazer ele agora pareceria que eu aderi ao sistema. O máximo que deu para fazer foi o Ubaldo Paranóico. Então nós vamos continuar repetindo, porque a situação não mudou. Praticamente não mudou nada.



Chico Caruso

Adriana Mattoso

**S&P**— Até que ponto o humor não se transformou em sociologia? Até que ponto não estamos repetindo propostas como aquela da poesia engajada, que se propunha, em um determinado momento da história da literatura brasileira, a substituir, quase, a sociologia e o discurso político? Tivemos uma reformulação do papel social do humor, e o que eu queria era questionar a validade desta reformulação. Isso tudo que aconteceu projetou o humor, colocou o humor na linha de frente. Agora, será que essa linha de frente é realmente o lugar ideal para o humorista, o lugar onde ele realmente pode expor tudo o que tem a dizer?



**Paulo Caruso** — À medida que se assumiu esse trato, realmente o cartum político está na linha de frente, e acho que até exageradamente comprometido com o enfoque dos temas políticos, em detrimento do humor. Acho que agora, na medida que vem essa abertura, coloca-se a questão de a quem interessa o humorista. Assim somos qualquer jornalista que seja mais atuante e crítico está na linha de frente, ele vai ser decapitado primeiro, porque a abertura coloca a gente em contraposição direta com a fechadura.

**S&P**— Eu acho que no limite todo humor é político, o humor é intrinsecamente desrepressão, é liberação de alguma coisa, exposição do absurdo da realidade. Não é preciso entrar nas teorias de Freud sobre humor para deixar isso bem claro. Agora, essa primazia do humor político, que ele assumiu por se tornar linha de frente, e que criou quase um carisma do humor político, uma sacralização do humor político, será que também não restringiu o campo do político, e até mesmo a compreensão do que seja político ou não? Os fradinhos do Henfil da primeira fase são políticos, aquela doideira toda do Ivan Lessa é política. Toda uma tradição histórica do humor brasileiro, o Alvares, o Voltolino, Carlos Estevão, também é política.

**Chico Caruso** — O que está f... hoje no humor político é a burrice, a falta de visão dos capatazes do sistema que estão dentro das redações dos jornais, e que não estão investindo nessa área. Todo cara que está trabalhando nesse negócio é um marginal, é tratado como moleque, como cachorro dentro da redação, e não tem o mínimo respeito profissional, não tem os menores direitos trabalhistas, não tem p... nenhuma, e é isso que está f... no humor político.



Luis Gê

Adriana Mattoso



Adriana Mattoso



Angeli



**Luiz Gê** — E falta de visão mesmo, falta de visão dos caras, a gente está cansado de ver que, agitando esse tipo de coisa, ele poderia vender muito mais jornal.

**S&P**— Vocês estão apontando que o humorista é uma classe explorada, ele é o ponto de venda do jornal, é o que as pessoas mais lêem, e ao mesmo tempo são os menos aquinhoados em termos trabalhistas.

**Luiz Gê** — A gente deve ter sido sempre isso, o pobre da imprensa, o explorado da imprensa. Isto faz com que você se torne o revolucionário — não é por acaso que o Pasquim é coisa de cartunista.

**S&P**— O que você colocou me esclarece tremendamente — não é só, digamos assim, uma consciência política do humorista, mas é que o humorista está objetivamente na condição do oprimido, em termos de relação de trabalho, e está questionando o próprio modo de produção da imprensa capitalista e na verdade ele está falando do dia-a-dia dele, vivendo as relações de trabalho, o processo de produção do qual ele participa.

**Henfil** — Porque tem um negócio aí, da sacralização do humorista, que é um pouco como o negócio dos jogadores de futebol. Então porque tem Pelé, porque tem Paulo César, porque tem Rivelino, os jogadores de futebol estão todos numa boa, quando a verdade não é essa. São alguns caras, um dois ou três, vivendo de humor, numa boa situação financeira: eu sou um deles. Pode ter o Ziraldo, que faz humor também. Tem o Millôr, que também faz teatro e é onde ele ganha mais dinheiro. O Jaguar é diretor do Pasquim e é o cargo dele que dá o sustento para ele — se fosse apenas colaborador não dava para aguentar... Então, a maioria dos humoristas estão nessa situação. E estão nesse situação, não só porque é um negócio que não é muito respeitado, mas porque o humor sempre foi considerado um negócio para

depois que você tem tudo: já temos uma boa paginação, já temos máquina off-set, fotografos, e tal...

**Chico Caruso** — Tem casos que os caras tem tudo e não dão o humor. Por exemplo, o Jornal da Tarde, eles tem boa paginação, boas máquinas, e não tem humorista.

**Henfil** — Investir no humorista é sempre assim, é o picles, é a sobremesa. E aquele negócio, você é sempre um corpo estranho, em geral eles levam muito tempo para te aceitar como empregado, assinar carteira: você é colaborador, você é igual ao colunista, pessoal que faz horóscopo, charada — inclusive colocam a gente perto da sessão de horóscopo, charada e diversões.

**Chico Caruso** — A maior preocupação que eu tenho quando entrou numa sala de redação e o cara vai falar comigo, é saber se ele vai dizer bom dia ou "passa, passa!"

**Henfil** — Outra coisa que eu quero dar uma contestada é no que você disse, do fato de o humorista estar preocupado em fazer sociologia. Bom, em geral, pelo menos a gente olhando para os exemplos dos humoristas brasileiros, pouquíssimos vieram da burguesia.

Todos vieram ou da classe trabalhadora ou da classe média. E os humoristas ricos não funcionam bem. Então tem algo aí que é óbvio, uma identificação. Quando, por exemplo, eu fico rico, o Millôr fica rico, o Jaguar fica rico, o Ziraldo fica rico, você continua solidário e continua na mesma linha de frente. Talvez o berço ajude muito. Tanto que os judeus, os humoristas judeus, são os melhores do mundo, porque vem daquela repressão familiar, a coisa e tal. E os humoristas católicos são melhores que os humoristas protestantes, porque a repressão na religião católica é muito mais violenta. O problema é que o humor é a linguagem da reversão de expectativa. Inclusive o Steinberg, que é o cara considerado monstro dos humoristas, é um cara que brinca com a forma. Ele seria o cara que brinca com a forma, enquanto a gente vai para a guerra. A gente vem, pega a munição dele e volta. Aquele humor descompromissado que havia numa determinada época, que não volta mais, o tipo de humor que o Millôr fazia no Pif-Paf, se ele fizer hoje é fraco. O Carlos Estevão, ele está falando de situações que hoje, sabe quais revistas publicariam? O próprio Amigo da Onça hoje não tem mais sentido de ser. Hoje, se nos formos fazer um humor de fila de ônibus, de barbearia, não funciona. A realidade brasileira hoje é que todos nós temos uma ditadura militar como nunca houve no Brasil, temos uma guerra de potências como nunca houve, temos a invasão do Brasil por multinacionais dominando o país inteiro como nunca houve, temos tortura oficializada como nunca houve, temos o controle dos meios de comunicação como nunca houve, temos uma televisão dominando toda a comunicação, com 60 milhões de espectadores. A situação nacional hoje, nesse momento, é de compromisso, de guerra. Nós temos uma abertura que não foi dada, que a gente abriu com nosso peito, com nosso trabalho. E se a gente chegar e falar: bom, agora eu posso fazer exatamente o que quero, agora vou falar pesquisas de linguagem, de desenho, a gente vai ficar para trás. O que está aí é um prenúncio de choque entre operários e patrões, então está começando o arrocho dos jornalistas dentro dos jornais, no Brasil inteiro está começando isso. Achou aquela união de conveniência dos patrões, ou seja, dos editores, dos donos de jornais conosco, porque eles estavam sendo esmagados por um governo que chamavam de estatizante, etc, e aí nós eramos bons aliados. Inclusive eles gostavam muito do nosso cartun porque de repente a gente dava estocada no que eles estavam querendo que a gente desse. Eles não gostavam do Delfin, a gente dava cartun, eles achavam uma maravilha. Mas agora a barra mudou, nós estamos frente a frente com o patrão. Quem está nos marcando agora é o dono do jornal. Não mudou nada.

Participação de Raquel Santilli

# Histórias dos velhos Ziraldo e Jaguar

# HUMOR

por Yara Peres

**S&P:** — Alguns acham que o cartum político acabou empobrecendo o cartum como um trabalho de arte, partindo do princípio de que a graça do humor feito por gente como você está exatamente na vivência do cotidiano.

**Ziraldo:** — *Eu não acho que empobrece, não, Apenas muda o centro, o objeto do humor. Em tempo de calma, de sossego, quando a sociedade está calma, você faz muito cartum falando sobre comportamento dentro de casa, cachorro, paisagem, sobre tudo. Aquela revista americana, o Saturday Evening Post, por exemplo, tem muita piada sobre costumes. Quando você entra numa época mais política, numa fase mais reivindicatória, fica meio sem sentido você fazer um cartum de costumes apenas. A gente faz, mas vai desaprendendo a fazer. Como tivemos uma longa noite de censura, vai apurando e depurando a técnica dos cartunistas políticos.*

**Jaguar:** — *Agora acontece o seguinte. Nós, eu e o Ziraldo, que somos da velha guarda ...*

**Ziraldo:** — *De antes de 64, você quer dizer ...*

**Jaguar:** — *Exato. Nós temos mais condição de analisar isso melhor. O pessoal que apareceu depois de 64 realmente eu acho que está com problemas sérios de estar condicionados à porrada política imediata. Um dos cartunistas que eu conheço tem basicamente sempre a mesma piada com pequenas variações, é a seguinte: Tô com fome. Isso não é culpa dele, é que apareceu uma situação de guerra contra um sistema contra o qual nós somos e que não dá tempo de ficar fazendo piadas sobre ilhas desertas. Apesar de que eu, por exemplo, adoro fazer piada sobre sexo ...*

**Ziraldo:** — *Ele adora sacanagem ...*

**Jaguar:** — *Mas, sabe como é que é, a gente não pode desviar a atenção, a gente tem uma ... missão, que nem o Zorro.*



Reinaldo, Ziraldo e Jaguar na redação do Pasquim.

Ana Regina Nogueira

**S&P:** — *Quer dizer que o humor, depois de 64, acabou virando uma espécie de cultura e resistência?*

**Ziraldo:** — *E não é só isso, mas foi a única forma de arte que evoluiu no Brasil nos últimos 14 anos, além, é claro, da literatura, inclusive a literatura política. Tudo o que não teve ajuda do governo evoluiu, o que foi comprado parou. O cinema como arte, parou; o teatro foi subsidiado, parou; a única forma que saiu do nada de 64 pra cá, foi o humor. Tinha parado no Millôr, com Fortuna, Jaguar e o Claudius. Há 20 anos. De repente aparece entre outras coisas o Pasquim e aí os cartunistas gaúchos, de Recife, Pernambuco, Goiás, Paraná. A coisa estourou. Então a luta política, a reivindicação é uma arte que se provou que é reivindicatória por excelência. A arte sempre evoluiu mais nos períodos de reivindicação, de crítica. Então, a repressão e a falta de liberdade é um campo fértil para se desenvolver a arte, mas isso não significa que a gente prefira esse tipo de coisa. O humor existe também sem a repressão. Ele continua refletindo a realidade. A vida é que põe a missão na tua mão, quer queira quer não.*

**SLP:** — *Bem, isso depende. Porque se você não for uma cara engajado, se tua cabeça estiver ligada noutra tipo de coisa que não o compromisso social e político, a missão pode até pintar que você não entrará nessa. E foi isso que me surpreendeu de 64 pra cá, isto é, em ver que as coisas começaram a caminhar nesse sentido, não só porque havia muita coisa a reivindicar, mas também porque o pessoal da área de vocês era um pessoal com coisa na cabeça, era um pessoal engajado.*

**Ziraldo:** — *Foi isso mesmo. E aí apareceu um mercado que pagava mal, um mercado pobre, mas apareceu muita revista, muito jornalzinho. A imprensa redescobriu o humor, depois de 64. No tempo de Médice o humor teve pra ser morto.*

**Jaguar:** — *É, o Médici foi o único presidente da história*

**E' FANTÁSTICO!...**



da República brasileira que não foi caricaturado. Isso porque o período Médice foi o mais tenebroso.

**S&P:— E no período Geisel, como é que foi a coisa?**

Jaguar: — Bom, pelo menos a gente pôde fazer a caricatura dele, o que não impediu que a gente pegasse uns processos aí. Quer dizer que a gente teve mais liberdade, mas uma liberdade meio de araque.

Ziraldo: — No tempo do Geisel deu pra respirar um pouco mais, como no do Castelo. Como o Castelo não sabia bem o que queria e como a gente também ainda tinha certas ilusões, tratava ele até com certa simpatia. Fiz muita Fotopotoica com o Castelo, mexia muito por causa do pescoço dele ...

Jaguar: — Que pescoço?

Ziraldo: — No Costa e Silva a gente já começou a se assustar, mas ainda assim a gente arriscava a caricaturar o home, que além de gostar de jogar pôquer e ser viciado em corrida de cavalo, impôs uma personalidade no governo dele que deu pra brincar um pouco. Mas já dava pra perceber que havia alguma coisa no ar. Foi a fase que eu e o Fortuna, por exemplo, fomos o mais reivindicatório possível. Foi a fase do cartun JS, do Manequinho. Até no O Cruzeiro eu ensinava, através do Jeremias, O Bom, como o estudante podia identificar um policial na passeata. A gente fez até um humor didático no tempo do Costa e Silva. Depois veio o Médici, um pau mandado que se servia de sua omissão pra encobrir um pessoal violento. O Pasquim ficou sob uma censura terrível; eles destruíam os nossos originais. Vindo o Geisel, o jornal foi liberado mas ganhou um processo logo em seguida. Mas aí já vinha aparecendo muita gente boa, como o Reinaldo e Nani. Em São Paulo tem gente boa também como o Angeli, Alcy, Luerte. Tem os gaúchos também que não sofreram a influência dos cariocas, como ainda é o caso dos paulistas. Mas mesmo em São Paulo tem um pessoal que mostra uma influência muito grande do desenho americano, como é o caso dos irmãos Caruso.

**S&P:— E do governo Figueirero, como é que vocês acham que ele vai aparecer no mundo os cartuns?**

Jaguar: — Já está aparecendo, né? Ele já é a figura mais caricaturada dos últimos 10 anos. E ele não é burro, porque ele percebeu que o Médici, por exemplo, vai ficar totalmente esquecido porque não figurou na história da caricatura brasileira. Agora o Figueiredo já tem milhares de caricatura. A assessoria dele já percebeu a importância de se deixar caricaturar...

Ziraldo: — Logo que ele foi indicado, o Pasquim saiu com um festival de Figueiredo.

**S&P:— Bem, mas isso quanto ao homem Figueiredo, mas e quanto ao governo dele? Há alguma perspectiva pra vocês? Há um lugarzinho?**

Ziraldo: — Olha, quer que eu diga? Nós vamos entrar numa fase de tamanha euforia com esse capitalismo menos selvagem que está vindo por aí, é o Tarzã de chuteiras, que o povo pode começar a perguntar de repente, vocês estão gozando o quê? Então vai ser mais difícil fazer um humor político, porque o pessoal não vai entender o que é que você está gozando. E eu já sei o que estarei gozando, porque eles não vão me enganar. O que vem aí é o capitalismo a 200 por hora. Resolveram transformar esse país na maior potência

capitalista do Terceiro Mundo, acabou o estado de segurança nacional, isso já não interessa mais ao esquema do Brasil. Isso cabe ao Uruguai e ao Chile.

Jaguar: — E os bois de piranha é que vão entrar pelo cano, os Fleury da vida, e etc ...

Ziraldo: — Então pra fazer disto uma grande nação capitalista então tem que mudar algumas coisas na aparência, então, você vai começar a fazer uma caricatura mais maldosa, o povo não vai entender. Como eu fazia charge no JB no tempo do Médici e o pessoal não entendia: Contra o que é que você está? Você está gozando o quê? O Brasil é campeão do mundo, a gente tem um milagre econômico. E a gente vai desenvolver outro tipo de humor, mais coisa de sacanagem, etc.

Jaguar: — Aí acho que chegaremos ao nosso grande ideal: o nú frontal. Essa será a grande realização do governo Figueiredo. Nós não deveremos nada a nenhum país estrangeiro.

Ziraldo: — É, mas isso você gosta de uma sacanagem. Eu tentarei no Pasquim ser chamado de pelo menos chato. O que é que esse cara está insistindo em denunciar? O pessoal vai perguntar. E vai ser difícil denunciar porque vai ter uma aparência civilizada. Quer dizer, o Pasquim vai transar uma de sacanagem, de graça descomprometida, mas insistindo pra desmascarar a farsa do negócio. A gente bota mulher peluda na capa e dá o recado dentro.



Novembro de 77. O governo pressiona a Folha de São Paulo. Caem editores, comentaristas, etc. Inclusive Cláudio Abramo deixa o cargo de editor-responsável. A charge editorial deveria ser suprimida, descaracterizando a página 2, opinião do jornal. Me foi proposto ilustrar os artigos que viriam ocupar o lugar do editorial. Não querendo que esse desenho viesse a ter um papel meramente ilustrativo, desvirtuando a autonomia própria da charge editorial, procurei fazer com que o desenho por si só dissesse alguma coisa, além de ilustrar a matéria. Propus então a idéia de uma ilustração que se desenvolvesse diariamente, como numa história em quadrinhos, em que cada quadro fosse publicado num dia.

A série começou a ser publicada, obtendo então ressonância, inclusive entre os encarregados da auto-censura na redação, que passaram a se envolver, dando sua aprovação e a participar com comentários e palpites na criação. A publicação começou num sábado, com árvores (kiergand e desespero) de troncos nós retorcidos em agonia. Gradativamente as árvores iam se enchendo de uma folhagem viçosa e exuberante, enquanto num segundo plano, lá no infinito, um diálogo inteligível chamar a atenção do leitor. Na sexta seguinte, um Lobo Mau entra em cena, agora uma densa floresta e a diretoria manda suspender a publicação com uma acusação estapafúrdia:

— Eu estava fazendo propaganda subliminar!

As árvores retorcidas eram uma alusão às torturas.

Nem a auto-censura havia pensado nisso; um dos censores, abatido, exclama derrotado: «— Sinto-me um marido traído!»

Era uma sexta-feira e eu tinha os artigos de sábado e domingo na mão, um sobre o fascismo italiano e outro sobre Einstein. Consegui adiar o final da série por mais dois dias, com a condição de que a floresta não aparecesse novamente. No sábado, o Lobo Mau num descampado carregava um feixe de lenha. Diante de novas pressões superiores o editor então esclarece o desaparecimento da floresta traduzindo o Lobo e o feixe como relações entre a Loba Romana e o Fascio. No domingo, afinal o Lobo se encontra com Einstein, que, estupefato, ouve da boca da fera: E-mc2.

LUIS GÊ



## REINALDO: cartum didático, não.

S&P — Você acha que a "abertura" de Figueiredo iria acabar com o cartum político e com a nova safra de cartunistas (a qual, aliás, você pertence) que nasceram e cresceram depois de 64?

Reinaldo — Não, acho que não. Porque isso seria justificar o pensamento daqueles que acham que quanto pior, melhor, quer dizer que a situação só é criticável quando está crítica. Essa pretensão de abertura pode servir como base pra futura gozação. Criticar essa pose de democrata.

S & P — Tem gente que acha que o cartum empobreceu enquanto arte, com a atitude que os cartunistas brasileiros tomaram de portavozes se utilizando do cartum como um instrumento de sua "missão". O que é que você acha disso?

Reinaldo — Eu concordo com isso. O cartum didático, explicado demais, muito preo-

cupado com o conteúdo, esquece da maneira como dizer as coisas. Então você vê desenhos feios. Eu acho isso ruim, acho que empobreceu realmente a arte de desenhar. A graça da coisa está realmente em você descobrir novas maneiras de dizer velhas coisas. Senão vira *slogan*, mecanicamente repetida. Agora tem que se compreender que isso era natural que acontecesse de 64 pra cá. Não se podia esperar ou exigir outra coisa. Talvez quando a coisa se acalmar mais e a gente puder se preocupar outra vez com a forma, então o cartum ganhe outra dimensão social. Não será nem melhor e nem pior que a de hoje, será apenas diferente. Por enquanto eu só acho que estamos na pré-história das idéias, quando sair desse ponto é que vai ser uma boa. Mas a pré-história se fez necessária, e a gente enfrentou como pôde. Ou melhor, está enfrentando como pode.

S&P — E quanto à escola que o pessoal novo como você está tendo?

Reinaldo — É, a gente está sendo formado numa escola de urgência, que é importante porque vai formar a consciência política. Depois poderemos então criar desenhos maravilhosos, ampliados pela consciência política. A gente vai poder divagar sobre outros temas, outros assuntos, sempre tendo a visão global do que acontece.

S&P — Você acha que o governo Figueiredo será mais fértil, enquanto motivo para sátiras do que foi o do Geisel?

Reinaldo — É difícil dizer. O ministério é um *replay* do que já existiu. Agora o Figueiredo é mais grotesco do que o Geisel. É bem possível que a gente vá ter muito trabalho nos próximos anos.

Por Yara Peres



**JANEIRO**



**FEVEREIRO**

## QUANDO UM CHARGISTA CAUSA TUMULTO

Essa história esquecida de 16 anos atrás ilustra o poder da charge, ainda que sobre futebol, que manejada politicamente pode causar até a queda de um grande jornal.



Encontro entre o cardeal e Otávio. Da direita para esquerda: Jorge Miranda Jordão, Otávio, Cardeal D. Carmelo Mota, Samuel Wainer e dois funcionários do jornal.

Dia 27 de agosto de 1963. Ia haver uma grande decisão entre o Corinthians e o Santos. Como é costume até hoje, os jogadores dos dois times haviam ido em romaria à Aparecida do Norte para pedir a vitória à Santa. Sai então publicada na Última Hora uma charge de Otávio Câmara de Oliveira em que aparece um bandeirante e um peixeiro, símbolos dos clubes, rezando

perante a santa, negra, desenhada com traços fortes, suando e com um ponto de interrogação na cabeça. Foi o que bastou para que se insinuasse ser a imagem de Pelé e a charge ser considerada sacrílega.

"No outro dia, lembra Otávio, hoje com 48 anos e chargista da Folha da Tarde, o comércio do Vale do Paraíba fechou, o povo formou uma caravana



de 300 carros para São Paulo, trazendo uma tela de quase dois metros da imagem. Esse pessoal fez uma passeata até os Campos Elíseos, da qual eu participei, pois ninguém conhecia a minha aparência. No Palácio havia uma bandeja de prata com os dizeres: "Nesta bandeja levaremos a cabeça do sacrílego Otávio".

"A pior parte durou quatro meses", continua Otávio, "cheguei a receber uma base de 600 a 1000 telegramas por dia ameaçando até de explodir o prédio onde morava. Recebi coisas engraçadas como uma foto de um Judas pendurado no poste com o cartão: 'As cinzas de Otávio vamos mandar para Cuba'. O Joel Silveira entrevistou um advogado de Bauria que dizia que a charge fazia parte de um movimento comunista internacional para desmoralizar as autoridades da América Latina. Cheguei até a receber da Igreja um papel tipo-diploma, que dizia que enquanto eu fosse vivo teria duas missas diárias".

Além do lado religioso, há todo o lado político do episódio. Voltando-se um pouco no tempo, sabe-se que Ademar de Barros, então governador de São Paulo, andava com o prestígio abalado no Vale do Paraíba, onde seu partido, o PSP, havia perdido as eleições. E a Última Hora era na época um dos jornais mais combativos do país.

"Um dia depois da publicação, lembra Samuel Wainer, então diretor do jornal, recebi a informação de que haviam sido queimadas duas camisinhas do jornal no Vale do Paraíba. Lá em Aparecida haviam dois padres que dirigiam a Rádio Aparecida, uma das mais poderosas do país e que tinham ojeriza especial à Última Hora. Foram esses padres que acharam um sacrilégio a charge de Otávio, insinuando que era o Pelé. Baseados nisso, Ademar de Barros, que era muito combatido pela Última Hora e o seu secretário de Educação, padre Baleeira, que Otávio sempre caricaturava com uma cruz de pedras preciosas no peito, deram declarações fingindo ultraje. No Rio, Carlos Lacerda, outro inimigo do jornal, se aproveitou também. Até o Amaral Neto chegou a colocar na rua um comício de desagravo à Santa. Nesse meio tempo, a Associação de Famílias Cristãs lançou um manifesto propondo um boicote ao jornal. E a Cúria, um comunicado condenando o jornal e sugerindo que ninguém anunciasse. No fundo, uma tentativa de destruir o único jornal getulista do país".

O governador Ademar de Barros convocou uma passeata que chegou a juntar mais de 300.000 pessoas. A maior ameaça era de que ela passasse em frente ao jornal e o destruísse. Samuel Wainer, através do presidente João Goulart, conseguiu que ela se desviasse para o Viaduto do Chá através de um encontro com o então cardeal de São Paulo, D. Carmelo Mota, assim descrito por Otávio: "Fomos eu, Samuel, Jorge Miranda Jordão e Natanaelli. É normal que uma pessoa entre e beije o anel do cardeal, mas na hora em que eu beijo o anel, um fotógrafo aparece e bate a foto, que no outro dia é publicada com a manchete: 'Chargista Otávio, arrependido, beija o anel do Cardeal'".

"De lá para cá, o jornal jamais se recuperou responde Samuel Wainer à pergunta se esse episódio teria derrubado o jornal. A responsabilidade não foi do Otávio, que é um chargista e viu sob seu aspecto, não tendo intenção alguma de insultar a Aparecida. Foi um erro político. Naquela época, o redator-chefe era Jorge Miranda Jordão e o Armindo Blanco, português exilado, marcado por tendências colonialistas e posição anticlericais. A responsabilidade principal foi dele, pois julgava com seus ranços de anticlericalismo português, já tão fora de moda, que publicar a charge seria um ato político".

MARLI GONÇALVES

## A IMPORTÂNCIA DO DESENHO DE HUMOR

Jacob Klintowitz

No Brasil o desenho de humor é solenemente desprezado como forma artística. Acredita-se em arte segundo as suas técnicas tradicionais, a escultura, o desenho, a pintura e a gravura. E dentro dos temas e assuntos mais nobres. Não há lugar, entre nós, para as expressões ligadas às formas de comunicação, a mídia impressa e eletrônica. Quando digo que não há lugar entre nós, falo das 5 mil pessoas que produzem, consomem e institucionalizam a arte. Mas, é curioso: nos meses em que estas cinco mil pessoas vão para a praia ou para a serra, os meses de julho, janeiro e fevereiro, o país continua a sua existência normal. Os jornais, revistas, os programas eletrônicos, continuam saindo e as pessoas continuam vivendo. E, no entanto, não há exposições de arte, os museus funcionam com meia porta. Nada acontece. E, entretanto, tudo acontece. Isto só pode significar uma coisa: os 110 milhões de habitantes formas. É certo isto, porque a imagem é vital.

O homem não vive sem signo. A escrita e a imagem (às vezes são a mesma coisa) acompanham o homem desde sempre. O homem necessita destas formas como fundamento para conceitos e entendimento do mundo. A imagem é vital. É por isto ela tem interessado sempre ao Poder. É sabido do uso de imagens pelos regimes totalitários, pelas organizações comerciais, pelas campanhas de idéias. A imagem é fundamental para o homem. Mas a imagem não é somente a que é expressa por um tipo de arte. Pode ser dito, inclusive, que cada época tem um tipo de arte. A criação de meios tecnológicos de comunicação em massa, cria, igualmente, novas manifestações artísticas com novos suportes. O DESENHO DE HUMOR É UMA DESTAS FORMAS: Curioso que se entenda mal este tipo de trabalho: o que terá sido Daumier, Degas e Toulouse-Lautrec senão desenhistas de humor e de costumes? Mesmo artistas como Goya, em certa medida, fizeram desenho de costumes e denúncia. Para não falar nos mais evidentes como Hoggard, Picasso, Berdsky, Groz, Klimt, Munch, Miró. No Brasil há um cuidado em não entender o desenho de intenções sociais, pois se trata disto, como forma estética, para usar uma palavra antiga.

Felizmente existe o desenho, a comunicação e o humor. E como dói! Os humoristas, esta gente tão séria, não são considerados sérios. Ainda que se empenhem, de lança em riste, Quixotes modernos, contra as forças do Poder, são considerados rapazes divertidos. Mas não importa, eles continuam trabalhando e ferindo, fazendo ver, falando com milhão de pessoas de cada vez, fazendo rir e fazendo refletir. Em nenhuma outra expressão artística é tão evidente a grandeza ou mesquinha do ser humano, quanto no desenho de humor. Este desenho será tão maior quanto for o homem-desenhista. As alturas são infinitas. As pequenezas, também. O desenho de humor tem servido, historicamente, as forças políticas as mais diversas. É necessário, também aqui, ter uma clara visão de mundo.

Entre nós, este desenho tem um papel fundamental, uma vez que, nas grandes cidades, o desenho de humor substituiu a literatura de cordel como informação para a população. Para um povo acostumado à imagem e a comunicação rápida, uma população que lê pouco, o desenho de humor é a informação. Os nossos desenhistas estão cumprindo o seu papel? Na medida em que a nossa intelectualidade também cumpre o seu. Isto é, um pouco melhor, um pouco pior. Como é a nossa universidade, a nossa literatura. São as dificuldades de influência modificadora numa sociedade complicada como a nossa.

Mas, nos últimos anos, os desenhistas de humor tem assumido um papel cada vez mais dinâmico, participante, atuante. E a presença se multiplica entre nós. Hoje os editoriais são humoristas, além e aquém dos editoriais escritos. Qualquer coisa como Millôr (Veja), Ziraldo (Jornal do Brasil), Henfil (Isto É), Zélio (Isto É), Jaguar (Pasquim), Fortuna (Folha de São Paulo), etc. Qual o resultado de tudo isto? Limitado, é claro. A ação individual é sempre limitada e as questões da política e da economia não se resolvem simplesmente com desenhos. Resultado limitado, mas esclarecedor. Esclarecedor e ferino. Ninguém está a salvo na vaidade do Poder enquanto houver um desenhista de humor vivo. Ainda bem.

# BOPP·BOPP·BOPP·BOPP

(Vamos curtir a maravilhosa  
música do poeta **RAUL BOPP**)



Tem 84 anos. Rolou pelo mundo.  
Até seu nome é bonito —  
e tem música. Um dos melhores poetas  
brasileiros. Mas muita gente  
(principalmente a menina ~) não o conhece.



Raul Bopp, o grande poeta brasileiro desconhecido, membro da trilogia antropofágica, juntamente com Oswald e Mario de Andrade, criador do grande poema amazônico Cobra Norato, baseado em lendas da região, podia estar sentado numa das cadeiras imortais da academia, tomando chá das cinco com brioques amanteigados.

Aliás, um direito adquirido pelos seus vividíssimos 84 anos.

Em 1918 ele saiu por aí, querendo abraçar o mundo: visitou ainda adolescente os igarapés, provou pioneiramente da "diamba" amazônica, entrou com todos os sentidos terra adentro.

Nafragou nas costas das Guianas, visitou África e Ásia, foi de inspetor de estradas brasileiras a embaixador itinerante.

Hoje Bopp está cansado, quando fala é na linguagem poética de seus sonhos e trips.

Redescoberto pelo Giramundo, grupo mineiro de teatro de bonecos, que acabou de mambembar pelo Brasil todo o Cobra Norato, num dos mais belos espetáculos já montados neste país, Bopp aqui se vê, é visto e revisto.

Por ele mesmo, por intelectuais como Drummond, Houaiss, Jorge Amado e Antonio Dimas, sem contar o poema visual proposto por Alvaro Apocalipse, líder do grupo Giramundo, e um dos responsáveis por essa quase tardia redescoberta do que talvez seja o mais brasileiro de todos os poetas.

Mirna Grzich

# Aos 84 anos, Raul Bopp fala com um fiozinho de voz. Aqui, seu depoimento a Mirna Grzich foi montado a partir de declarações, entrevistas anteriores e artigos nunca publicados.

“— Aonde vais, Raul Bopp?”  
“— Vou ali e já volto.”

Américo Facó

## VIDA, INFÂNCIA, AONDE?

*Eu me criei no Rio Grande do Sul, em Tupanciretã, zona campeira. Meu espírito se formou dentro dos quadros rurais. Aquela paisagem dilatada, de horizontes livres, sem mistérios, terá certamente deixado, em mim, traços marcantes. Ela responde a uma relação espacial do homem com as distâncias. Delineou componentes sentimentais. Recolhi as primeiras emoções poéticas, de marca local, em sonetos de armação medíocre. Era um desejo natural de dizer coisas, sem preocupações literárias. Como se sabe, fiz cada ano do curso de Direito em uma diferente academia. Iniciei no Sul. Cursei o terceiro ano no Recife, o quarto em Belém do Pará, o quinto no Rio de Janeiro. Pude, dessa forma, conhecer um pouco o Brasil, especialmente o norte. Viajava sempre que eu podia, para assistir festas folclóricas. Fazia exames de segunda época.*

## DESCOBRINDO A AMAZÔNIA

*Ao chegar na Amazônia, descobri que estava ante um cenário completamente diferente, de uma violência desconcertante. A linha constante de água e mato era a moldura de um mundo*

*ainda incógnito e confuso. A impressão que me causava o ambiente, na sua estranha brutalidade, escapava das concordâncias. Era uma geografia de malacabado. As florestas não tinham fim. A terra se repetia, carregada de alaridos anônimos. Eram vozes indecifradas.*

*Depois de algum tempo, em frequente contato com a selva, adivinhando seu sentido mágico, comecei a acreditar em coisas que me contavam: causos do Minhocão, gênios, maus da floresta, o Curupira, o Caapora, o Mapinguari. As vezes, na hora do silêncio parecia haver em toda floresta um respeito ofilatrício, sob a proteção do mistério: a Cobra Grande. Os pontos de encontro de canoas, onde à tardinha pouçam pelas vigilengas, como pássaros cansados, era o local de se ouvir histerias da região. Canoeiros, de pé no chão, confraternizavam, uns com os outros, entre as cuités de cachaça. Cada um contava seus causos.*

*O romanceiro amazônico, de uma substância poética fabulosa, com o mato cheio de ruídos, misturado com a pulsação das florestas insones, não podia se acomodar num perímetro de composições medidas. Os moldes métricos fracionados serviam para dar expressão às coisas do universo clássico. Mas deformam ou são insuficientes para refletir com sensibilidade um mundo misterioso e obscuro, com vivências pré-lógicas. Precisava-se, por isso, romper com as limitações da processualística do verso, ensaiar qualquer coisa em novas escolas de formas de (à maneira da vida vegetal, espontânea) em linguagem solta, em moldes rítmicos diferentes.*

*“Um dia, ao me acordar, alta noite, achei estranho o estado de silêncio, que havia em todo mato. Não se ouvia o mínimo ruído. Tudo parecia magnetizado. De manhã, perguntei ao dono*

*do rancho porque é que havia essa transformação repentina, de uma barulheira enorme para uma quietude absoluta.*

*Respondeu-me:*

*— Ué! É a hora do respeito. As cobras saem para fazer justiça!”*

## PAJELANÇA, ALTA MAGIA

*Lembro de uma noite, montaria a remo, costeando a ilha até alcançar o rancho do pajé. Era um tipo de tejuapar, tapado de palhas que tocavam o chão. No recinto, estavam caboclos descalços, acorados sobre meaçabas de anajás. A cuité de tiquira passava, de mão em mão, para animar o ambiente. Mestre Paricá, espécie de sacristão, picava fumo com diamba, em enormes cigarros de tauari, para defumações rituais e fazia micagens de entreter a assistência.*

*Quando apareceu o pajé, com ar grave, nu da cintura para cima, fez-se silêncio no rancho. Então ele começou a assobiar, com sibilos prolongados e estranhos. De vez em quando sacudia o maracá, onde estavam encerradas as “sementes” dos bichos, sob a sua subjugação mágica. Depois de alguns instantes, em um estado de mediunidade, entrou no seu corpo o espírito do jacaretinga. Jacaré começou a falar. Pedem tufiá. Pajé tomou um gole de tarifa para o jacaré. Jacaré queria dançar. Pajé ensaiou um movimento ziguezagueado dos sáurios. Pajé fez perguntas de “consultar o remédio” para o enfermo, que estava no recinto, como “inchaço no estômbo”.*

*— Ah, mas só quem sabe disso é a suçuarana”.*

*Iniciou-se então um novo ciclo de chamar o espírito do bicho “citado”.*

*Veio a suçuarana. Dançou com movimentos elásticos de um felino. Depois*

**“Um dia  
ainda eu hei de morar nas terras  
do Sem-Fim: Vou andando caminhando  
caminhando: me misturo no ventre do  
mato, mórdendo raízes Depois  
faço puçanga de flor de tajá da  
lagoa e mando chamar a Cobra Norato.”**

34

O poema Cobra Norato foi transformado em espetáculo teatral e viajou por todo Brasil, mostrando a riqueza e a musicalidade de Bopp. Neste depoimento, Alvaro Apocalipse, líder do grupo Giramundo, responsável pela montagem, conta como foi visualizado o grande texto amazônico. Sem tocar numa linha do poema, Apocalipse percebeu que «nosso desafio era buscar a dramaticidade num texto literário sem intenções teatrais, não recorrendo à adaptação ou roteiro reescrito. No poema tudo tem vida: as árvores, os rios, os animais. Todos falam. Todos têm alma (ANIMA, ANIMAE). E animar é o ofício do marionetista. Do poema emana um cheiro de liberdade, um apelo de começo, um convite da origem. O poema é rico em imagens que sugerem gestação e nascimento. Imagens de chuvas e inundações reforçam a ideia de criação do mundo. Dai relacionamos: primeiro o barro. Barro de onde se originou o Adão bíblico.

**BOPP EM SOM E IMAGEM** — O Cobra Norato, na montagem do grupo Giramundo, foi considerado por José Antonio de Barros Freire, o Barrinhos, criador do projeto de Teatro Infantil da TV Bandeirantes, o Tá na Hora, Tá na Hora, como um dos mais importantes acontecimentos da área de cultura deste ano. E que poderá ser visto em breve num especial, mostrando os maravilhosos bonecos do Giramundo e opiniões e depoimentos sobre a importância de Bopp na literatura brasileira, dados por seus amigos Sergio Buarque de Hollanda, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade.

foi invocada a Mãe do Lago. Cada espírito queria um gole de tafiá, para contar o que sabia sobre o doença. As consultas foram se sucedendo. Por fim, depois de uma defumação, o pajé cuspiu fora um besouro, que estava escondido no "estombo" do paciente.

Durante a pajelança, fiz algumas anotações sumárias, semitaquigráficas, de frases que eu consegui compreender nesse espiritismo zoolátrico. Seu Domingos, informado do meu caderno de notas, confidenciava no dia seguinte, aos que apareciam no seu barracão:—

— Esse moço, ali, sabe escrever no escuro!.

Eram as minhas credenciais.

### LUA CHEIA, POROROCA

De repente, ouviu-se um estrondo distante. Parecia que o mar tinha se quebrado.

Surgiu depois, no horizonte fluvial, um vagalhão imenso, como um Niágara avançando rio adentro. Vinha arrebatando tudo. Destruía o que encontrava pela frente. Solapava, em investidas violentas, as ribanceiras das ilhas. Fatias de terra molhada escorregavam, como uma massa mole, dentro d'água.

A primeira onda passou por nós (estávamos num barranco apumado) como uma avalanche, pinoteando, com cristas cobertas de espuma. Seguiram-se ondas menores, do banheiro, alcançando os bordos do barranco de uns oito metros de altura.

Explicaram-me que o fenômeno se manifesta, com mais grandiosidade, nos oito meses que contém a letra R, a começar em setembro, e são ainda maiores em fevereiro, que tem dois RRs.

As duas ilhas da foz do Gurupi, em certas épocas do ano, se visitam para trocar de lugar. De Massarico até Bis-saua encontram-se, de vez em quando, rastros de um gigante (tamanho dos passos de cinco palmas, dos grandes).

Em outro lugar, à noite, surge uma serpente "muito enorme", de olho de fogo. Também numa praia deserta costuma aparecer uma moça de saia molhada, à procura de um pente de desfazer feitiço. Em noite de quarto minguante, ficam soltos fantasmas erráticos, em lugares de assombração. Numa barca vazia, almas que fugiram do purgatório desamarram correntes, que se arrastam com ruídos por toda noite.

Contaram-me numa povoação em que pernoitei, a história de Andrelino, rei dos garceiros. Era um herói de mil façanhas. Um dia matou uma onça em estado de cio. Foi a sua desgraça. Os felinos machos, em caterva, e esperaram numa emboscada. Liquidaram com ele.

Dessas conversas erráticas, em rodas que não tinham outro objetivo que o simples prazer de estar-juntos, fui sedimentando conhecimentos fragmentários sobre a Amazônia. Aprendi também em minhas viagens de canoas, a sentir intensamente esse ambiente, onde casos do fabulário indígena se misturam com episódios da vida cotidiana. O mágico anda de mãos dadas com fenômenos da natureza.

### INFLUÊNCIAS: DESCER AO CHÃO PARA ESCUTAR

Durante a minha estada no setentrião brasileiro, colhi ensinamentos que me conduziram a um novo estado de sensibilidade. Alarguei instintivamente a visão que eu formava das nossas coisas. Abeirei-me das formas rurais, de uma deliciosa formação sintática. Na sua simplicidade, estavam certamente germens de poesia pura, descongestionada de acessórios ornamentais.

Pude compreender, aos poucos, que cada idéia devia ter o seu encadeamento rítmico, ajustado em versos livres. Importante seria, por conseguinte, a captura de ritmo apropriado para cada verso e não uma montagem silá-



E com barro são feitos os bonecos de cerâmica dos índios carajás. Cobra Norato é então representado por um boneco de cerâmica indígena; seu companheiro de andanças, o Tatu, é um boneco da estatuária africana; A filha da Rainha Luzia é um boneco de traços europeus. Segundo análise de Othon Moacyr Garcia, o casamento do herói, Cobra Norato, com a filha da Rainha Luzia, seria a maneira simbólica de insinuar o casamento da raça e cultura ameríndia com a raça e cultura européia.

Sábado passado, no Rio de Janeiro, Bopp, que nunca sai de casa, foi surpreendido escondido na platéia. Ovacionado em delírio, com seu fiozinho de voz quase estrangulado expressou sua alegria e gratidão emocionadas ao Giramundo por ter captado com tanta sensibilidade seu universo mágico.

**"Com mais uma pitada  
o chão perdeu o fundo  
Negro escorregou,  
Caiu no meio da África."**

(poema Diamba)



Conheço Bopp de toda a vida. Eu era um menino recém-chegado da Bahia quando o conheci, já poeta famoso e viajante intrépido, pelos idos de 1931. Tivemos uma casa em Ipanema, em 1932, onde morou metade da população literária do Rio naquela época, gente vinda do Rio Grande do Sul e do Nordeste. Assim começou uma amizade que dura até hoje, fraterna. Em 1933, andarilho sem pouso, Bopp tocou-se oceano Índico adentro, novos caminhos do Oriente. Da costa da África foi — e enviando os poemas que compuseram a primeira edição de Urucungo, publicado pela Ariel Editora, edição promovida por amigos de Bopp, entre os quais me encontrava.

Com Raul Bopp, a poesia brasileira atingiu a magia de uma realidade quase incrível. Cobra Norato nos revelou uma parte fundamental de nossa vida de nação.

**JORGE AMADO**

bica artificial, com prejuízo do assunto poético.

Uma vez, ao assinalar um certo interesse pela leitura do Selvagem, de Couto Magalhães, e Poranduba Amazônica, de Barbosa Rodrigues, ambos de um forte sabor indígena, Queiroz mostrou-me trabalhos avulsos de Antonio Brandão de Amorim. Foi uma revelação. Eu não havia lido nada mais delicioso. Era um idioma novo. A linguagem tinha, às vezes, uma grandiosidade bíblica. No seu mundo, as árvores falavam. O sol andava de um lado para o outro. Os filhos do trovão levavam, de vez em quando, o verão para o outro lado do rio.

O contato com a terra faz a gente pensar em ponto grande. O espírito se recobra de valores mais fortes. Os poetas, de um modo geral, magnetizam-se diretamente com os livros. Mas, o certo é mesmo descer ao chão, para escutar, com a fascinação dos sentidos, a vida subterrânea dessa Amazônia indecifrada. O homem da Amazônia afinou a sua sensibilidade no mistério. Fez um curso imemorial de mato. Encheu-se de credices, com um paladar de humilde. Ficou, por isso, preso aos seus próprios códigos de obediência. Guarda um respeito ancestral pelas forças totêmicas. A mitologia indígena distribui, obscuramente, os seus duendes, para guardar o espírito da selva, em legítima defesa. Nos seus longos silêncios, o nheengaíba capta as profundas vibrações do ambiente, do clima surrealista. (A floresta, às vezes, cobre-se de flores)

### DEFINIÇÃO DE FLORESTA

As florestas não descansam. Estão em elaboração constante, dentro do seu arcabouço gigantesco. O rio é quem comanda. A natureza inteira sente-se dominada por uma trama de forças

ocultas. As raízes trabalham no processo de crescimento, com suas fórmulas cifradas. Alimentam células de um conteúdo mágico.

Percebe-se, com sentidos transcendentais, a batalha silenciosa da química orgânica. No seu misterioso laboratório, dosam a clorofila com átomos de magnésio e com rações de sol. Elaboram novos elementos para enriquecer a escola das formas.

### LINGUAGEM INDÍGENA, POESIA PURA

Os nhenengatus, colhidos genuinamente nas malocas do Alto Urariquera, e na região do Rio Negro, eram de uma enternecedora simplicidade. Por exemplo:

"Há muito tempo, já, no princípio do mundo, contam, desceu do céu uma moça de lindeza de rosto" etc. Ou então: "Nos tempos de antigamente..." O tuxaua acreditava, a sua origem cósmica quando dizia: "Aquele estrela que me gotejou..."

Nos diálogos afetivos, usavam o diminutivo dos verbos: "estorzinho, esperazinho, adoçazinho". Para dar ênfase a certos episódios, recorriam ao processo de repetição do vocábulo, como "pula-pulavam, ou vira-virando".

Certas histórias, sobre temas meramente humanos, eram tratados com um desusado tempero lírico. Por exemplo: "A moça se enfaceirou pelo moço". "Acendeu os olhos para ele". E mais adiante: "A luz da lua dançava nos seus olhos."

A mãe disse para a filha: "Não olhes tão de doer nos olhos dele." "Ele adoçava a sua boca na boca da moça". Ela dizia: "Esperazinho por mim".

Todos esses contos, lendas, causos, com maneiras de dizer próprias, foram, mais tarde, reunidos no volume nº 154 da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (ano de 1926). Esse notável trabalho extraído diretamente de fontes indígenas há mais de meio século, merecia ter melhor divulgação e no nosso país. A linguagem poética, de saber inédito, serviria certamente para influir na criação de novos rapsódias, de tipo Macunaíma.

### DAS RÃS AO MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO

Uma noite, Tarsila e Oswald resolveram levar um grupo de intelectuais a um restaurante, situado nas bandas de Santana. Especialidade: rãs. O garção veio tomar nota dos pedidos. Uns queriam rãs. Outros não queriam. Preferiam escalopini.

Quando, entre aplausos, chegou um vasto prato, com a esperada iguaria,

Oswald levantou-se e começou a fazer o elogio da rã, explicando com uma alta porcentagem de burla, a teoria da evolução das espécies. Citou autores imaginários, os ovistas holandeses, a teoria dos homúnculos, os espermatistas, etc para "provar" que a linha da evolução biológica do homem, na sua fase pré-antropóide, passava pela rã. Tarsila entendeu:

— Com essa teoria, deglutindo rãs, chega-se à conclusão que somos uns quase antropófagos.

A tese, com um forte tempero de blague, tomou amplitude. Deu lugar a um jogo divertido de idéias. Citou-se logo o velho Hans Staden e outros "clássicos da Antropofagia":

— "Lá vem a nossa comida pulando". A Antropofagia era diferente dos outros menus.

Alguns dias mais tarde, o mesmo grupo do restaurante reuniu-se no palacete da Alameda Barão de Piracicaba, para o batismo de um quadro pintado por Tarsila: o Antropófago.

Depois de encerrados os dois primeiros ciclos da Antropofagia, Oswald propôs, um dia, a reestruturação de idéias, a fim de conduzir o movimento com mais coerência. Cogitou-se a convocação de um Congresso, de amplitude nacional, para um debate de teses. Figurariam, nesse plano, entre outras teses, uma SUB-GRAMÁTICA BRASILEIRA; uma SUB-RELIGIÃO DO BRASIL, constituída com o substratum de crenças de três grupos raciais, que formam o alicerce étnico do Brasil; tese sobre o Mussangulá (teoria de base filosófica sobre o estado de aceitação, de instinto obscuro, pré-lógico, que denuncia compreender claramente as coisas); Livro do Nenê Antropofágico; estudos sobre a Libido Brasileira; Suma Antropofágica, constituída de uma série de notas e advertências, que formaríamos a base de um Tratado de Governo, isto é, como seria no Brasil um governo de formação antropofágica, capaz de solucionar, dentro de irrestritas conveniências nacionais, os seus problemas, de uma desvairada complexidade.

Essas teses, ao serem publicadas formariam parte da "Bibliotequinha Antropofágica."

Estavam os trabalhos nessa altura, dentro de um esquema de preparação do Congresso (que ia se realizar em vitória, Espírito Santo), já com data marcada, quando surgiram vários imprevisos, de âmbito doméstico, que vieram perturbar o ritmo. Ocorreu um *changé* de dames geral. A reação emocional se processou em série.

Com a emoção dos acontecimentos, ninguém pensou mais em Congressos, nem Bibliotequinha.

# INTELECTUAIS EM DEBATE

J. Teixeira Coelho Netto, professor na ECA-USP, e autor, entre outros, de *O Intelectual Brasileiro — Dogmatismos e Outras Confusões* (Global, 1978 — ver resenha no nº 3 de S & P) responde «en passant», no texto que se segue, a uma crítica que lhe foi dirigida por Renato Pompeu, na revista *Veja*. E aproveita a ocasião para retomar a questão do papel e função social do intelectual, complementando as teses propostas no seu livro. Acho a postura de J. Teixeira Coelho Netto um modelo de elegância — outros criticados talvez dardejasse — uma sequência de adjetivos e sarcasmos contra Pompeu, de «patrulheiro» para baixo, em vez de tentarem situar a questão em um contexto mais amplo.

O tema central de J. Teixeira Coelho Netto é o relacionamento difícil entre intelectuais e partidos políticos, e determinados impasses e contradições das esquerdas, mais patentes atualmente, — trata-se de um assunto, momentoso e que vem alimentando um acalorado debate. Não se está pretendendo, portanto, dar a palavra final neste debate, e muito menos expressar um ponto-de-vista definitivo sobre a questão. Nossa intenção é colocar o tema em discussão, abrindo a página de nossa revista para todos os que quiserem intervir no debate.

Claudio Willer

## A ideologia do socialismo é o ópio do povo? ou As agruras do intelectual

por J. Teixeira Coelho Netto

Instala-se no Camboja um regime alucinado e massacrante; o Vietnã invade o Camboja e a China o Vietnã: o traço ideológico se perde nas armadilhas dos imperialismos e nacionalismos. Deste lado, apesar das reportagens mostrando que cubano não devora criança, não fica menos evidente que a revolução da ilha perdeu seu norte para converter-se, em meio ao

culto à personalidade de Fidel, em outro regime burocrático de capitalismo estatal ajustado ao modelo soviético. Nesse clima de perplexidade e (meias) surpresas, mais um depoimento torna impositiva uma revisão de meios e objetivos; mesmo tendo obstáculo diverso a superar por aqui, agora, é bom lembrar que uma ciência política presa ao presente e sem projeção sobre

o futuro não existe como tal e que, chegando «lá», será socialmente criminoso perder tempo repetindo erros onde outros se atolaram. Esse depoimento é a autobiografia de Jorge Semprún\*, romancista (*El largo viaje, La segunda muerte de Ramón Mercader*), roteirista de cinema (*A guerra acabou*, de Alain Resnais) e ex-militante e dirigente do PC espanhol.

Numa narrativa não-linear, Semprún conta os mais de 20 anos de militância de Federico Sánchez, seu nome na clandestinidade. Num texto feroz, sarcástico, irônico e em nada complacente (nem quanto a seus próprios erros juvenis), Semprún faz o histórico e a autópsia do PC espanhol, critica sua própria ação no partido até a data de sua expulsão (proferida pela *Pasionaria* em pessoa) e traça um quadro nada agradável da atuação das esquerdas (ou «esquerdas») em geral. E coloca em foco de modo específico, entre outros abordados, quatro assuntos: o PCE e Santiago Carrillo, o «Partido», o intelectual e o sistema socialista (este, por ele apenas esboçado).

A questão do PCE interessa enquanto retrato singular do «Partido» genericamente considerado, e quanto a Car-

\* Autobiografia de Federico Sánchez. Barcelona, Ed. Planeta, 1977.





rillo (cujo nome vem associado a qualificativos dos quais o mais brando é “palhaçadas”) vale o texto como confirmação (para muitos, revelação) de que constitui um dos protótipos de dirigentes político: o do ambicioso, subserviente, indeciso, omissivo, burocrata, fanfarrão, péssimo analista, politiqueiro. A imagem do “Partido” em geral não diz muita coisa nova mas vem reforçar o que se sabe, dito por quem esteve por dentro. Semprún mostra, doloridamente, como esse Partido (que insiste no P maiúsculo) apresenta-se enquanto manifestação divina, na qual é preciso ter fé; revela sua estrutura básica, formada por uma linguagem de funcionamento esotérico, também quase religioso, com seu sistema de censura, seus estereótipos e vocábulos polisêmicos. Mais do que isso, mostra o partido como instituição cuja função predominante acaba sendo a geração de uma ideologia do tipo legitimante a sustentar as pessoas em seus cargos e funções auto-atribuídos: enquanto Marx considerava a emancipação dos trabalhadores como obra apenas deles mesmos, Carrillo, os dirigentes e intelectuais do PCE insistiam em que as massas deveriam renunciar a tal objetivo, tido como fora de seu alcance, e delegar sua defesa a esses mesmos partidos, chefes e intelectuais. “Religiosamente”, acrescenta Semprún. Do que surge um partido cuja única ação real eficaz é o destroçamento de seus adeptos.

Aqui entra o problema do intelectual e uma das questões básicas a ele relativas — o suposto mandato de representação a ele outorgado pelas massas — pela qual as pessoas costumam significativamente passar mais rápido que gato sobre brasas, como fez Renato Pompeu em crítica a recente panfleto meu cujo centro era exatamente ocupado por esse tema. Semprún traz água para esse moinho: analisando seu anti-

go comportamento e o de seus pares, põe desde logo o dedo na ferida: o complexo da origem social, motor do processo de glaciação ideológica dos intelectuais. Esse sentimento de culpa por não ter nascido entre os explorados promove no intelectual um desejo de expiação e incorporação a essa classe, não só porque sobre ela recai, como se afirma, a missão redentora de transformar a sociedade mas porque é, exatamente, humilhada — tudo isso gerando por sua vez uma visão eucarística de um futuro de justiça, como diz Semprún, num tumulto de temas populares e religiosos ao qual muitos não sobrevivem.

Outro ponto relativo ao intelectual abordado por Semprún, insistentemente, é o da liberdade de escolha, ação e produção. Semprún recorda com angústia sua subserviência estalinista configurada ao submeter a Antonio Miye (Zdanov espanhol e juiz estético do PCE) sua primeira obra literária, e não hesita em apontar como, através de mediações fantasmiais, essas pessoas podem julgar-se intérpretes da opinião do partido e, com isto, da classe operária. E a respeito acrescenta uma frase que deixará muita gente de cabelo em pé: “... como se a classe operária pudesse ter opiniões concludentes sobre literatura, música ou filosofia”. A defesa dessa liberdade de produção (ligada à questão levantada por R. Pompeu quando, num discurso a la Pelé, afirma ser impossível fazer arte de vanguarda enquanto “crianças morrem de fome”: é de fato infantil confundir a tal ponto o nível da ação política com o da produção cultural) e de uma prática constantemente crítica, própria do intelectual, atravessa todo o texto de Semprún, incansável na auto-recriminação por ter-se calado, obedecendo às “táticas” e “estratégias” “sociais” do Partido, quando se promoveram campanhas de falsificação histórica e calúnias contra companheiros.

E há o quarto tema, o do sistema socialista. Semprún não esconde que esse partido ou Estado, cheio de “representantes da classe operária”, ao se apresentarem como partido ou Estado *de todo o povo* não fazem mais que construir sangrenta ironia, e apresenta a ideologia deles derivada como ideologia-do-socialismo (diversa de uma ideologia socialista) com nítidos traços de ópio do povo, a mascarar as relações de poder dentro dos partidos e a luta de classes nos estados ditos socialistas. Depois de constatar que a mais-valia continua sendo extorquida de trabalhadores que vivem sob regimes sem o mínimo de liberdades democráticas e sindicais observados nas democracias burguesas ocidentais, Semprún se pergunta se o estalinismo foi uma simples

excrecência que não mudou a essência do sistema institucional soviético ou se se converteu num sistema de Estado. Semprún deixa a pergunta no ar, mas em outra passagem observa ser cômico ou repugnante, conforme o humor do momento, pretender que a ortodoxia leninista continue encarnada nos dirigentes soviéticos. Isto significa que Semprún acredita no caráter passageiro dessa excrecência e que no fundo tudo se resume a uma questão de pessoas certas ou erradas nos lugares idem. Revela-se agora muito comum essa tendência de evitar uma análise do sistema, voltando-se o foco da abordagem para as pessoas enquanto indivíduos — numa crença ingênua de que estes podem manipular à vontade e impunemente as estruturas político-sociais contextuais. Num texto de resto interessante sobre a Tchecoslováquia/68, Pierre Broué também cede a essa tentação, procurando mostrar a responsabilidade *das pessoas* pelo que ocorreu em Praga. O resultado é um mascaramento ideológico das reais possibilidades de ação e um engano (trágico) quanto aos objetivos a alcançar. Parece necessário colocar em discussão o próprio sistema marxista-leninista. Semprún sempre se refere ao marxismo *de Marx*, “naturalmente, e não ao dos epígonos, quer sejam os Grandes Timoneiros ou os meros Secretários-Gerais.” O problema, no entanto, é saber como se comportaria esse suposto esquema marxista puro quando tivesse de enfrentar as questões práticas do poder. Surge assim como vital uma ampla revisão teórica desses sistemas para saber até que ponto são menos ou mais válidos que, por exemplo, o da social-democracia.

A revisão é ainda vital para fazer mover-se novamente o intelectual, prisioneiro de sua perplexidade. Semprún narra com indisfarçável amargor a morte de Franco: “todos iam ser espectadores passivos do fim de um regime que lhes havia sido impossível derrotar. Mas talvez seja impossível derrotar os regimes fascistas, salvo em circunstâncias de crise histórica mundial”. Leonardo Sciascia, escritor e intelectual italiano de primeira linha, eleito em 1976 para o conselho municipal de Palermo numa lista do PCI, em recente entrevista ao *Le Monde* reconhecia que há vinte anos acreditava numa mudança do mundo; hoje, não acredita mais. Esse clima de desalento e pessimismo não pode continuar. Uma revisão viria talvez tirar o peso da responsabilidade dos ombros solitários de muito intelectual que insiste em acreditar numa sua hipotética e messiânica missão de sal-

var o mundo. Ao final de seu texto, Semprún relembra atordoado as palavras de *Pasionaria* ao expulsá-lo do partido: esse "intelectuais com cabeça de Chorlito...", enfim esses intelectuais com cabeça de passarinho, avoados, irresponsáveis, sonhadores. Se ser intelectual com cabeça de chorlito é reivindicar o direito de pensar por si mesmo e uma liberdade irrestrita de expressão, então é melhor aceitar esse rótulo do que portar-se como o salvador São Tiago Carrillo cuja única diferença em relação a Stalin (ou outros chefes do lado de cá) era não estar no poder — o que, ainda segundo Semprún, salvou a vida e a liberdade de muitos, intelectuais ou não. Forte demais, essa? Talvez não tanto quanto a realidade.

## Repudiando mediocridades

No último número da revista Escrita (que volta a circular, em nova fase, aliás excelente) deparei-me com um depoimento do sr. Arnaldo Cesar Xavier, em uma matéria sobre jovens poetas do grupo Pindaíba, no qual ele afirma que "tripudiamos o elitismo do publicitário Claudio Willer e seus poetas de alcova".

Quanto à página dupla de poesia que eu editei no Jornal Versus, durante 8 números, publicando cerca de 40 autores — desde grandes nomes como Ginsberg e Octavio Paz até gente totalmente inédita — o critério de escolha dos autores era principalmente de qualidade; obviamente, todos eles tinham que mostrar que sabiam a diferença entre repudiar e tripudiar. CLAUDIO WILLER

A CARNE SEGUNDA O CAVANI ROSAS — O desenhista Cavani Rosa, que, entre outras referências importantes do seu currículo, tem a ser colaborador de S&P, está em vias de inaugurar sua exposição individual CARNEVALE; na qual expõe sua visão pessoal da carne humana. O catálogo tem apresentação de Moacir Amâncio, e, na vernissage, haverá apresentação de chorinhos pelo conjunto "Entreamigos". O local da celebração é a Galeria VASP, R. Peixoto Gomide, 927, São Paulo, de 17 a 30 de Abril.

## A primavera começa em Abril

Está circulando por aqui, na primeira semana de Abril, o francês Pierre Broué, fazendo palestras na Usp e Unicamp sobre a burocracia e os sindicatos livres na Europa Oriental, e lançando no Brasil seu livro "A Primavera dos povos começa em Praga", publicado pela jovem editora Kairós.

Broué é professor do departamento de história da Universidade de Grenoble e professor convidado de Oxford, além de membro do Instituto Francês de História Social. Entre outros livros, inéditos no Brasil, ele publicou "Guerre Civile en Espagne", "Le Parti Bolchevique", e "La Revolution Chinoise".

"A Primavera dos povos começa em Praga", lançado em Paris em 1969, logo após a invasão da Tcheco-Eslôvaquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia, é uma análise do conflito entre movimentos de trabalhadores e cúpulas burocráticas em países socialistas do qual considera a "Primavera de Praga" um marco e o início de uma revolução política contra estas burocracias.

Luiz Henrique Romagnoli

# Inferno sem saída

por Raul Fiker

Começaram a chegar ao Brasil os filmes que documentam a segunda guerra do Vietnã. Não se trata do conflito entre este país e a China depois que esta, gerida por "The Real Teng", recebeu um suprimento de coca-cola e transformou-se numa pastelaria gigante (e blicosa) na Ásia. Trata-se da segunda guerra que os nossos nutridos irmãos do Norte travam contra o Vietnã no plano da propaganda e da empulhação. "Inferno Sem Saída" ("Go Tell to the Spartans", de Ted Post) apresenta a seguinte visão dos fatos: num remoto país da Ásia haviam dois povos muito maus e animais — os do Norte (aqui os vietcongs vi-

nham de outro país, ao Norte, invasores que eram, etc., etc.) e os do Sul, que torturavam desumanamente os primeiros, estes na verdade comunistas e portanto encarnações diabólicas. Os norte-americanos, heróicos justiceiros, foram para lá com dois propósitos: impedir as torturas, que os faziam vomitar, — e distribuir chocolate para todos. Acontece que os tais nativos eram tão mal-agraçados que haviam se contaminado deliberadamente durante gerações com as mais terríveis doenças venéreas com a única finalidade de contaminar seus filantropos loiros, que no filme compõem um poderoso exército de estereótipos já puídos pelo uso em tantos filmes de tantas guerras, (o oficial durão-molenga, o herói-covarde, o covarde-herói, o sargento-sargento, etc.).

Se as pessoas a quem se destinam estes filmes são tão débeis-mentais como supõem seus produtores, por que se preocupar então em gastar tanto dinheiro para falsificar a História de modo tão grosseiro quando bastaria — ao menos no caso do Brasil — contentar-se com o material já disponível: a TV, a política da Embrafilme e a violência tipo Tom & Jerry dos filmes de kung-fú?

## Reabrindo o OFICINA

José Celso Martinez Correia está se reapoderando do Teatro Oficina, e reabriu-o com uma sequência de 27 noites, nas quais é rememorizada a história do seu grupo teatral, interligada com evocações dos últimos 27 anos de história do Brasil. Não se trata de mera retrospectiva: «Vimos trazer a força daqueles momentos para o aqui e agora», declara Zé Celso. Também estão previstos depoimentos e debates, além dos 5 atos, cada um com o nome de uma vogal (a já célebre sequência A-E-I-O-U), e que vão da Carta Testamento de Getúlio à volta de Zé Celso.

### ERRATA:

A matéria "Jornais" do número 4 de S&P (sobre o "Lampião") é da autoria de Luis Fernando Ramos.

## PEDRO NAVA

por Roberto Bicelli

"Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais". Assim começam as Memórias de Pedro Nava. Baú de Ossos, Balão Cativo, Chão de Ferro e Beira-Mar, escritos entre 1968 e 1978, foram compondo o largo espectro de um Universo Literário comparável ao de Proust ou Henry Miller. De um ele guarda tudo mais a profundidade e de outro o amor à vida, à Arte, à sensualidade, e, a capacidade de transformar o cotidiano num delicado jogo balizado pela Aventura e a Morte. Para isso serve-se de uma linguagem fluente, inventiva, que alarga as possibilidades do



discurso convencional e virando-o do avesso passa a reinventá-lo o que fez Paulo Mendes Campos dizer: "Que estilo humilhante para os profissionais da máquina de escrever". Humilhante porque escrevendo Memórias Pedro Nava dá-lhes tratamento de Romance fazendo a passagem realidade-ficção-realidade tornar-se imperceptível ao leitor que deixa-se envolver pela narrativa que é sempre extraordinária na sua visão de mundo. Caberia todó um capítulo a certos dons manifestados por Pedro Nava. Paranormalidades a parte, ele tem o que Oswald Spengler chamava de Tato Fisionômico. Senão vejamos: "Um belo dia eu deixei de acompanhar a Inhá Luisa nas suas andanças domésticas e isso marca minha primeira idéia de ter penetrado psicologicamente uma pessoa, de tê-la adivinhado completamente, como faço hoje, com a facilidade de Houdini para se desamarrar das correntes. Para mim não há caixa encourada, personalidade que eu não descortine, pensamento que não decifre, associação de idéias que não siga nos seus caminhos submarinos como aquele Dupin, de Edgar Allan Poe que respondia alto e bom som, ao pensamento do interlocutor". Ficaria bonito descobrir mais alguns sentidos em Pedro Nava mas os cinco oficiais de que ele abusa com tanta maestria são o suficiente para nos dar o mais saboroso banquete literário desde Oswald de Andrade e Guimarães Rosa. Falando em banquete ouçamos Pedro Nava: "Do arroz, nadando em banha de porco. Do feijão, cheio de lombo de porco, de orelha de porco, de focinho de porco, de pistola de porco, de rabo de porco, de pé de porco. Do tutu, com carne de porco. Do angu vazado no meio da massa dourada e pegando fogo para receber, nesse cõncaco, o picadinho de miúdo de porco. Das farofas cheias de rodela de ovo e de toucinho de porco. O porco. O porco iniciático dos congolezes e sacrificial dos egípcios — grato à Lua e a Osíris. O porco sacrllégio e imundo em cujas varas Nosso Senhor fez entrar um bando de demônios. "... Espírito de porto, círculo vicioso, meio antropofágico... Porco nosso, imenso e totêmico... Cozido, frito, assado, recheado... Almoçado, jantado, ceado, comungado, incorporado, consubstanciado..." (Balão Cativo p.8).

O fato é que Pedro Nava causa dependência física e psíquica; Nei Leandro de Castro (p.IX-Beira Mar) diz: "... Eu quero ver, ad nauseam, / o perfil dos teus retratos. / Ah, Pedro Nava, teus livros / são pedronavamania / (uma espécie contagiante / de mental ninfomania). / A gente pára de lê-los / e a mente não fica em paz / Sed non saciata, grita: / — Eu quero mais! Quero mais".

Foi assim que no Carnaval tomei um porre de Pedro Nava. Porre brabo. Acordei, dia seguinte, de ressaca jurando nunca mais beber naquelas páginas Pernod de suas personagens. Pernod que é a única bebida que faz tuiiiiiimmm na cuca em vez dos vás-vás-vás das cachaças ou dos aleguas das cervejas. Acordei, pois, abjurando o Zegão, com ódio mortal do Cisalpino, chamando Nava de lagartão sonâmbulo, de inventor de pesados, esperando encontrá-lo para pedir meu ingresso de volta, quando após um banho de mar, umas caipirinhas, um tutuzinho com torresmo, uma rede, um cochilo, alguns borrachudos, estendi a mão e agarrei as crinas desse cavalo selvagem que é Pedronavabeiramar e saí a galope em direção ao por-do-sol de Belo Horizonte que aconteceu horas-páginas-minutos depois.

Pedro Nava estende a corda entre o Ser e o Tempo fazendo-nos acompanhar, comovidos, sua magia de Saltimbanco e Poeta. A malícia relatada por ele torna-se antológica / "Levávamos tudo para o mal naquelas conversas do fundo do recreio. Foi um sucesso quando um de nós descobriu a Biblioteca do Trindade um álbum de reproduções de pinturas com o díptico de Durer que representa Adão e Eva e que está no Museu del Prado. O nosso Adão com a mão esquerda segura uma maçã e com o indicador e o polegar traça uma medida que parece ser a da capacidade que ele desejaria em Eva. Esta, por sua vez, sempre com o indicador e o polegar, mostra

num galho d'árvore o comprimento e grossura que lhe convinhem. O colégio desfilou pela Biblioteca e o velho Trindade não se explicava aquele gosto súbito pela pintura que nascera nos alunos. As opiniões divergiam sobre o que mostrava Adão. Serve. Qual nada! Muito largo. Sobre o que Eva apontava. Bolas! Parece até piroca de menino de treze anos. É porque é de europeu. Nós aqui somos mais bem servidos porque a raça é misturada. Ah! bem... Anos mais tarde, em Madri, defrontei-me com a famosa tela. Ia rir lembrando nossa opinião quando reparei e vi que ela estava certa. A intenção do artista era inequívoca. E que cara! acesa e sensual e viciosa a da boca entreaberta e a das narinas frementes da figura da mãe da humanidade..." (p. 264-Chão de Ferro).

O fato é que são tão múltiplos os interesses de Pedro Nava, tão imensa a sua Arte, que privilegiar algum aspecto de sua obra é crime de lesa-arte. Quem não quiser ficar com uma irremediável lacuna cultural que corra às livrarias como os ratos às bibliotecas e compre Beira-Mar, viaje no Balão Cativo, pise o Chão de Ferro e abra o Baú de Ossos.

## MEDITAÇÕES DE EMERGÊNCIA

Para Zé Celso, Lú, Nando, Quilja,  
Eduardo G. da Fonseca

*a rebelião sai pelo jardim  
arrasando suas virilhas carregadas de  
violetas & banjos  
formigando no meu corpo sua carícia incendiária  
deitando pétalas no cérebro  
desaguando suas águas castanhas  
no céu do amor & do delírio  
Dioniso é um deus caprichoso  
meus pés mergulham em lagoas quentes &  
nos seus peixes elétricos  
os edifícios estão sendo fritos pelo dia  
formidável que afoga o horizonte  
troco de pele  
troco de pétalas girassol cabeludo dando  
cama-de-gato nas alminhas ressecadas  
o vinho é o dorso do cavalo da história  
na sua ambiguidade  
na curva do meu abraço no samba cantado  
na sua orelha no lombo com pimenta mineira  
numa noite de tua onde a paixão é a  
única forma de conhecimento  
raio que lava o corpo do sofrimento  
até suas dúzias de anjos quentes &  
seus ninhos de penugens.*

ROBERTO PIVA



# N O S S A É P O C A

*Atrás de São Paulo há uma outra São Paulo. É a cidade das seitas persas, indonésias, americanas, japonesas e alemãs. A cidade em que um Buda boliviano é adorado, ao lado de Discos-Voadores. Em salas escuras, decadentes; ou em mansões milionárias, homens e mulheres se reúnem para salvar a alma, curar o corpo, fugir da loucura, da solidão, do alcoolismo ou de outras drogas. E nem sempre estas seitas estão preocupadas com o além-mundo...*



## O OUTRO MUNDO DO PAULISTA

*por Raul Fiker e Ricardo Pinheiro Lopes*





## Deus é o grande planejador: cura, ilumina e dá sorte. Mas você... deve pagar!

— E daí, cara? *O Buda não tinha um disco-voador?* Foi o que ouvimos, algum tempo atrás, de um adepto do Maharaji Ji, o jovem guru da "Missão da Luz Divina". É claro, dizia ele, que não há nada de mais no Maharaji Ji *ser dono... de um Boeing*. Além do mais, Maharaji Ji era casado com uma airmoça, na verdade a reencarnação de uma deusa hindu!

Pois a "Missão da Luz Divina" não é a mais extravagante das seitas religiosas, que existem em São Paulo. Nas livrarias da São João, você pode ver, entre livros pseudo-pornográficos, os mais estranhos volumes:

"A Vida de Abdruschin"

"Universo em Desencanto",

"Mística Sexual do Átomo e do Homem".

Há um programa de rádio que diz que os discos-voadores são projeções de um ser superior. Uma religião norte-americana constrói no Caxingui um templo de *milhões de dólares*. "Outdoors" espalhados por toda a São Paulo anunciam as revelações de um profeta persa do século passado. É como se existisse outra cidade por detrás dos prédios e ruas engarrafadas. Uma cidade invisível, feita de crenças e ritos quase sempre extravagantes e governada por profetas, mestres, entidades de um mundo espiritual.

Elas estão aí, com suas centenas de milhares de seguidores. São seitas persas, indonésias, norte-americanas, japonesas, alemãs. Elas estão aí, em salas escuras e decadentes, em antigos edifícios, ou em luxuosas mansões cercadas, nos arredores da cidade. O que propõe estas organizações aparentemente estranhas e obscuras? No mais das vezes, o que há de mais elementar e imediato: elas querem salvar, curar da doença, da loucura, da solidão, da toxicomania e alcoolismo. Elas querem aliviar o peso do karma, preparar para o fim do mundo, fornecer felicidade, sabedoria, transcendência. Elas oferecem comunidade instantânea. Na capa de um destes livros que podem ser vistos, ali na avenida São João, "O Guia do Mundo", há uma frase do escritor argentino Jorge Luis Borges: "A maior parte das pessoas não se interessa pelo outro mundo, mas acredita nele; para mim, é o contrário; não acredito, mas me interessa..."

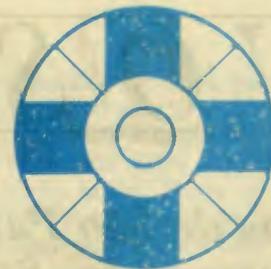


Dr. Masaharu Taniguchi. Fundador da Seicho - No - Iê.

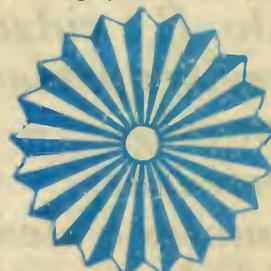


As seitas? Nem sempre o além-mundo está presentes nelas. Sobretudo nas três seitas japonesas que pinçamos na espessa teia de crenças que cobre São Paulo. A *Perfect Liberty*, a *Seicho-no-iê* e a *Igreja Mundial* querem dar uma *filosofia de vida*. Estas seitas partem da aceitação implícita de que as disciplinas como o zen-budismo, por exemplo, não podem propiciar um apelo de amplo alcance em termos populares, ao menos, contribuem com um "clima", sendo trocado em miúdos e misturado a fragmentos de outras crenças e posturas japonesas igualmente simplificadas. O sucesso de tais "misturas" não se deve só à numerosa colônia japonesa em São Paulo (que fornece muitos adeptos) mas ao fascínio do orientalismo. Some-se a isto doses maciças de pensamento positivo e a presença de nosso velho Deus único das religiões orientais.

A *Perfect Liberty* — fundada em 1946, a partir de revelações recebidas por Tokuahru — sem negar a existência de outras vidas (e religiões), se ocupa exclusivamente da vida terrena. Uma de suas 400 sedes fica num casarão da Alameda Campinas. Na parede, o lema do mês: "Estar em Estado de papel branco". Hélio, um assistente do mestre, diz que as pessoas procuram PL porque tem problemas. Sendo atendidas, fazem 21 dias de prece e trazem três pessoas para ingressar na seita. Tornadas seguidoras, elas participam de determinados ritos que incluem ju-



Símbolo da Igreja Messiânica Mundial



Símbolo da "Perfect Liberty"



Símbolo do Seicho - No - Iê

ramentos a Deus que devem ser cumpridos (*shikiri*). Depois, procuram, a partir do preceito de que "a vida é arte" (primeiro dos 21 preceitos de PL), viver em equilíbrio espiritual e material. Com posturas típicas japonesas, dedicam-se a várias orações, matinais e noturnas e prestam serviços à instituição. Quando um adepto quer a realização de um desejo, deve fazer uma contribuição financeira num envelope sagrado.

*Um dos segredos de PL*. Um bloco de receitas. Nele está desenhado um corpo humano. É o mioshiê: a cura dos males físicos pela orientação sagrada. As receitas, depois de preenchidas, são mandadas para o mestre, no Japão. O mestre incorpora as moléstias e todo o dia 21 de cada mês as entrega a Deus, além de fornecer a resposta a cada uma delas. O Patriarca da PL é Tokushi Miki, que exerce cargos governamentais no Japão. No Brasil, como outros líderes de seitas japonesas, ele carrega títulos e condecorações: Grão Cruz de São Francisco e Amigo da Maçonaria. Em diversos folhetos da PL, ele é visto em fotos. Ao lado do Papa e do Presidente do Brasil.

*E a Seicho-no-iê?* Estamos, agora, na sede central desta seita, no Jabaquara. Um moço japonês, de crachá no

(Continua na pág. 51)

# ALGATAPATA

PLURAL

HUMOR

Capa: Glen & Elsie



brinque  
USE BEM ANTES DE AGITAR



# AJARARACA

SUPLEMENTO SINGULAR & PLURAL DE HUMOR E LOUCURAS



EDITORIAL

## ...brinque

Neste alvar de uma nova gestão que se inicia para todo um bando de protúberos cunegundos, não poderíamos nos obstar de, malgrado as réplicas infectas que hemos recebido, assinalar o trespasse de mas um fecundo anti exemplar desde mensário, que se avizinha assim de seus mais altos e sonoros ideais, quer consideremos aqueles que nos olham de cima pra baixo, do alvar de suas túnicas, bem como aqueles que, como nós, rastejam nos nossos desejos morais. Lançamos assim, conscientes de nosso recôndito cenário, um brado honorífico de despudor, brado este que se reflete translúcido no nosso gesto de conciliação e êxtase: **BRINQUE!** Por que não? Acaso se farão vergar sobre nós (acrimoniosos defensores do livre acesso) as cambraias das ideologias exóticas? Não o cremos. Cremos que, ainda contudo, sobretudo na José Paulino, é muito mais barato!



Glen

## VOCE ACREDITA?

...QUE TODA A ESTRUTURA DO BALLET MODERNO TEM SUA ORIGEM NO SALTO DO BRONTOSSAURO. ESTE ESPÉCIME VINEU NO ANO 2052 A.C. E SE DESTACAVA POR SEUS PULINHOS



...QUE DEUS SE ENGANOU QUANDO FEZ O OCCIDENTE! NA VERDADE O OCCIDENTE QUE CONHECEMOS ERA, NOS PRIMEIROS DIAS DIVIADOS, PRAT SEER UM ENORME OCEANO!



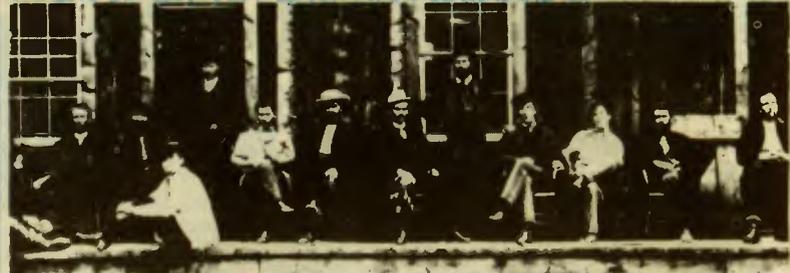
...QUE OS ANTIGOS EGÍPCIOS FORAM O PRIMEIRO POVO DO MUNDO A USAR A EXPRESSÃO "SEGURE A BARRA!"

...QUE DEMOCRACIA NÃO EXISTE É PURA ILUSÃO!

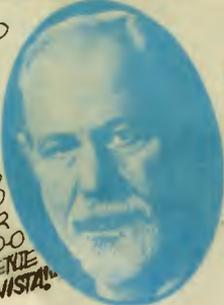


...QUE EM RECENTE PESQUISA DE LABORATORIO OS DOCTORES BASTERS E HURRICANE DO INSTITUTO BIO-PIROLOGICO DE BOSTON DESCOBRIRAM QUE A INFANCIA É A MELHOR FASE PARA A REPRODUÇÃO HUMANA. OS DOIS CIENTISTAS FORAM PRESOS E COLOCADOS NUM MANICOMIO POR TENTAREM FAZER UMA CAMPANHA DE CONCIENCIZAGÃO PARA AS CRIANÇAS. O SLOGAN DA CAMPANHA ERA: "CRIANÇAS DA AMÉRICA, CAIAM NA GANDAIA!"

...QUE AS PESSOAS COM MAIS TENDÊNCIAS DE CONTRAIR HEMORROIDAS OU DISCOANO DINO SÃO AQUELAS QUE CULTIVAM O HABITO DE SENTAREM-SE NAS PORTAS DE SUAS CASAS.



...QUE FREUD O PAPA DA PSICANALISE FOI O PRIMEIRO PATRULHEIRO, DEEDO DURO DOS TEMPOS MODERNOS OBTVEU O TÍTULO AO PERSEGUIR REICH TAXANDO-O INCESSANTEMENTE DE "COMUNISTA!"



## VOCE ACREDITA MESMO??

...QUE MAO E HO CHI MIN JAMAIS FARIAM UMA COISA DESSAS!!!



# Os Ingredientes do Delicioso Bolo Supreme

\*\*\*\*\*

O bolo Supreme, que tem causado o delírio das nossas famílias e uma verdadeira guerra secreta em torno da sua receita é, em verdade, muito difícil de ser feito... Sua dificuldade não está apenas no campo prático da sua feitura, porque, mais que fermentos exóticos, necessita-se de uma alma aberta e sensível ao pôr de sol, às flores e às crianças. E, como sabemos, quão raras são as almas realmente possuidoras destas qualidades. Existem os que, no pleno domínio técnico dos macêtes culinários se lançam ao desafio e não podem deixar de ver seus queixos caírem frente a um pseudo-Suprême murcho e acima de tudo com aquele horrível gosto de pneu que caracterizam os Suprêmes mau feitos. É necessário mais que o "Know-How", para dar vida a um bolo desta espécie: é necessário o estado de espírito anteriormente descrito, aumentado de uma irresistível comoção ante o gorjeio das aves.

Uma das poucas e privilegiadas pessoas que conseguem confeccionar esta inigualável gostosura, é a dona Cidinha, moradora daquele conjunto residencial que desabou na semana passada e saiu até na televisão. Com a Graça de Deus, nada de mais grave aconteceu com a dona Cidinha, a não ser o fato do seu pé esquerdo ter ficado debaixo da viga-mestra. Já em fase de recuperação, ela recebeu bem a notícia que o dito pé ficaria imprestável, pois muito prática, nunca o julgou mesmo de grande utilidade. Cida é dona de um espírito refinado através de vários anos acompanhando as mais ter-

ríveis novelas de rádio, carreira essa que prosseguiu com o advento das novelas de televisão. Ama o belo e possui em sua casa, duas produções emolduradas, uma representando um incêndio na floresta com tinta acrílica sobre veludo negro e a outra, um enternecedor retrato de um palhaço... chorando. Como se vê é possuidora de afluência sensibilidade que se pode notar no arranjo da sua sala, onde não há canto que não esteja entupido das mais surpreendentes bugangas. A única rival à altura de dona Cidinha é a dona Bela, do Itaim, também sensibílimo quanto a tudo mais, mas que possui às vezes um gênio violento e tentou as-

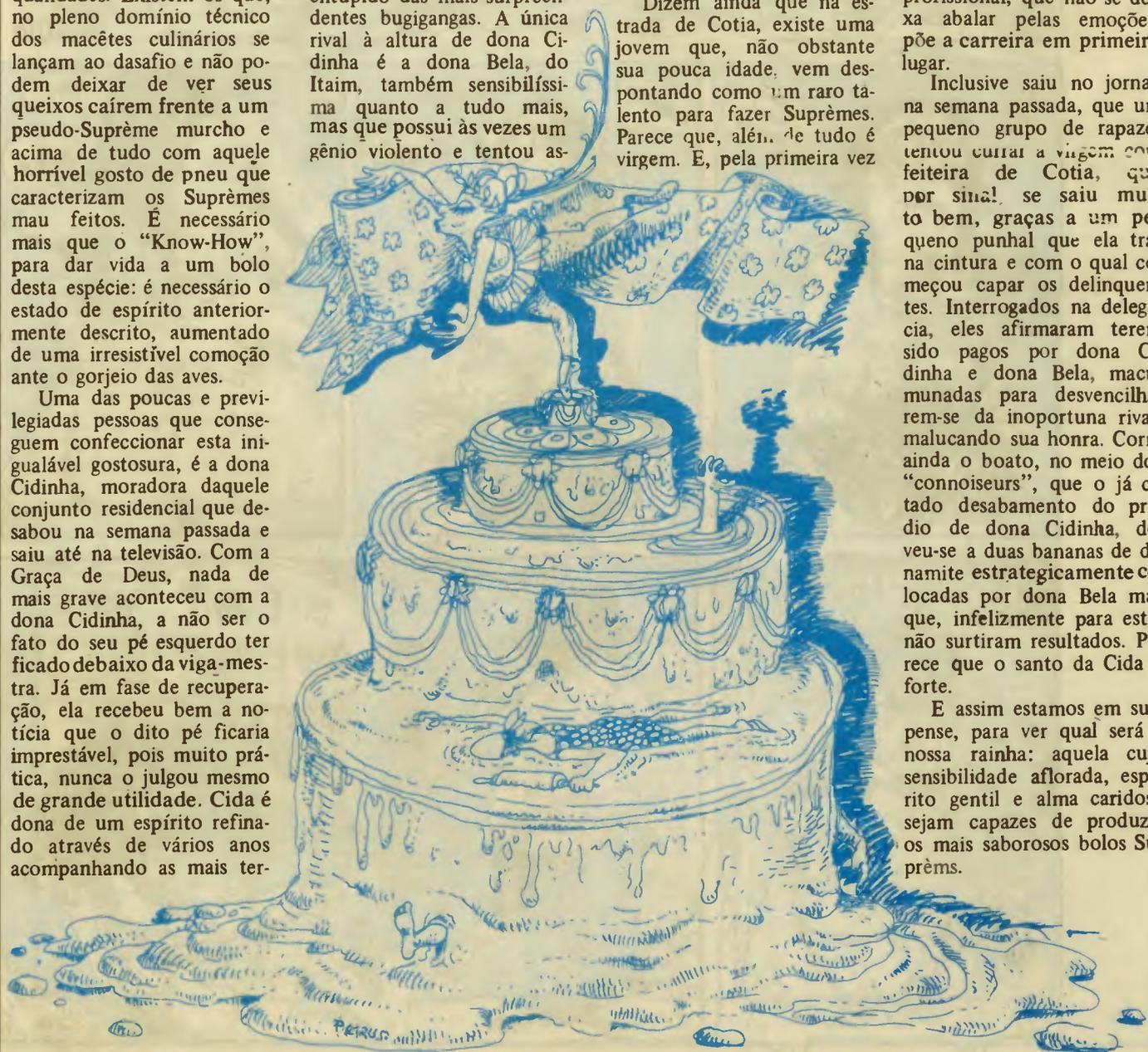
sassinar com tiros, por duas vezes, a frágil Cidinha, para ver se conseguia o título que a outra arrebatara por seis anos consecutivos de "Suprême de les suprêmes". No entanto dona Cidinha, graças a sua agilidade, escapou quase ilesa a não ser por um arranhãozinho no lóbulo da orelha. E ela mesma... sim, a dona Cida, envenenou há muito tempo atrás, dona Constância, que por aquela época era a melhor "boleira" que existia.

Dizem ainda que na estrada de Cotia, existe uma jovem que, não obstante sua pouca idade, vem despontando como um raro talento para fazer Suprêmes. Parece que, além de tudo é virgem. E, pela primeira vez

na história desse bolo, vai haver uma cozinheira virgem, visto que, em geral, só depois de casadas as pessoas entram em contacto com essa arte. Espera-se dela Suprêmes decididamente divinos. Os pais apóiam a sua carreira e torcem por ela, mas vai ser difícil convencê-la a manter a virgindade por muito tempo, afinal a fama tem lhe trazido vários e não pouco interessantes candidatos. No entanto a jovem tem um grande senso profissional, que não se deixa abalar pelas emoções: põe a carreira em primeiro lugar.

Inclusive saiu no jornal, na semana passada, que um pequeno grupo de rapazes tentou curtar a virgem confeitadeira de Cotia, que por sinal se saiu muito bem, graças a um pequeno punhal que ela trás na cintura e com o qual começou a capar os delinquentes. Interrogados na delegacia, eles afirmaram terem sido pagos por dona Cidinha e dona Bela, macunadas para desvencilharem-se da inoportuna rival, malucando sua honra. Corre ainda o boato, no meio dos "connoisseurs", que o já citado desabamento do prédio de dona Cidinha, deveu-se a duas bananas de dinamite estrategicamente colocadas por dona Bela mas que, infelizmente para esta, não surtiram resultados. Parece que o santo da Cida é forte.

E assim estamos em suspense, para ver qual será a nossa rainha: aquela cuja sensibilidade aflorada, espírito gentil e alma caridosa sejam capazes de produzir os mais saborosos bolos Suprêmes.



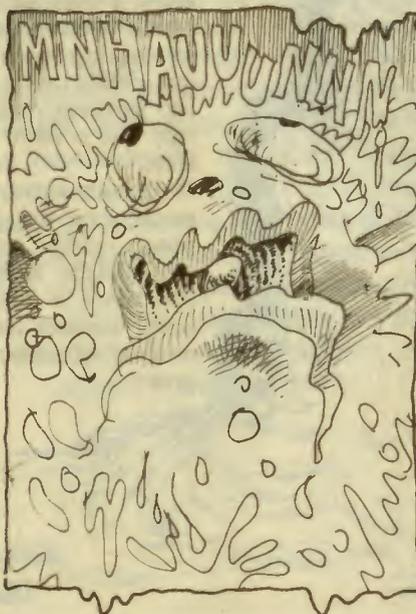
BARUO

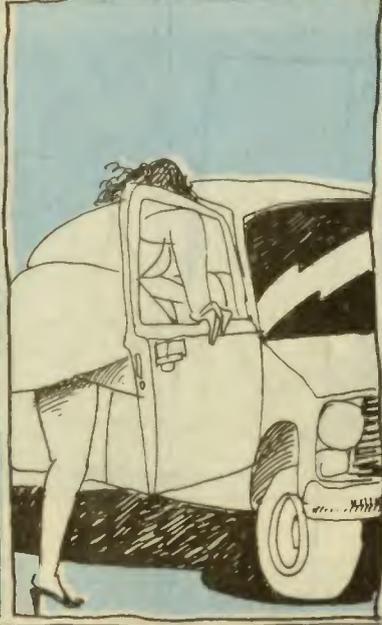


APROVEITANDO-SE DAS ABERTURAS, A JARARACA BOTA DENTRO, PARA O CONSOLO DAS MASSAS E GAÚDIO DE SEUS LEITORES...

# A MAIOR DAS SACANAGENS

(UMA FABULA CHAUVINISTA)







# CARTAS

**AMIGO LEITOR:**

Estamos querendo aumentar essa seção. Tente. Escreva. Um caso de amor não resolvido? Algo que não entendes? Ninguém gosta de você? Andam te patrulhando? Não te apoquentes. Na medida do possível tentaremos resolver. Quem escrever, verá. Mande para: Rua Dr. Amâncio de Carvalho, 82. Vila Mariana - SP CEP: 04011. Aos cuidados de «A Jararaca».

Eu queria saber porque...  
Claudinha - São Paulo SP

**Não é aqui. Escreva para outra seção.**

Sabe, é a primeira vez que escrevo para uma revista.  
Segis

**Errou.**

O que aconteceu com a Jararaca? Hepatite?

**Não.**

# CLASSIFICADOS-CLASSIFI

## OBJETOS PERDIDOS

**PERDI:** Alma, 1,70m Branca. Perdida na Rua S. Bento, altura do MAPPIN. Paga-se-bem. Fausto Dante. Av. Triste Comédia, 1

**PERDI:** Braço Mecânico. Visto pela última vez agitando num elevador lotado. Agradece com aperto de mão. Giomar Rua - Av. Samtão, 9.

## NEGÓCIOS E OPORTUNIDADES

**PAI HERÓI:** Vendo, troco, dou. Fone: 777-23001. R. Aldeia Global, 21

**ESTÁTUA:** Vendo busto de Getúlio Vargas em chumbo. Tratar com V. Vieira. Jardim Brizola, 1945. Horário Comercial

**SEÇÃO:** Vendo esta seção de classificados. Aceito qualquer oferta. G. Martins Rua Marques de Pombal 28ª Sab. e Dom.

**PLANTAS:** Especialista em plantas exóticas (e boas). Vendo folhas secas e molhadas. Beleza. Tratar na R. Argonautas, 100. Porai - BA

**CHUTEIRAS:** Troco chuteiras famosas por discos de Gal Costa. E. Arantes do Nascimento Rua Flagante, 202 - apto 12 - Rio

**BANDEIRA:** Dou. I. Amin - Entebbe - Uganda

**CARISMA:** Vendo profeta mui carismático. 30 pratas. Outros em exposição. Tratar com J. Escariotes. R. Galiléia, 287.

**PAÍS:** Passo o ponto. Muita mulata, café e novela. Clima tropical e o escambo. Tratar com J. Figueiredo, Bloco 2B, QUADRA ZV

**TROCO:** Coleção de selos por cartas de sazanagem em outras linguas. Tratar com Pereira. Rua Passos, 987.

**DIVERSAO:** Estou todas as noites no Redondo ou redondezas. Sou muito engraçada. Quase sem pelos. Experiência em sexo grupal. Sem pedigree. Zula - R. Sabóia, 42.

**DOAÇÃO:** Cachorra pequinês. Idade avançada. Quase sem pelos. Experiência em sexo grupal. Sem pedigree. Zula - R. Sabóia, 42.

**HIGIENE:** Troco preservativos usados por vasos de orquídeas negras ou por latas de sardinhas vazias. Fone: 252 888-5 - Juqueri - SP

**VESTIDO:** Troco vestido de noiva s/uso por carrinho de bebê. Anita Pompernato. Rua Aurora, 50000 - SP

**TRISTE:** Para qualquer parte do planeta. Fotos do meu velório. Cemiterio da Dr. Arnaldo, com Zé da Foto.

**OPORTUNISSIMO:** Do fundo do baú. Diário íntimo da minha Tia Dulce. Escrito no séc. XVII. Tiragem limitada. Pedidos R. Loura Bastão, 570.

**GRANDE:** Passeios e nado em aquário ca seiuro. Grande variedades de peixes coloridos. Frankelino - Rua Riachuelo, 1978.

## VENDE ALUGA

**VENDO:** Quaisquer, tipos de sangue. Atacado e Varejo. Raros também. Vampiro da Zona Oeste. Favela do Rincão - PE

**ALUGO:** Para grandes saltos. Sacadas ou varandas. Alturas e vistas a escolher. E batata. Pagamento adiantado. Ronaldo Arnaldo - R. Lopes, 65.

**ALUGO:** Fantasias de grandes vultos da historia: Hitler, Lênin, Alexandre, O Grande, e muitos outros. Caracterização perfeita. Ideais para debates. Chame a Mundo Moderno Ltda. Tel.: 365-876987

**ALUGO:** Roupas bizarras. Anti-sociais. Fantásticas. Ideais para festas bacanas. Margarida Se - R. Porto Feliz, 87 - SP

## AMBOS OS SEXOS

**VENDO-ME:** Para quaisquer fins. Luisa Luana - R. Fle, 7.



Agenda  
do Gai Pretinho

## Saco Player



Sensacional. Divertidíssimo. É a última sacada em jogos para o seu lazer. Capacidade: dois a quatro jogadores. Você entra no Saco-Player e seus amigos participantes o ajudam a fechá-lo. A partir daí, você deverá matar duas cobras, quatro aranhas, duas piranhas e vários bezouros voadores que foram colocados previamente dentro do sensacional Saco-Player.

A brincadeira termina quando você consegue arrasar com todas as estranhas criaturas e se desvencilhar do herméticamente fechado Saco-Player. Seus amigos e você vão se divertir muito. Acompanha disco African Ritmin para o ritual da matança.

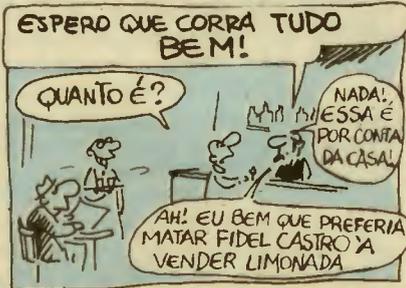
Pedidos para: Caixa Postal 160987 - São Paulo

Glen & Eliso

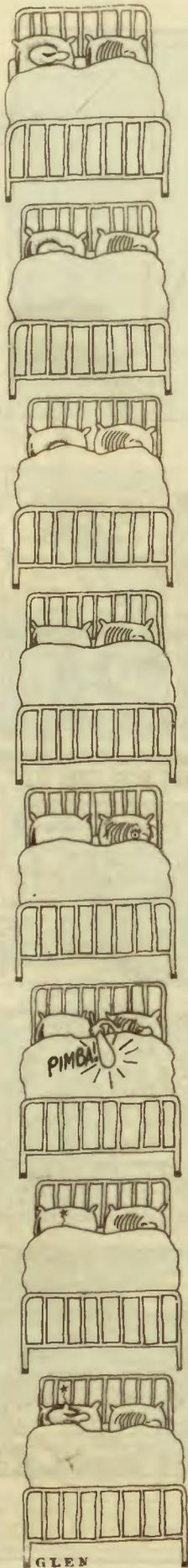
Eliso



bit parade



# CARTUM



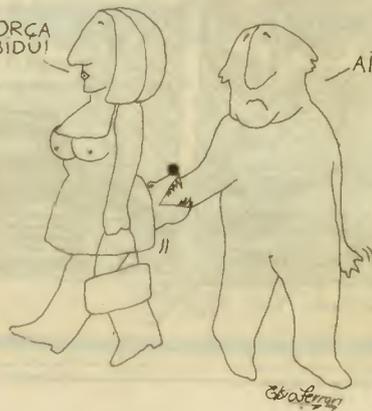
50

GLEN



FORÇA  
BIDU!

Ai!



Glen



S PLURAL





Meishu - Sama (Motiki Okada), Mestre e Fundador da Igreja Messiânica Mundial.

peito, nos dá um folheto de divulgação. Onde vamos aprendendo que a Seicho-no-iê começou no Japão, em 1930, quando o dr. Masaharu Taniguchi acolheu uma revelação divina. A seita também busca a "união fraternal de todas as religiões". A par do cerimonial japonês, venera Deus & Jesus Cristo. Mas garante que... o pecado não existe. Coloca-se, basicamente, como síntese do Xintoísmo — a religião japonesa tradicional, do Budismo e do Cristianismo. O Dr. Taniguchi escreveu, em todo o caso, uma obra de pregação em 40 volumes: "A Verdade da Vida!" Tiranagem da obra, até agora: "15 milhões de exemplares". Outra obra do dr. Taniguchi: "Crítica a Deus".

*É uma religião de cura de doenças?* A Seicho-no-iê nega esta definição restritiva. Nega até mesmo as doenças. Segundo seus preceitos, "quando se obtém a convicção da perfeição de si próprio, através da convicção do Homem Filho de Deus, a doença, que é apenas uma ilusão, desaparece espontaneamente". O Homem é perfeito, e traz um Deus dentro de si, é neste que eles acreditam. E cumprimentam-se uns aos outros, fazendo referências aos deuses internos. Num jornal da Seicho-no-iê, a história de um adepto, de Lageado, Pernambuco.

*Ele diz ter sido salvo de um tiro no coração por a bala ter ricochetado no talismã da seita que trazia no bolso esquerdo da camisa.*

Vantagens de fazer contribuições para a Seicho-no-iê, segundo uma circular intitulada "Missão Sagrada": com seu nome escrito do próprio punho num formulário do qual uma via será depositada na arca sagrada da sede brasileira, e a outra na arca sagrada da sede central do Japão, o contribuidor receberá *diariamente* as vibrações de luz e as orações dos mestres, através de sua vibração bio-psico-energética.

Entre a instalação da Seicho-no-iê no Brasil em 1952 e da PL em 1958, veio

para cá, em 1955, a *Igreja Messiânica Mundial*. Como suas congêneres japonesas ela possui sedes espalhadas por três continentes, organização burocrática bem estruturada, apelos populares e uma mescla de ritos e crenças tradicionais japoneses tais como o culto aos antepassados. Também seu fundador elaborou os preceitos básicos a partir de revelações divinas. Meishu-Sama, cujo verdadeiro nome é Mokita Okada, depois de uma série de revelações sobre a história da humanidade de 7.000 anos para cá, recebeu em 1931, no alto do monte Nokoguri, a Revelação sobre a Transição da Era da Noite para a era do Dia que se estava iniciando no Mundo Espiritual. O objetivo da Igreja Messiânica, segundo seus folhetos de divulgação, é a construção do Paraíso Terrestre. Em sua sede central, em Vila Mariana, fomos recebidos cautelosamente por um senhor que se apresentou como o Ministro Leo. Depois de consultar seus superiores e entrar em contato com a redação da revista, ele nos concedeu uma entrevista em sua mesa num imenso escritório onde cerca de 10 funcionários trabalhavam ativamente com suas máquinas de escrever e calcular ("Meishu-Sama considera Deus o grande planejador — disse o ministro Leo — e nada digno de mérito pode ser feito sem planejamento").

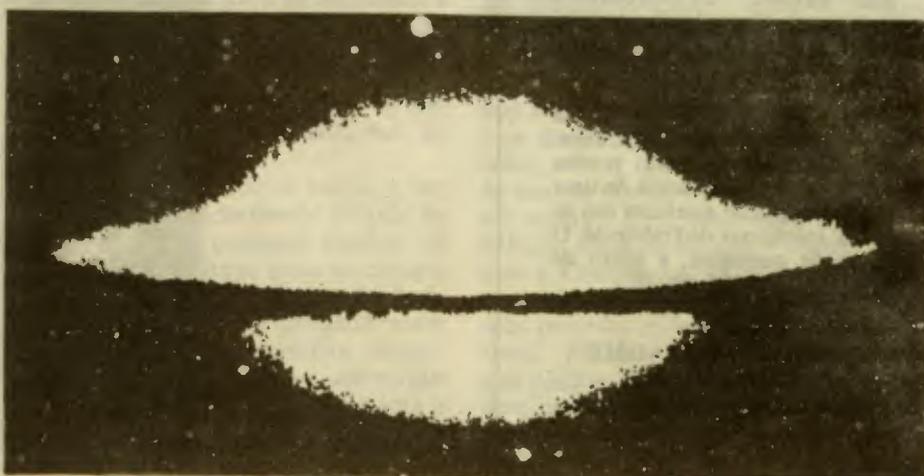
Segundo nos foi explicado a base da Igreja Messiânica Mundial é proporcionar elevação da espiritualidade utilizando o método de salvação denominado "Johrei" (Joh - purificar / rei - espírito). Este é um método para canalizar a Luz Divina através da mão e eliminar a infelicidade do ser humano. Há textos messiânicos que procuram explicar o "Johrei" em termos "cientí-



Tokuchika Miki, Patriarca da Instituição Religiosa "Perfect Liberty".

ficos", afirmando que "A Luz do Johrei, poderosa Força Divina tem elevada densidade e comporta-se como uma vibração de altíssima frequência e ultramicroscópico comprimento de onda; assim sendo tem o grande poder de penetrar entre os espaços intermoleculares do espírito e destruir as máculas que lá se encontram". Além de dispor também de um repertório específico de preces, a Messiânica tem o ohikari (sagrado ponto focal), objeto para o qual é canalizada a Luz Divina e cujo recebimento confere à pessoa a condição de membro da igreja e a faculdade de aplicar o "Johrei". Além dos serviços internos da igreja serem desenvolvidos pelos membros (vimos vários deles lavando e varrendo o templo), existe todo um sistema de contribuições em dinheiro como por exemplo uma mesa na entrada do templo com envelopes para este fim.

## Deus é um disco-voador e escreveu um livro para você

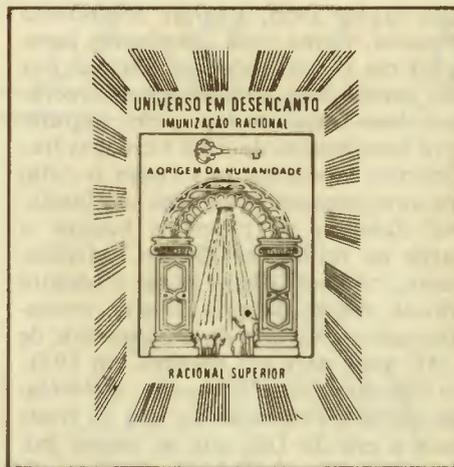




**Cultura Racional** é uma crença carioca. Os seus adeptos não gostam que se fale em "religião". Se dizem "estudantes de Cultura Racional". Ela nasceu em 1935. Então, Manoel Jacintho Coelho, tido como espírita, recebeu ordens: deveria fechar sua casa, a tenda Francisco de Assis, no Méier. O anúncio: chegara uma época péssima, marcada pelo fogo. Ele deveria aguardar e escrever um livro, que seria editado pelo Racional Superior.

O *Racional Superior*: ser extra-terrestre de quem os discos-voadores são projeções energéticas. Em alguns folhetos da organização, ele é identificado como Deus. Durante anos, instalado em Belfort Roxo, cidadezinha do Estado do Rio, eis então nosso Manoel, já como Aparelho Racional. Nem psicografia, nem transe: Manoel simplesmente escrevia e escrevia, e chegou aos 60 volumes, denominados "Universo em Desencanto".

Através de um programa na Rádio Mulher, chegamos a uma oficina de gravação de metal da avenida São João. Tratava-se de um cubículo no terceiro



Selo da "Racional Superior"

andar da galeria e seu proprietário, João, depois de algumas exaltadas referências à crença, nos pôs em contato com 10 outros estudantes, todos vestidos de branco (cor do traje do estudante de Cultura Racional), alguns com emblemas da organização, o portal do racional, encimado por uma chave e pelos dizeres "*origens da humanidade*".

No esquema da CR, os discos-voadores são projeções do Superior Racional, enviadas do astral superior — de onde nos originamos quando éramos *energia pura* — que fazem evoluções no nosso espaço, anunciando a *fase racional*. A CR é um "holofote de ligação" com os mundos superiores e a leitura do "Universo em Desencanto" nos prepara para a nova fase e *nos melhora* espiritualmente, ajudando até a curar nossas doenças.

A Cultura Racional não tem templos. Mas sua sede central fica em Nova Iguaçu, no Estado do Rio, lá onde se concentra uma das áreas mais pobres do país, com maior índice de banditismo,



Brasão gnóstico

mo, e os famosos cemitérios do Esquadrão da Morte. Ser da CR é ler seus livros, ouvir seus programas de rádio, andar em caravana, de cidade em cidade. Em escrever testemunhos para seu jornal:

"Salvos da perseguição dos espíritos da magia negra pelo racional superior", eis um destes pungentes relatos de doentes, toxicômanos e alcoólatras. A organização tem milhares de adeptos no Brasil. Agora, começa a se expandir para Portugal. Entre os seus adeptos, ouvimos falar na presença de generais e outros homens de responsabilidade.

(Um dos *estudantes* que ouvimos disse que tinha sido iniciado por um delegado da... Polícia Federal). Existem, ainda, muitas músicas racionais. Um dos seus divulgadores? O gordo Tim Maia, que teve, anos atrás, uma fase CR. Hoje, se fala Gato & Sapato de Tim Maia, entre os CR. Assim como ele fala, também. E o seu posto ficou nas mãos e na voz do senhor Benito de Paula!

**LA PROXIMA GRAN AVENTURA ANTROPOLOGICA DE LA GNOSIS:**

**VINE AL TRIANGULO DE LAS BERMUDAS, (...y a la 4ta. dimension?)**

Por determinação do próprio Samael, o Movimento Gnóstico do Canadá está organizando um cruzeiro ao Triângulo das Bermudas, com a finalidade de fazer contacto com os seres extra-terrestres ali baseados. Da excursão místico-científica apresentar-se-á ao mundo provas irrefutáveis da existência de uma outra civilização existente sob as águas marítimas do Triângulo. O preço da passagem, a partir de Miami, é de US\$ 300,00

Maiores informações poderão ser obtidas com

**MAURICE RHEAUME**  
8010 St. Denis  
Montreal - P. de Quebec  
H 2 R - 2 G 1  
CANADA



Porta da Iniciação Gnóstica

Adriana Mattoso

Adriana Mattoso

## Deus é um homem de carne & osso: usa terno & gravata.



Oliver Cowdery — mórmon



Martin Harris — mórmon



David Whitmer — mórmon



s Mormons usam roupas sóbrias e idéias exóticas. Acontece que um certo Joseph Smith recebeu, entre 1823 e 1827, numa colina do estado de Nova Iorque, as revelações: primeiro do próprio Deus (um homem de carne & osso) e de Jesus Cristo, em seguida de Moroni, um profeta da América pré-colombiana, resuscitado em forma de Anjo. Moroni entregou-lhe um conjunto de placas de ouro, escritas em "egípcio reformado". Com um par de óculos de pedra, anexo, J. Smith traduziu a escrita em 60 dias, redigindo o chamado *Livro de Mormon*.

As placas de ouro, depois de vistas por algumas testemunhas, foram levadas para o céu. Estabelecida a Igreja sobre os ensinamentos das placas, vários templos foram construídos em diversos Estados, mas deslocados por perseguições políticas e religiosas, os Mormons fundaram a cidade de Nauvoo, no Missouri, onde J. Smith foi preso pelo governador e abatido a tiros na prisão por uma multidão enfurecida. Em seguida a estes fatos os Mormons mudaram-se para a atual Salt Lake City, em Utah, aonde se encontra até hoje o centro de sua religião.

No livro de Mormon, que abrange o período de 600 a.C. a 421 d.C. narra-se a migração dos antigos hebreus para as Américas, a terra da promessa, e uma visita de Jesus ao Novo Mundo depois de sua ressurreição. Estes hebreus construíram na América civilizações elaboradas; não existe entretanto qualquer prova arqueológica disso e a Igreja Mormon se recusa a permitir escavações na colina de Cumorah, onde a maioria destes hebreus teria si-

do dizimada pelos índios americanos e onde deveria haver um grande número de esqueletos. Jesus voltará para estabelecer a capital de seu reino em Independence, no Missouri. Infelizmente o local do Templo do Milênio está em mãos de um dos muitos grupos mormons dissidentes. Os Mormons não são um apêndice de nenhuma igreja atual, acreditam na Bíblia e na revelação moderna. Conferem grande importância ao indivíduo — a maior criação de Deus — ser eterno que viveu na vida pré-mortal antes de encarnar-se. Não há inferno ou céu, mas vários estágios. O corpo humano é o tabernáculo do espírito, e se levantará com ele na ressurreição, sendo por isso desaconselhado o álcool, o fumo e outras substâncias nocivas.

Há no mundo atualmente 4 milhões de mormons, dos quais 1 milhão fora dos E.U.A. Eles têm pouco mais que 15 templos principais no mundo. Os negros só tiveram acesso ao sacerdócio em junho de 1978 a partir de uma revelação — a revelação para os Mormons é permanente — (o Livro de Mormon contém várias alusões que a pele negra é um sinal do desfavor divino) e o presidente Kimball declarou que "é impossível que as mulheres cheguem algum dia ao sacerdócio".

Na visita à sede tivemos acesso a um batismo mormon, realizado através de imersão em uma pequena piscina. O batismo é importante para a crença, sendo que inclusive os mortos são batizados e o evangelho é pregado entre eles (evidentemente por outros meios). Para batizar os mortos — ancestrais dos Mormons atuais — a Igreja leva a cabo um incessante trabalho genealógico, tendo o sr. Alfredo nos afiançado



Joseph Smith, Fundador Mórmon



Templo Mórmon em São Paulo

Adriana Mattoso

que as pesquisas sobre dois dos membros daquela mesma sede levaram até Adão e Eva. Disse-nos também que os Mormons são os maiores genealogistas do mundo. Fora estes aspectos, o sr. Alfredo mencionou que a Igreja Mormon é a religião economicamente mais poderosa do mundo, havendo entre os seus recursos inclusive a prática do dízimo. Finalmente, ficamos sabendo que para o ingresso no Templo o fiel deve portar uma identificação de plástico, onde está carimbado, em inglês, a data de vencimento.



## Deus quer um governo mundial



outra revelação ocorrida no século XIX e que se constitui em uma das grandes mundiais (a que mais se expande, atualmente) é a

Fé Bahai. Uma fé que está perseguidíssima, atualmente, no Irã do Ayatholla Khomeini...A partir da curiosidade despertada por *out-doors* espalhados pela cidade, divulgando preceitos Baha'is.

"Um só planeta, um só governo, por favor."

Fomos parar em um apartamento da avenida Paulista, onde nos recebeu uma senhora americana e seis adeptos. Ali ouvimos que...

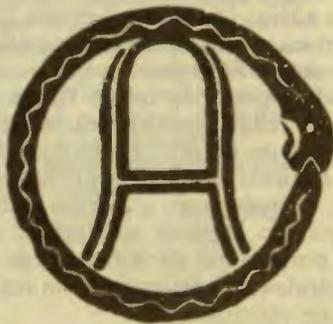
*Tudo começou* em 1844, com o profeta Bab, que desencadeia um movimento religioso que evolui rapidamente... São 20 mil mártires em seis anos. E o próprio Bab é fuzilado por um pelotão de 750 soldados. Um dos seus seguidores, Mirzá, preso em 1852, re-

cebe a revelação, e adota o nome de *Glória de Deus*. Exílios, prisões, e *A Glória de Deus* proclama sua missão aos governantes e líderes religiosos do mundo. O Deus é único. A revelação é progressiva. A alma deve passar por sete etapas: os vales da busca, do amor, do conhecimento, da unidade, do contentamento, da admiração e da pobreza absoluta. Para um Bahai, o céu é a alma próxima de Deus. O inferno é dele estar separado. Sua pregação inclui o direito à imparcial e independente busca da verdade, a igualdade de direito para todos, um governo mundial. Dizzy Gillespie é Baha'i. E os baha'is são uma das cinco organizações não governamentais ligadas às Nações Unidas, como membros consultivos. Estão em mais de 83 mil cidades do mundo. E no Brasil, concentram-se na Bahia.

Bahia, em persa, quer dizer: "cheio de Baha'is".

Foi o que nos explicou um baha'i.

## A ordem do Graal e as trevas rastejantes



entre as organizações menores encontra-se a Ordem do Graal na Terra, que tem sua sede paulista numa luxuosa construção num bairro do Embu, atrás da qual, entre as árvores de um bem cuidado jardim e cercado por um fosso de água ergue-se um majestoso e impecável templo branco do qual não é permitido tirar fotos. Os responsáveis pelo templo negaram-se a dar entrevistas e tivemos

que frequentar uma reunião de iniciação em que eram explanados os textos adotados pela Ordem. Ouvimos duas horas de pregação de lugares-comuns intercalados pelo discurso delirante de um adepto contra a música de Chico Buarque "Pai, Afasta de Mim Este Cálice!" alegando que a música insinuava que Cristo "vacilou diante das trevas rastejantes".

A Ordem se baseia nos ensinamentos de Oskar Ernst Bernhardt, que em encarnação anterior teria sido Abdrushin ("Filho da Luz"), príncipe árabe da época Mosaica. Oskar era um alemão de família abastada que se encontrava na Inglaterra por ocasião da primeira conflagração mundial, sendo internado, juntamente com outros compatriotas seus na ilha de Man, onde sofreu transformações. De volta à Alemanha iniciou uma série de conferências públicas que constituem a base da ordem sob a forma de três volumes denominados "Na Luz da Verdade", do qual já foram vendidos 100.000 livros em 8 línguas. Em sua obra — que compreende um livro de perguntas e respostas e um pastiche do "Zaratustra" de Nietzsche denominado "A Vida de Abdrushin — recebido por inspiração especial", Oskar entre outras coisas se coloca como totalmente auto-suficiente negando ter recebido qualquer influência. O movimento atualmente é liderado por sua filha na Áustria, onde são celebrados 3 festivais místicos anuais, em datas em que os adeptos acreditam convergirem sobre a terra grandes forças divinas.

No Brasil, a par dos ensinamentos de Abdrushin, a Ordem edita livros de uma autora chamada Roselis von Sass referentes a aspectos esotéricos das pirâmides egípcias, dos povos pré-colombianos e até uma "Revelações Inéditas da História do Brasil", onde se trata da participação da Atlântida na formação de nossa etnia e das causas ocultas da construção de Brasília. Há em todo o país cerca de 1.000 adeptos (espalhados sobretudo em S. Paulo, Paraná e Mato Grosso) que contribuem com Cr\$ 50,00 por mês, e a Ordem segundo nos foi dito é vessa à divulgação em grande escala, restringindo-se a pequenos avisos de reuniões postos dentro de seus livros.

### GUIAS E MESTRES

Não conseguimos entrevistas ou leituras dos grupos de trabalho de Gurdjieff e Subud. (Estas seitas não gostam de publicidade e "abelhudos"). Mas sabe-se que George Ivanovich Gurdjieff nasceu na década de 1870, na Armênia. Viajou ao Tibet e ao deserto de Gobi, em busca de uma cidade perdida. Manteve contato com sociedades secretas. Tinha seguidores na aristocracia russa. Veio a Revolução de Outu-



George Ivanovitch, pensador de origem Sufi

bro, e ele foi viver na França, onde estabeleceu o Instituto para o Desenvolvimento Harmônico do Homem. O homem deve vencer a preguiça. O homem não deve ser um robot, diz sua obra principal, "Tudo e Todas as Coisas". Para não ser um robot, o homem deve praticar danças secretas & sagradas, elaboradas a partir de disciplinas orientais, descritas como *ioga em movimento*. Sabe-se, ainda, que Gurdjieff perdeu discípulos para Subud.

*Quem é Subud?* Estamos em 1933. Neste ano, o inonesiano Muhamad Subuh passa a ser conhecido como o Bapak (o Pai). Esta disciplina não tem credo, dogmas, regras. Esta disciplina não desencoraja a prática de nenhuma religião. Mas a meditação e a ioga são tidos como nocivos. A verdade essencial de todas as religiões não pode ser ensinada. Surge no interior de cada pessoa pelo poder de Deus...

Adeptos do Subud e de Gurdjieff reúnem-se em São Paulo. Mas não querem repórteres por perto.

### O FIM DO MUNDO

Quando chegamos ao lumisial do Movimento Gnóstico Cristão Univesal (era uma reunião pública), o conferencista respondia a um ouvinte que não estava a par dos *aspectos esotéricos do petróleo*. Falava-se do fim do mundo.

Como nos foi explicado a Gnose é uma manifestação da Loja Branca. Seu fundador, Mestre Samael Aun Weor, após trabalhos realizados por Helena Blavatski no sentido de encarná-lo no Brasil ou nos E.U.A., encarnou-se na Colômbia, local favorável devido à miscigenação com os indígenas, descendentes dos antigos habitantes da Atlântida. Foi em 1947 que começou a pregar para os camponeses, enquanto cria-

va dentro de si uma outra energia. A criação desta outra energia é um dos pontos básicos da Gnose, que reivindica para si a essência do Budismo e Cristianismo esotéricos. Na Gnose, como para Gurdjieff, o homem é um ser robótico cujas ações são determinadas por uma legião de seus interiores: o eu da cobiça, o eu da luxúria, etc. O objetivo do ensinamento é despertar a consciência, formando os corpos internos (o corpo astral, corpo causal e corpo existência). A principal prática — entre muitas outras — é IMAITUNA, segredo terrível jamais mencionado por outras escolas esotéricas sob pena de morte, mas revelado por mestre Samael, também conhecido como Magia Sexual. Consiste no ato sexual consciente com a retenção do esperma. O sêmen retido é enviado para cima e tem a função de despertar o Kundalini, fazendo-o subir através de seus chakras. Assim, a energia básica é a energia sexual e o trabalho "é transformar o chumbo de nossas energias espermáticas na luz do espírito". É um trabalho que exige altas temperaturas e consiste num processo lento, de aproximadamente 40 anos. Por causa de suas teorias Mestre Samael foi perseguido e praticamente expulso da Colômbia estabelecendo-se no México em 1957, com suas obras escritas que haviam estado enterradas por 5 anos. Entre 1957 e a data de sua morte, em 24 de dezembro de 1977, quando — segundo nos foi dito na entrevista — "perdeu seu corpo físico", ele espalhou sua mensagem por todas as Américas, havendo só no Brasil, segundo seus adeptos, 1.000.000 de gnósticos. Não deixou sucessor embora tenha formado discípulos dos quais alguns, como Rabulú, já chegaram ao grau de consciência desperta. Sua mulher, uma simples camponesa que mal sabe assinar seu nome possui conhecimentos extraordinários e é um dos 42 juizes do Karma. Mestre

Samael — que já foi Júlio César (seus adeptos nos garantiram que nada houve entre ele e Cleópatra: "foi só política") — atualmente trabalha incógnito através de uma ligação energética com uma múmia mantida em estado cataleptico desde os tempos do antigo Egito. Seu trabalho se restringe no momento à Europa e Ásia.

O Movimento Gnóstico divulga os ensinamentos de Samael Aun Weor não só através da publicação de seus livros como também com o auxílio de um jornal, O Alquimista onde, entre notícias, artigos, seção filatélica, etc., há uma seção de astrologia hermética, na qual podem se ler passagens como esta "prática para o período de capricórnio": "imagine-se um ataúde no solo e caminhe o discípulo por cima deste ataúde imaginário, deixando porém o ataúde no centro das pernas. Caminhará dobrando os joelhos como para saltar um obstáculo, enquanto faz girar os joelhos da esquerda para a direita, com a intenção de que eles se carreguem com o chumbo de Saturno, como ensina o grande guru Uiracochoa".

O movimento tem também uma postura definida diante dos discos-voadores e Samael reclama em um de seus escritos que "têm se levantado calúnias infamantes contra os visitantes extraterrestres". Neste sentido os gnósticos pregam uma maior abertura e boa vontade e inclusive projetaram um símbolo de comunicação com as naves espaciais, empregado frequentemente por um de seus grupos em Curitiba.

Foi-nos enfatizado que a vinda de Mestre Samael e os ensinamentos por ele deixados se constituem em nossa última oportunidade, pois "em 1950 houve um Congresso das Grandes Hierarquias Espirituais do Universo, que já sabiam do estado degenerado em que se encontra a Terra e condenaram karmicamente nosso planeta.

"Vai ser como na Atlântida".



Livros já publicados sobre o assunto.

Adriana Mattoso



# RÁDIO

*Por que o rádio? Singular & Plural quer pensar nosso tempo. E o rádio, assim como a TV, é nossa época. Poderoso instrumento de formação & controle da opinião pública, o rádio — segundo o sociólogo Gabriel Colu — é “a artilharia ligeira da comunicação”. Nem por isso, pode-se dizer que rádio é assunto na imprensa escrita. Num momento de abertura política (controlada, de cima para baixo), achamos que a questão da informação é*

*fundamental para a construção de uma nova democracia. Principalmente nos tempos de arbítrio descarado, o rádio e a TV são os meios de comunicação mais controlados pelo Poder. Já na Europa, onde a questão da democracia se coloca com mais profundidade, há uma busca de interferência de novo tipo na rádio, através das chamadas rádios livres — e sobre este assunto estamos publicando uma reportagem e um texto analítico. A discussão está só começando.*

(MF)

# **RÁDIO** **Ele nunca esteve tão vivo**

por *Isabel Vieira*

**Para alguns, a TV  
ia matar o rádio.  
Mas não foi assim.  
O rádio sobreviveu à  
TV em função de  
sua própria linguagem.  
E de sua grande mobilidade.  
O rádio começou, no Brasil,  
como um veículo para elites.  
Hoje, nosso rádio  
chega às grandes massas.  
E procura uma nova  
forma de se expressar, atingindo  
a imaginação das  
pessoas.**

*"Oito e vinte, pensou Mathieu, dentro de dez minutos Hitler vai falar. Estão no salão, há um quarto de hora que Jacques está mexendo no rádio".*

Europa, última semana de setembro de 1938. Em "Sursis", as personagens de Jean-Paul Sartre vivem a presença iminente da guerra. Os locais são diferentes, as pessoas são diferentes. Mas o destino é comum a todos. Em cortes cinematográficos e simultâneos, todos compartilham a mesma tensão.

*"Estou em Juan-les-Pins, estou em Berlim, estou em Paris, não tenho mais vida, não tenho mais destino. Algures, havia dez mil homens impertigados, cabeça tesa, braço erguido. Algures, Odette inclinava-se sobre o aparelho.*

*"Tem certeza de que pegou Stuttgart? perguntou ela. Não se ouviu nada".*

No romance de Sartre, a ação inteira se passa em torno do rádio. O rádio é o elemento de ligação através do qual se estruturam todos os dramas. O rádio penetra nas casas, nas mesas dos bares, mobiliza as pessoas, decide suas vidas.

*"Ele fala, diz: "Meus compatriotas", e já sua voz não lhe pertence mais, tornou-se internacional. Ouvem-na em Brest-Litovsk, Praga, Oslo, Tânger, Cannes, Morlaix, no grande navio branco da companhia Paquet que singra o oceano entre Casablanca e Marseille".*

No romance de Sartre o rádio não é a voz, é personagem. O rádio é Hitler, é Chamberlain, é a presença concreta de uma ameaça. As diferentes pessoas, em

diferentes locais, amam ou odeiam o aparelho. Porque é através dele que cada um se define, Mathieu com sua perplexidade, o espanhol Gomez contemplando o receptor com simpatia, "meu Fuhrer, falas e eu me transformo em pedra", o tcheco Milan que se joga contra o aparelho e nele cospe com nojo, por duas vezes, a judia Ella que se dá conta de que o rádio tem vida:

*"A voz ali estava, enorme, odienta; o homem era seu inimigo. A grande planície alemã, as montanhas da França, tinham desmoronado, ele estava junto dela, sem distância, agitava-se dentro de caixa, olha-me, está me vendo. Ocorrerá um imperceptível deslocando das pessoas e coisas, ela estava sozinha no mundo com a voz".*



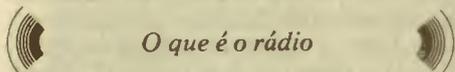
# RÁDIO

## Na questão do rádio está em jogo a nossa própria liberdade individual e/ou coletiva

O romance de Sartre é uma história sobre a liberdade. A liberdade individual de cada um, já comprometida com as constantes opções e consequentes responsabilidades, e que de repente se defronta com um elemento externo, coletivo, que implica na justaposição de consciências e responsabilidades de milhões de indivíduos.

Não por acaso o grande filósofo francês escolheu o rádio como fio condutor da sua narrativa. Produto do homem e de sua tecnologia, ele é um poderosíssimo instrumento político que tanto pode servir à mudança como à manutenção de um Estado, das relações sociais, da própria liberdade individual e/ou coletiva. O mais eficaz veículo de informação — “a artilharia ligeira da comunicação”, segundo o sociólogo brasileiro Gabriel Cohn — torna-se um instrumento ideológico na medida em que seu controle e propriedade o transformam em arma. Arma que mobiliza, induz, liberta ou escraviza.

No cotidiano empresarial ou em tempos de crise, como ramo da indústria cultural ou como instrumento de poder, o rádio sempre supera suas características de simples meio de comunicação. Mac Luhan diz que Hitler seria inconcebível sem o rádio. No livro de Sartre ele aparece como um termômetro que indica com clareza, para cada pessoa, a consciência do seu grau de liberdade.



### O que é o rádio

O rádio sobreviveu à televisão em função das suas próprias características intrínsecas: a mobilidade, o imediatismo e a linguagem falada. Único veículo capaz de noticiar o fato no exato — ou quase exato — momento em que está ocorrendo, pois exige, na sua transmissão, pouco aparato técnico, ele ainda tem a seu favor a vantagem de ser ouvido em qualquer lugar e hora. Ele pode estar, simultaneamente, dentro de um carro parado no trânsito, nas mãos de um caboclo perdido na floresta, numa canoa de pescaria ou num moderno avião. E mais: ele pode ser ouvido sem prejuízo de outras atividades: não exige a concentração da leitura nem o tempo disponível frente a uma imagem.

58



Adriana Mattoso

— Não é sem razão que, hoje, 85 milhões de brasileiros ouvem rádio, afirma Marco Antônio Gomes, diretor do Departamento de Jornalismo das Rádios Globo e Excelsior de São Paulo. O rádio atinge o país todo e fala durante o dia todo. E falar é imprescindível num país de analfabetos.

A linguagem falada é a característica mais marcante do rádio e grande responsável pela sua eficácia. Há, algum tempo atrás, o teórico de Comunicação Décio Pignatari afirmava, numa conferência proferida no Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, que a cidade de Quito, Equador, com apenas 700 mil habitantes, possuía, em 1977, 28 emissoras de rádio. A explicação era a de que numa cultura índia a ressonância da linguagem falada dava maior credibilidade à informação.

— O rádio desperta a imaginação através da *emoção* das palavras, diz Marco Antônio Gomes. A imagem nunca traduz a mesma emoção que as palavras. Se você fala, por exemplo, de uma mulher bonita, quem houve pode imaginá-la como quiser. Mas quando a

TV mostra uma mulher bonita, não há chance para a imaginação se soltar.

Por isso, para José Roberto Martins Pereira, diretor de produção da Rádio América de São Paulo, as imagens do rádio estão se tornando cada vez mais descritivas e coloridas:

— O advento da TV fez com que a linguagem do rádio se aprimorasse. As pessoas hoje *vêm* rádio, pois ele está falando a linguagem do povo. Repare, por exemplo, que nos jogos de futebol as pessoas normalmente assistem à imagem pela TV e ouvem a transmissão pelo rádio.

Outro fator importante da alta penetração do rádio é, sem dúvida, o baixo custo dos aparelhos. Segundo Marco Antônio Gomes, os índices de audiência aumentaram enormemente por volta dos anos 50, com o aparecimento do transistor. Não há empregada doméstica, operário de construção civil, motorista de caminhão ou de táxi que não possua hoje, no Brasil, seu radinho de pilha. Ele lhes traz não apenas diversão e informação, mas é companhia, elemento de ligação com seu estado natal — muitas vezes distante — e elemento de integração no novo centro urbano para onde emigraram.

Às vezes mais que tudo isso. Conceição da Silva, uma lavadeira caçara, analfabeta, dois filhos, marido alcoólatra, moradora numa praia do litoral paulista, a quem certos turistas pediam constantemente que abaixasse o volume do rádio, sintonizado às seis horas da manhã no programa José Bétio, ela respondia com decisão:

— Por favor, não me peçam isso. Este rádio é tudo que eu tenho na vida!



Adriana Mattoso

# RÁDIO

*O rádio atinge,  
nos dias de hoje,  
oitenta e cinco milhões  
de brasileiros.*

## O Rádio no Brasil

Mas não foi sempre assim. O rádio começou, no Brasil, com uma postura bastante elitista, apesar de que Roquete Pinto, seu pai espiritual, tenha pretendido, com ele, levar aos lares brasileiros "o conforto da ciência e da arte". Para Mário de Andrade sua função deveria ser a de "proporcionar educação artístico-musical às massas brasileiras".

Mas acontece que nessa época, em abril de 1923, quando inaugurou-se no Rio de Janeiro a Rádio Sociedade, a primeira de caráter oficial, as "massas brasileiras" não tinham condições de adquirir o aparelho. Muito menos de entender palestras científicas. O rádio era privilégio dos associados, que paga-



vam 5 mil réis mensais — a emissora não era comercial — e ouviam música erudita, moças da sociedade tocando

piano ou declamando poesias, palestras culturais e o comentário de notícias feito pelo próprio Roquete Pinto que, em sua casa, de pijama e tomando o café da manhã, lia trechos dos jornais do dia.

"A seguir, o prólogo da ópera tal, disco gentilmente cedido pelo nosso ouvinte e colaborador Dr. Arnaldo Guinle", anunciava um locutor da época. Tempos difíceis. A discoteca era pequena e as mensalidades nem sempre eram pagas.

Mas entre 6 de abril de 1919 — quando o primeiro transmissor, um Westinghouse de 20 wats, que atingia 1 km de raio e transmitia em código Morse, foi instalado na cidade de Recife — e o ano de 1930, muita coisa se modificou. Os interesses nacionais vol-

## SINGULAR & PLURAL

Assinaturas anual  
(12 números) Cr\$ 350,00  
(Você economiza  
Cr\$ 70,00 e ainda ganha  
um bom livro!)

Da Amazônia ao Rio Grande do Sul,  
o primeiro time é nosso. Isto  
é, de Scliar & Verissimo a  
Márcio de Souza. E os treinadores desta  
equipe Faerman & Audálio. O plantel tem  
(só tem) players de Selecionado:  
os bravos Marcus Pereira e Hélio Fernandes,  
a polêmica Ruth Escobar, o arguto Jacob  
Klintonowitz, os elegantes Diaféria & Carelli,  
os decididos Marco A. Rocha, Escosteguy &  
Anthony Cristo, os duros Galeano e  
Abdias Nascimento, o ardiloso Moacir Amân-  
cio, o combativo Roberto Piva, o analítico Cláudio  
Willer, o promissor Osmar Freitas Jr., o penetrante  
Fernando Morais, o sutil Rodolfo Konder,  
o infatigável Augusto Nunes. o falado Getúlio  
Bittencourt.  
E muitos, muitos outros, da seleção brasileira  
do jornalismo & das letras — SINGULAR & PLURAL.  
Na camisa 12, está você, que vai ajudar nossa  
equipe a vencer.

• Política - Como Fazer Versos - Maiakóvsky • Como Fizemos a Revolução -  
Trotsky • Homens de Papel - Plínio Marcos • Crônicas da vida Operária -  
Ronitwiler Jatobá • A nova Mulher e a Moral Sexual - Alexandra Kollantai •  
A Espada Quebrada - Poul Anderson

Enviar cheque ou vale postal nominal à Global Editora e Distribuidora Ltda  
Rua José Antonio Coelho, 814 CEP-04011 - São Paulo - SP  
Estou anexando um cheque, vale postal no valor de Cr\$ 350,00 para  
uma assinatura anual de Singular & Plural. Desejo receber  
como oferta o livro

Nome .....  
Endereço .....  
CEP .....  
Cidade .....  
Estado .....

# RÁDIO

*O advento da TV  
aprimorou a linguagem  
do rádio. Hoje, as  
pessoas vêm rádio*



taram-se para o processo econômico, que exigia a ampliação e manutenção de um mercado interno. Os "reclames" inseridos nas páginas de jornal ou em volantes distribuídos de porta em porta não eram suficientes. As empresas viram na "caixinha educativa" um excelente meio para ampliar a venda de seus produtos. E o rádio começou a se organizar em moldes industriais.

Com a publicidade, entrou no rádio a música popular e a representação cômica, ingredientes que lotavam os Teatros de Revista da época. As emissoras, isoladas ou em cadeia, passaram a cobrir todo o território nacional. São Paulo, que até 1932 contava com apenas 9 emissoras, em 1935 já possuía 26, e, em 1940, elevou esse número para 31.

A chamada "fase de ouro" dos anos 40-50, de Emilinha Borba e Ivani Ribeiro, dos grandes programas de audiotório, de "O Direito de Nascer", das orquestras contratadas e dos programas de calouro, só foi terminar com o aparecimento da TV. Tudo isso o rádio cedeu para o novo veículo, que lhe levou os melhores artistas, os melhores novelistas e os melhores anunciantes. Pobre e desfalcado, ele passou a ser o "vitrolão": sem capital e sem estrelas, só lhe restava tocar discos ou morrer.

Mas em seu socorro vieram o transistor e a redescoberta do radiojornal: se antes da TV apenas 2 grandes marcos fizeram a glória desse gênero — o Repórter Esso, com informações de guerra, em 1941, e o Grande Jornal Falado Tupi, de Corifeu de Azevedo Marques, em 1942, — depois de 1950 o rádio tornou-se essencialmente informativo.

Os noticiários perderam a antiga emoção e grandiloquência, tornando-se mais homogêneos e indiferenciados, mas ganharam em tempo e espaço. Hoje, por exemplo, apesar de a Legislação Brasileira exigir apenas 5% de informação diária de cada emissora, todas elas oferecem bem mais que isso.

A Rádio Globo de São Paulo, por exemplo, tem em sua divisão de jornalismo 125 profissionais na capital, 16 correspondentes em todo o Estado e 3 no exterior. E mantém, segundo seu diretor Marco Antônio Gomes, 70% de informação noticiosa diária.

Adriana Mattoso



# RÁDIO

## As pessoas se identificam com uma determinada rádio como com um time de futebol

— O jornal de rádio partiu para a reportagem, com carros na rua e repórteres espalhados por todo o Estado, diz ele. Quase tudo é feito ao vivo, com o locutor dizendo onde está, a hora local, entrevistando gente e dando a informação no momento exato em que o fato está ocorrendo. Já se foi o tempo das gravações, o tempo de enganar o ouvinte. Agora estamos na era do repórter ao vivo.

### A Estrutura da Programação

Na Rua das Palmeiras 317, num prédio antigo cercado pelas obras do metrô, o charme do jovem locutor da Rádio Excelsior entra no ar todos os dias, às 10 horas da manhã. César Roberto Foffá é o responsável pela grande audiência de "Peça Bis para o Sucesso", o programa jovem que dá maior Ibope àquela emissora.

Os ingredientes são simples: seu telefone "colorido" — referência às "cores" das 15 músicas que são tocadas durante uma hora e meia — atende, nesse espaço de tempo, cerca de 300 a 400 pedidos de bis. As preferidas são reprisadas na última meia hora. A distribuição de discos, fitas gravadas, ingresso para filmes e mais a descontração do locutor — seu modo simples e simpático de falar — fazem o resto: o programa de César é o campeão da faixa jovem, gente de 14 a 20 anos, que, segundo diz, "curte discoteca, música romântica, às vezes um samba, filmes e peças teatrais da moda".

— O segredo do sucesso está na participação imediata do ouvinte, pois é ele quem escolhe as músicas, diz César, enquanto cocotas, operários do metrô, funcionários públicos, comerciárias e universitários se sucedem a cada minuto na porta do estúdio, recebendo convites gratuitos para o filme "Crazy Hor-se".

O esquema "participação do ouvinte mais descontração do locutor é igual a sucesso" é o grande ovo de Colombo na programação das rádios brasileiras. Na Rádio América, por exemplo, os pedidos por carta e telefone são colocados em computador, e da sua resposta sai a seleção musical, expediente esse que fez com que, em um ano e meio, ela

alcançasse o segundo lugar em audiência, só perdendo para a Record.

— Conseguimos ganhar a classe C com músicas de muito consumo em esquema repetitivo, explica seu diretor de produção José Roberto Martins Pereira. — Numa segunda etapa, alterando Chico Buarque com Sidney Magall, conseguimos ganhar a classe B sem perder a C.

Até mesmo as emissoras de FM, há alguns anos atrás consideradas meros "vitrolões" — "música de elevador e consultório dentário", segundo o produtor da FM Bandeirantes Otávio Cechi Jr. — já estão dando os primeiros passos nesse sentido: um exemplo é o programa "Noite Alta", da Bandeiran-



Adriana Mattoso

tes, que também adota a fórmula "descontração do locutor mais participação do ouvinte".

— "Noite Alta" apareceu em julho de 78, com a expectativa de ficar no ar apenas um mês, durante as férias, explica Otávio. — O jeito informal de Geraldo, seu apresentador, e seu esquema de fazer perguntas ao público agradaram tanto que um mês depois o programa passou de meia hora a uma hora de duração, e está no ar até hoje.

Segundo Otávio, o grande segredo do rádio continua sendo a comunicação rápida:

— Você tem que falar a linguagem do público com quem quer se identifi-

car. Cabe ao comunicador ver o público que ele quer atingir e dirigir-se a ele. As pessoas estão presas a valores diferentes, e elas vão-se identificar com o veículo que corresponde a esses valores. Tentou-se, em algum país, uniformizar a programação e isso não deu certo.

Para Otávio, essa identificação é muito maior em relação ao veículo do que em relação ao artista:

— O veículo é que massifica, é que faz o artista.

Isso, afirma todos, é uma tradição no rádio brasileiro. José Roberto Martins Pereira, da Rádio América, fala da estranha fidelidade do público a determinada emissora, fidelidade até "meio inexplicável".

— É uma relação semelhante ao do torcedor de futebol para com o seu time. A pessoa se sente orgulhosa de ser ouvinte de uma rádio — é a sua rádio. A Jovem Pan, por exemplo, que possuía os maiores profissionais do Brasil e perdeu-os quase todos, paradoxalmente só caiu um ou dois pontos em audiência. Eu chego a afirmar que, se você dividir 5 bons profissionais entre 5 emissoras diferentes, a que vai ganhar é a que, de início, tinha os 5 juntos.

Mas Marco Antonio Gomes, Diretor de Radiojornalismo da Globo, acredita que uma das tendências do rádio seja a de procurar uma linguagem comum, através da qual os diversos segmentos de público possam comunicar-se entre si: é o que ele chama de "linguagem do Zé da esquina".

— Se eu usar a linguagem do Zé, os que não são Zé também vão entendê-la.

Ele testou isso no programa "São Paulo Agora", que entrou no ar em 1970, na Pan, e acha que a experiência deu certo:

— No "São Paulo Agora" falava-se muito do Zé. Aí o "não Zé" passava a se interessar pelo problema do Zé, e vice-versa. A gente falava, por exemplo, de Teixeira num dia e de Érico Veríssimo no outro. Aí o público de Veríssimo passava a interessar-se por Teixeira e o de Teixeira por Veríssimo.

Apesar disso, a própria Globo mantém em sua programação diferentes tipos de informativos, dirigidos a diferentes segmentos de público. Um dos seus grandes sucessos, por exemplo, é o

## A estranha história do rapaz cearense que criou a sua rádio-pirata...

“Pé na Estrada”, noticioso levado ao ar às 6 hs. da manhã e dirigido aos caminhoneiros e homens do campo, além de ouvir notícias entremeadas com horóscopos, eles participam contando seus “causos”.

### Rádio como Empresa

O que se nota, portanto, no rádio brasileiro, é uma tendência cada vez maior à especialização. Popularescas, populares, de classe média ou de elite, as emissoras identificam-se com determinadas faixas sócio-culturais e procuram dirigir-se a elas, buscando sua linguagem nos próprios padrões das classes que desejam atingir. Ao mesmo tempo, com o aumento de potência das emissoras pequenas e a criação de muitas novas — (o Brasil possui, hoje, cerca de 1.200 emissoras) — cria-se uma segunda etapa: as grandes emissoras tentam ganhar os diversos segmentos de público, mantendo programas diferentes que atinjam faixas diferentes.

Mas as fórmulas utilizadas para se obter e manter esses públicos — ou seja, a coleta e devolução de suas preferências — são segundo o sociólogo Gabriel Cohn, características da própria indústria cultural, na qual o rádio está inserido.

— O que eu chamo de indústria cultural é o conjunto articulado de todos os meios de comunicação; é o conjunto de todas as grandes empresas, incluindo rádio, TV, disco, livro, revista, etc, afirma Cohn. — No caso do rádio, o número de emissoras não é muito significativo, pois as pequenas só reproduzem as grandes, ou operam do mesmo modo que elas. A diferenciação que existe é apenas em termos de mercado: há diversas faixas sócio-econômicas a serem atingidas. E como isso é feito? O esquema é produzir um estímulo, obter uma resposta e reforçar o estímulo. Satisfazer as disposições do ouvinte significa legitimar a suposta escolha do ouvinte. Se você dá a chance a ele, por exemplo, de escolher entre 15 músicas, é preciso não esquecer que houve, antes, uma pré-seleção dessas 15, de acordo com critérios alheios a ele. O que se faz, portanto, é trabalhar em cima de tendências já existentes, reforçando-as produzindo variantes do mesmo tema.

— Mas o que é fundamental, continua Cohn, e que diz respeito não apenas ao rádio mas a todos os meios eletrônicos, é que eles têm uma grande função enquanto empresa: *vender-se enquanto veículos*. Aparentemente eles, se vendem ao consumidor (ouvinte), mas os elementos decisivos a quem se vendem são as agências de propaganda. Enquanto empresa, a emissora não está montada para formar opinião, mas para se vender às agências. Para isso ela tem que provar que atinge um público: tem que definir sua faixa de audiência e mantê-la. Nesse esquema, o ouvinte é apenas um *gancho* que permite à emissora comprovar sua eficácia enquanto veículo. Como estrutura, portanto, nenhum ramo da indústria cultural pode ser democrático: o que há de diferente no rádio é apenas uma resposta mais direta dos ouvintes, ainda que a questão já tenha sido formulada previamente.

— A tendência da indústria cultural hoje, completa Cohn, é a de uma diferenciação programada em termos de organização interna, diferenciação que vai promovendo a especialização tanto do emissor como do receptor. As grandes emissoras tendem a subdividir-se em vários veículos eficazes, cada um diferenciado, dirigido a uma faixa. Então o que se tem, em escala pequena é o mesmo mecanismo de reforço que se tem em grande escala. Em termos de dinâmica da coisa, vão-se criando vínculos cada vez mais sólidos com segmentos específicos.

Para Gabriel Cohn, a mudança do caráter industrial para o não industrial — que seria o caso, por exemplo, das pequenas rádios autônomas européias (ver *matérias nas páginas seguintes*) — não é decisivo, pois o que caracteriza a indústria cultural não é apenas a vinculação comercial, mas sim a *forma como se estrutura e se processa a organização da mensagem*.

— Para ser livre e democrática não basta que uma rádio se desvincule do elemento comercial. Se na organização da sua programação ela mantiver a mesma estrutura das rádios comerciais, o resultado será o mesmo.

O ideal, para Cohn, seria o de que

todo receptor fosse um emissor. A democracia do rádio só ocorreria, portanto, em pequenas unidades de trabalho com capacidade para se definir. E o receptor teria diversas tendências disponíveis, de orientação diversa, onde as idéias seriam defrontadas.

Mas exemplos de algumas rádios livres européias, principalmente italianas, onde isso já acontece, ainda estão longe de acontecer no Brasil. Frise-se o *algumas*, pois segundo Maria Cristina Duarte, em artigo publicado em *Opinião*, a 4 de março de 77, muitas delas, chamadas “qualunquistas”, já foram açambarcadas por grupos econômicos e/ou políticos e “funcionam com fartos recursos financeiros, crescente nível de eficiência e profissionalização, política de publicidade abundante e programação baseada em música de fácil digestão”.

Aqui, a única tentativa de que se tem notícia a respeito de uma rádio-pirata é contada por Thaís de Almeida Dias Leão, produtora da Rádio Cultura de São Paulo e com larga experiência em programas rurais. Uma tentativa burlesca com lances bem brasileiros, mas nem por isso altamente criativa.

— Um jovem cearense fez um curso de concerto de rádios por correspondência, no Instituto Universal. Apaixonou-se pelo rádio e resolveu montar uma emissora no interior do Ceará. Armou uma torre de transmissão no seu quintal, fez a cabine de som no quartinho dos fundos, com uma escrivaninha, uma vitrola emprestada da vizinha e um microfone que não podia encostar, em nada porque dava choque.

O fato de entrar em cima da Rádio Excelsior da Bahia não abalava nem um pouquinho o jovem radialista. Ele fazia programas de calouros e transmitia até externas nas festas do Grupo Escolar da cidadezinha. Sua rádio-pirata teve um final tragicômico: muito popular entre suas ouvintes, o jovem foi obrigado a empreender rápida fuga para São Paulo depois de receber ameaça de morte de um marido ciumento.

Chegou há 5 anos, sonhando com as maravilhas de fazer rádio no sul. Hoje trabalha em manutenção de aparelhagem de TV numa emissora paulista e nunca mais falou num microfone.



# RÁDIO

# A crônica da palavra assassinada

por Arnaldo Spindel

Em meio ao silêncio pesado que geram as repressões, o estômago daqueles que não pensam quadrado sempre remoe um erro. Quando se está no exterior este berro tem um sotaque carregado, mas não perde oportunidades de encontrar novos canais de expressão. Vou lhes contar uma história. Era uma vez...

Era uma vez uma noite de inverno em Paris. Nevava nesta noite de fevereiro de 1978 e fazia frio, muito frio. No fim da tarde do dia anterior o cara aparecera lá em casa e, esvaziando as inevitáveis garrafas de vinho, explicara longamente o que eles estavam pretendendo: O berro para todos. Topei. Naquela noite, lembrome, meti casaco, luvas, cachecol e demais apetrechos e caminhei a seu lado por algumas ruas estreitas, até desembocarmos no porão de uma loja.

Examinei as outras quatro figuras que nos esperavam, cumprimentei-os com um gesto de cabeça e algumas horas mais tarde havia sido criada uma rádio livre. Uma rádio pirata.

(No caminho de volta recordei-me da primeira vez que ouvira falar deste tipo de rádio. No minúsculo quarto do hotel italiano um espelho exibia, escrita com decalcomônias, a frase: "Aveve dimenticato niente?", e a rádio ligada dizia:

"Rádio Alice retransmite música, notícias, jardins floridos, verborrêia, invenções, descobertas, receitas, horóscopos, filtros mágicos, amores, boletins de guerra, fotografias, mensagens, massagens e mentiras... Rádio Alice é um lugar onde os coelhos usam coletes e onde os speakers estão no maior pique.")

Na democrática Europa Ocidental, a festejadíssima liberdade de expressão tem esbarrado, sistematicamente e há muito tempo, no monopólio dos meios de rádiodifusão. Não há dúvida de que se alguma autoridade daquele continente cometesse a temeridade de decretar a constituição de um monopólio da imprensa escrita, sob o controle do Executivo, a opinião pública faria um enorme escândalo. No entanto, em vários destes países um

setor muito mais importante da área de informações encontra-se sob um regime deste gênero, e tal fato não causa nenhuma comoção especial. Em vários países da Europa a palavra escrita continua relativamente livre, mas a palavra falada (ou gritada) e a imagem, mantêm-se restritas àqueles que pensam "certo".

Contra este estado de coisas apareceram as primeiras rádios livres. O movimento iniciou-se na Itália e tomou tal envergadura que conseguiu quebrar o monopólio estatal. As rádios piratas italianas tornaram-se verdadeiras rádios populares e abriram caminho para o posterior aparecimento dos canais de televisão "livres". Apesar do estatuto legal obtido, da amplitude do movimento e da penetração popular de suas emissões, as rádios livres italianas que enfatizavam demais o Livre de seu nome, eram vistas, por alguns zelosos senhores, como um atentado à moral, à ordem e aos bons costumes.



Adriana Mattoso

(3.º companheiro — Eles entraram, eles estão aqui...)

2.º companheiro — Eles entraram... eles entraram... Nós estamos com as mãos para cima. Eles entraram e nós estamos com as mãos para cima...

1.º companheiro — Eles estão arrancando o microfone.

Polícia — Mãos ao alto, mãos ao alto, hein...

2.º companheiro — Nós estamos com as mãos para cima. Eles dizem que este é um lugar onde organizam-se atentados...

Estas foram as últimas palavras transmitidas pela Rádio Alice, sábado, 12 de março de 1977).

Na França, apesar da manutenção do monopólio, o caráter incompleto da legislação sobre o assunto permitiu um crescimento bastante acentuado do número de rádios livres. De fevereiro a março do ano passado o número destas rádios passou de 10 para 30 (sendo que só em Paris passou de 5 para 16). Evidentemente, um tal crescimento só foi possível devido ao clima que precedeu as eleições de março, quando todas as pesquisas de opinião pública davam como certa e folgada a vitória da esquerda. O presidente Giscard d'Estaing não podia dar-se ao luxo de reprimir o movimento e com isto perder preciosos votos. Aliás, ele encontrava-se comprometido com o que escrevera em seu livro "Democracia Francesa": "O pluralismo não se fragmenta. Não se pode querer conservá-lo no domínio político pela sua eliminação nos outros domínios... (é necessário) aprofundar as liberdades da vida cotidiana como, por exemplo: as liberdades de informação". O ambiente era, portanto, propício aos que se lançavam na guerra das ondas, mas poucos dentre eles acreditavam que esta trégua fosse durar por muito tempo.

No sábado seguinte voltamos a nos encontrar no porão. Durante a semana havíamos conseguido arrecadar os 400 dólares necessários à compra do emissor. (As rádios livres



# RÁDIO

## As rádios livres trabalham com pequenos emissores, com um raio de ação de 5 kms.

trabalham, geralmente, com pequenos emissores de 7 watts FM, que possuem um raio de ação de aproximadamente cinco quilômetros). O restante do equipamento seria emprestado pelo próprio pessoal da equipe, que nestas alturas já contava com quase quinze membros. Resolvemos começar a transmitir naquela quarta feira. Dividíamos todos uma clara consciência de que entrávamos no terreno de uma luta política extremamente perigosa; atacar o monopólio era colocar em xeque todo o sistema de dominação do Estado francês.

A reação das autoridades haveria de vir, era só uma questão de tempo. Baseada no argumento de que elas quebravam um monopólio legalmente constituído (ainda que frontalmente contrário ao que reza a bastante conhecida Declaração Universal dos Direitos Humanos), a polícia francesa poderia tentar impedir o funcionamento das rádios e prender seus organizadores. Para as pessoas envolvidas neste tipo de trabalho, no entanto, o risco valia a pena pois liberar as ondas hertzianas era bem mais do que apenas lutar contra o monopólio em si. Organizar uma rádio livre era criar uma alternativa política concreta ao monopólio das informações, ao monopólio da forma de enfocar estas informações, ao domínio incontestado de um modelo de discurso e a um

gosto musical. Uma rádio pirata corre o mundo sobre as ondas, saqueando os tesouros bem guardados pelos meios de comunicação de massas instituídos, engulindo-os, esbanjando-os e vomitando-os.

Na França atual, um dos objetivos destas rádios é o de tentar globalizar as informações sobre as alternativas culturais existentes (que tiveram que lutar muito para não morrerem de sufoco nesta década que seguiu 68 super star). Mais do que globalizar, que é apenas um primeiro passo, o trabalho destas rádios é de abrir o espaço para o aparecimento destas alternativas.

Aprender os conflitos que realmente cortam esta sociedade e que fogem aos esquemas explicativos gênero receita de bolo e mostrar as respostas políticas e culturais que se articulam, é outro dos objetivos das rádios piratas. (Dizem que os piratas, por furarem o lóbulo da orelha, possuem uma visão mais aguçada que o normal). O concerto de música árabe em transmissão direta de um centro de trabalhadores argelinos de Paris, a entrevista com os habitantes de um "squatter" de Denfert-Rochereau, um programa sobre o Comitê de Boicote à Copa do Mundo na Argentina, outro sobre a Anistia Internacional, um disco de Varese, entrevistas na porta do Centro Cultural Georges Pompidou para saber porque aquelas pessoas tinham vindo ali, um pouco de Janis Joplin, difusão das lutas de inquilinos contra sacanas locadores, um programa preparado por crianças de uma escola alternativa, uma fita com músicas do Evê — que é ótimo músico e meu amigo — pedidos de carona para Atenas, Istambul ou Lisboa, pedido de apartamento barato para alugar, Milton Nascimento, transmissão das lutas contra as centrais nucleares, Coltrane, Archie Sheep, programas organizados por feministas, por minorias raciais, por trabalhadores imigrados... tudo isto é parte da programação possível de uma rádio pirata.

Apesar disto tudo, a barra não era das mais leves. Na Itália, por exem-



Adriana Mattoso

plo, até um determinado momento (meados de 77), um clima social dominado pela Liberdade e pela Imaginação e que tinha à sua disposição o aparato institucional dos grandes partidos de esquerda, constituía terreno fertilíssimo para o desenvolvimento de rádios piratas realmente populares. Na França, ao contrário, o clima era de uma apatia generalizada levemente temperada pela esperança de uma vitória da esquerda nas eleições de março. A multiplicação do número das rádios, que na Itália correspondia à dinâmica de um movimento social amplo que possuía nos "emarginati" sua base principal, foi, na França, muito mais um movimento tardio de criação de pontos de resistência a um Estado que se tornava cada dia mais desabusado. Conquistar o público era, nestas circunstâncias, uma tarefa quase heróica, pois o Estado e os donos do monopólio possuíam eficientes meios para impedir com que fôssemos escutados.

O mês e o frio ainda eram os mesmos do segundo parágrafo. Entrei em casa, joguei legumes na panela planejando uma sopa e liguei imediatamente o rádio. Naquela noite da primeira transmissão cada um de nós tinha uma função definida: dois na transmissão, dois na segurança (pra avisar se os homens chegassem), e dois



Adriana Mattoso

# RÁDIO

## Na França, estas pequenas rádios procuram estimular as alternativas culturais

no controle de recepção em ponto diferentes da cidade. O telefone toca: Vamos começar daqui a dois minutos. Tá legal; você fica na linha? Fico... atenção, tá no ar. Xii, não tô ouvindo nada! Peraí que eu vou arrumar a antena — e a voz ansiosa — cumê, tá ouvindo? Péra... tô, tô ouvindo legal, música ótima. E a voz mais calma: genial, pô fantástico, ó a gente vai dar o prefixo, apresentação da rádio e depois te colocamos no ar... Boa noite, aqui rádio A Gente Se Vira, transmitindo em 102 megahertz Frequência Modulada, hoje pela primeira vez... De repente, como temíamos eles atacaram.

A arma utilizada contra as transmissões piratas era simplesmente um som agudo e chato: o "brouillage", uma interferência lançada na mesma frequência por um emissor muito mais potente e que reduz o raio de ação das rádios livres 500 metros. Com isto a companhia detentora do monopólio pretendia calar nossas bocas, mas nós não tínhamos a menor intenção de desistir e a cada dia

inventávamos novos meios de driblar a interferência, num verdadeiro jogo de gato e rato.

Apesar da insistência das rádios livres francesas em transmitir, a interferência dificultava, obviamente, o estabelecimento e o cumprimento de horários de emissão e impedia a criação de uma relação mais sólida com o público. Na verdade, elas eram os cometas das ondas. Esmagadas entre a interferência lançada pelo monopólio e a apatia da maior parte da população, as rádios livres francesas jamais estiveram a ponto de se tornarem rádios populares, tiveram sempre que contentar-se com o seu papel menor de rádios pirata. Na realidade, falava-se muito destas rádios mas estas rádios falavam muito pouco.

De repente, percebi que o berro que sonháramos dar havia se tornado apaixonante assunto de bate-papo nas universidades, nos jornais e no meio político e que logo mais era capaz de acabar virando tese de doutorado.

Mas, voltando um pouco. Vieram as águas de março que passaram e nem por isto deixaram de mover moinhos. No caso, moveram com galhardia os moinhos da reação. Após a vitória eleitoral da direita, duas rádios foram invadidas pela polícia, o material confiscado e os companheiros levados a julgamento. Ocorreu, todavia, que o juiz que julgou a primeira destas rádios era um tradicionalista (isto é, aquele que ainda respeita as tradições democráticas da República Francesa) e, respaldado nos buracos da legislação, absolveu-a.

O poder político e os interesses econômicos que dividiam tranquilamente o saboroso bolo da radiodifusão entraram em polvorosa. Imaginem só... esta história de liberdade efetiva de expressão era um perigo para a democracia deles. Giscard, vitorioso, parece ter esquecido as idéias tão claramente expostas em seu livro ou senão resolveu modernizar seus conceitos de democracia à luz do moderno, atraente e hiper-repressivo modelo alemão. Logo em seguida às eleições enviou, por intermédio de sua



Adriana Mattoso



Adriana Mattoso

maioria na Câmara, um projeto de lei visando criminalizar as experiências de rádios livres. No dia 7 de junho de 1978 o projeto foi aprovado. Hoje quem participa destas rádios arrisca-se a passar de um mês a um ano em cana e a ser obrigado a pagar uma multa que varia de 2.000 a 20.000 dólares.

Os políticos dos grandes partidos de esquerda, mesmo criticando a utilização que o governo fazia do monopólio, parecem ter deixado claro o respeito que devotam àqueles instrumentos que dão ao Estado aquele seu caráter tão fascinante (pelo menos aos olhos daqueles que pretendem dominá-lo e utilizá-lo, como é o caso, antes da aposentadoria).

Liguei o rádio hoje, ouvi uma rádio pirata durante uns cinco minutos. Depois veio a interferência e eu deixei aquele barulhinho chato no ouvido enquanto pensava que, independente da leitura que se faça da História da humanidade, há uma constatação à qual não se pode escapar: liberdade, moçada, sempre reencarna.



# RÁDIO

# As rádios livres populares

por Félix Guattari

A evolução dos meios de comunicação de massa parece tomar dois rumos opostos:

— em direção a sistemas altamente concentrados controlados pelos aparelhos de Estado, pelos Monopólios, pelos grandes aparelhos políticos, que têm como objetivo uma modelagem da opinião pública, uma adaptação reforçada das atitudes dos esquemas inconscientes da população às normas dominantes,

— em direção a sistemas reduzidos que abrem a possibilidade de uma apropriação coletiva dos “meias” que fornecem verdadeiramente meios de comunicar-se, não somente com “amplas massas” mas também com as minorias, marginais, grupos marginalizados de qualquer outra natureza.

Por um lado, sempre mais centralismo, conformismo, opressão e do outro as perspectivas de novos horizontes de liberdade, de autogestão, de florescimento das singularidades do desejo.

Como explicar que tanto na Itália como na França, com o fenômeno das Rádios Livres, houve uma forte penetração na segunda direção, através de uma técnica relativamente antiga como é o rádio? Por que não foi a televisão que suscitou até pouco tempo tanta esperança? Por que não foi o telex? Por que não foi o Super 8? Seria difícil desvendar todos os fatores que permitiram este destaque das Rádios Livres. Mas existe uma razão que, a meu ver, deve ser particularmente mencionada:

— Com o cine e a televisão, a iniciativa técnica fica a cargo das grandes empresas industriais.

— com as Rádios Livres uma parte importante da técnica depende da criatividade, do “jeitinho” daqueles que as promovem.

Ora, as decisões técnicas, aqui como em outros lugares dependem sempre das decisões políticas e micro-políticas. Por exemplo: as opções técnicas, no campo da televisão, foram todas dirigidas para o consumo familiar e individual. Por isso a definição perturbadora do quadro das emissões (a divisão do trabalho entre a técnica, a animação e a concepção das emissões, sua constan-

te centralização nos “estúdios” em recinto fechado etc...) que conduz indubitavelmente a uma passividade do consumidor. Entretanto, nada, no começo, impunha num plano técnico tal decisão política! Seria possível conceber logo no início, equipamentos para uma produção visando “grupos ativos” e não “grupos passivos”. Mas os dirigentes capitalistas e estatais não encontram nenhum interesse numa orientação deste tipo. Assim, foi a escolha do “meio forte” que triunfou. E tem-se hoje em dia a tendência de justificar esta decisão na natureza das coisas, na evolução “natural” da técnica.

Com as Rádios Livres nós deparamos com o mesmo problema técnico-político. Mas neste caso, no confronto com o poder, é o “meio pobre” que se impõe como deste próprio meio. Com efeito, na etapa atual só se pode resistir à interferência e as intromissões multiplicando o número de emissoras e reduzindo o material para diminuir os riscos.

(Esta guerrilha quotidiana das ondas não são incompatíveis com uma “solução” no dia em que a relação das forças se apresente: emissão pública, jornais nacionais etc.)

O ponto mais importante para os animadores das Rádios Livres Populares é aquele que permite ao conjunto dos meios técnicos e humanos estabelecer um verdadeiro sistema de “feedback” entre os ouvintes e a equipe que o realiza. Isto se verifica tanto pelas intervenções diretas por telefones como abrindo as portas do “estúdio” ou ainda por intermédio de entrevistas e também com a elaboração de emissões em fitas gravadas pelos ouvintes etc... A experiência italiana a essa respeito nos mostra o imenso campo das novas possibilidades, que se abrem neste sentido. Particularmente a experiência do grupo de Bologna que trabalha na Rádio Alice e no jornal “A Traverso” Sabemos que a Rádio só constitui um elemento, no meio de toda uma gama de outros meios de comunicação, que vão desde encontros diários informais na Piazza Maggiore, até a publicação do jornal, passando por impressão de folhetos,

murais, cartazes, panfletos, reuniões, atividades comunitárias, festas etc...

Estamos longe, muito longe das concepções tecnocráticas das características das *rádios locais* francesas que dão prioridade à representatividade das pessoas que teriam alguma coisa para dizer, ou ainda das concepções da esquerda tradicional que se preocupa somente com a “linha correta” e com as proposições mobilizadoras como únicos elementos que podem ser a expressão das suas transmissões! Nas Rádios Livres italianas é frequente constatar que debates bastante sérios são interrompidos por intervenções violentamente contraditórias, ou humorísticas, ou ainda poético-delirantes. Estamos longe também das concepções dos técnicos modernistas que declaram, que hoje em dia o importante é o conteúdo das emissões, o cuidado que se dá a sua realização e que se refere a toda mitologia do “ver moderno”, da “escuta-moderna”... Todas estas “introduções” relativas à qualidade dos porta-vozes, do conteúdo das mensagens e da forma de expressão se juntam. Os “situacionistas”, os militantes e os modernistas têm isto em comum, de um maneira ou de outra, ou seja, eles se colocam como *especialistas*: especialistas do contato, da palavra de ordem, da cultura, da expressão... Ora a via que se abre com o fenômeno das Rádios Livres nos dá precisamente a impressão de ir em posição contrária a todo este espírito de especialização. O que se torna específico são as disposições coletivas dos enunciados que absorvem, que “filtram” as especialidades.

Fica claro que a possibilidade de expressão direta dos grupos sociais de qualquer espécie tem suas consequências. Ela ameaça fundamentalmente todos os sistemas tradicionais de representação social, ela questiona, uma determinada concepção do representante, do deputado, do porta-voz autorizado, do líder, do jornalista... É como se numa grande concentração permanentemente, não importa quem, mesmo aquele que é o mais indeciso, que tem a voz mais débil, tem a possibilidade de falar quando queira! Pode-se observar



# RÁDIO

## Informação alternativa? É mais fácil furar o bloqueio pela rádio do que pela TV.

então que algumas verdades tomam forma, sejam uma *expressão nova*. Algum tempo atrás Bertrand Boulin fez um programa na "Europa nº 1" onde as crianças, na saída do colégio, podiam expressar-se por telefone. O resultado foi absolutamente surpreendente. Através de milhares de testemunhas a condição real da infância foi colocada de tal maneira que nenhum jornalista, nenhum educador, nenhum psicólogo teria conseguido. Mas como nomes, lugares, circunstâncias foram denunciadas, houve um escândalo e a emissão saiu do ar...

Os porta-vozes do Terceiro Estado em 1789 para redatar os Cadernos de Petições, tiveram que inventar literalmente um novo modo de expressão, um idioma novo. O Quarto Mundo, hoje em dia, está também à procura de idiomas menores para colocar os problemas que na verdade se referem à sociedade no seu conjunto. É neste contexto de experimentação, de um novo tipo de democracia direta que se estabelece a questão das Rádios Livres. A palavra direta, a palavra viva, cheia de certezas, mas também de dúvidas, de contradições, às vezes de bobagens que é a portadora de potencialidade consideráveis das aspirações. E é justamente esta parcela do desejo que tende reduzir, decantar, os porta-vozes, os intérpretes, os burocratas de toda espécie. O idioma dos "mediats" oficiais reproduz os idiomas policiais da classe dominante e da Universidade, levando consigo uma ruptura entre o dizer e o fazer. Só tem o direito de fazer aqueles que são mestres desta forma de dizer. Os idiomas do desejo, ao contrário, criam novas formas e somente elas têm a tendência de passar à ação: elas começam a «tocar», a fazer rir, a mudar, já que elas dão vontade de "ir para", em direção daqueles que falam e em direção às questões que estão em jogo.

Muita gente se oporá a tudo isso dizendo que a França não é a Itália e existe um grande risco de ver arrastar em qualquer brecha dada pelo Monopólio do Estado, ao grupo das rádios comerciais privadas as artimanhas da publicidade! É com este tipo de argu-

mento que pretendem denunciar as Rádios Livres e justificar a permanência de Monopólio ou propor um arranjo parcial que levaria as rádios locais a serviço das personalidades e sob o controle indireto da Polícia! É preciso uma boa dose de perversidade para colocar desta maneira o problema da publicidade!

Trata-se evidentemente de dois problemas diferentes: de um lado existe a questão da liquidação do Monopólio, como condição inicial para o desenvolvimento das Rádios Livres e do outro a questão muito mais ampla do controle da publicidade comercial; mas se ela está em todas as partes, nos muros, nos jornais na televisão, por que não nas Rádios Livres? Por que esta preocupação com a intoxicação publicitária — supondo que a esquerda esteja decididamente interessada a dedicar-se a este respeito — deveria a publicação ter como implicação um controle, uma censura, uma tutela institucional sobre as Rádios Livres? Com a ajuda de uma grande quantidade de dinheiro os publicitários estão prestes a incentivar numerosas entidades privadas. E mesmo que se regulamente a publicidade ou até que se proíba, seria bastante surpreendente que este tipo de gente se dispusesse a colaborar em tais aventuras! Mas, diria-se que o governo sustenta secretamente os publicitários (e também as personalidades locais) enquanto que reprime as verdadeiras Rádios Livres, como se pôde observar recentemente com o confisco do material da "Rádio 93" da "Rádio Livre de Paris", e da "Rádio Rocket". Mas quem vencerá no final das contas: o regulamento, as manobras subterrâneas do poder ou a correlação de forças no terreno de ação? Se as dezenas das Rádios Livres atuais são cada vez mais alternadas por novos grupos, se as camadas da população cada vez mais diversificadas participam destas rádios, as financiem, as protejam, logo poderemos ver até que ponto pesará a aliança atual entre o governo, as empresas privadas e as personalidades locais! O Monopólio, a regulamentação, não, saberá verdadeiramente proteger o público contra a publicidade — se pode observar bem isso na Televisão! E além disso não

cabe às massas mesmo organizarem-se contra a poluição publicitária? As pessoas não são crianças e além disso às próprias crianças recusam-se, cada vez mais, serem tratadas como se fossem irresponsáveis! Eles não precisam mais ser protegidos contra os "perversos pescadores" que os levariam à armadilha estúpida que lhes preparam os publicitários. No dia em que seus transistores lhes ofereçam várias possibilidades de escuta, eles saberão escolher sozinho o que lhes convenha! A atitude prudente — é o mínimo que se poderia dizer — dos partidos de esquerda e dos sindicatos sobre a questão das Rádios Livres, implica toda uma concepção que vai muito além da intervenção das massas no campo social. Os textos, as petições, os regulamentos, as delegações representam uma parte, mas assumir realmente os problemas pelos próprios grupos sociais que os vivem é outra. Se queremos verdadeiramente organizar uma luta em grande escala contra o bombardeio publicitário, enquanto que se enfrenta igualmente todas as outras formas de bombardeio físico e moral, e todas formas de domesticação sobre as quais repousam não somente o poder do Estado, o poder da patronal, mas também, de forma bem considerável, as próprias organizações terão que combatê-las. Esperando que os militantes burocratas parem de pensar que eles poderão intimidar por muito tempo ainda aqueles que se esforçam, bem ou mal, para criar um *instrumento real* de luta contra estas formas de bombardeio e de domesticação.

### QUEM É GUATTARI

Autor de livros como *Psychanalyse et Transversalité*, "O Anti-Édipo" e "Rhizome" (estes últimos em colaboração com Giles Deleuze), Guattari é uma das mais respeitadas figuras na área da antipsiquiatria e da análise institucional, na França de hoje.

# CHINA X VIETNÃ

## NEM VENCEDORES, NEM VENCIDOS.



Mas a ocasião se colocou para a rediscussão dos problemas da paz e do socialismo na Ásia

**A** impressão de que a invasão de pretensões pedagógicas da República Popular da China contra a República Socialista do Vietnã servirá para criar condições de uma discussão ampla do problema da paz na Ásia não é descabida. Sobre ela tem trabalhado alguns dos melhores observadores do cenário internacional. Quando se examina um acontecimento como foi esta invasão do Vietnã é preciso perguntar em primeiro lugar o que deseja o autor da iniciativa, a que nível de resultados ele chegou e o que conseguiram os circunstâncias, sejam aliados táticos ou adversários estratégicos. A imaginação popular dos países ocidentais, alimentada pela grande imprensa, guarda por exemplo, a impressão totalmente errada segundo a qual o incidente balístico de Cuba terminou com uma corrida dos russos, com um Kruschchev trêmulo em baixo da mesa e um John Kennedy Superman batendo, irado, sobre essa mesma mesa. Não foi nada disso. A URSS tinha um objetivo estratégico, a saber, impor aos EUA o reconhecimento *de fato* do regime socialista de Cuba e o respeito à integridade territorial da Ilha, além da desistência de tentativas de invasão, Kruschchev conseguiu tudo isso plenamente.

No caso da invasão chinesa do Vietnã — e é preciso enfatizar esse ponto —, concluída *sem vencedores*, o objetivo de Pequim não ficará claro enquanto não se aprofundarem as análises e não se procurar ver mais longe na estratégia global de Pequim, de Moscou e de Washington. No meio da primeira semana de março, o CC do PC vietnamita reuniu-se e decidiu conceder ao Exército Popular de Libertação (chinês) que se retirasse sem grandes reações militares, limitando-se os vietnamitas ape-

nas a operações de "harassing". Nesse encontro, aparentemente, os membros mais duros do CC foram convencidos a abrir mão temporariamente da tese da retaliação imediata, que se tem constituído na base da estratégia militar dos vietnamitas, depois do Vietnã do Norte e dos vietcongs. Os vietnamitas já derrotaram, nesse mesmo altiplano cortado de vales e coberto de florestas, mais de um exército; despacharam os mongóis, depois os chineses, depois os japoneses. O Vietnã é, como os Estados Unidos até a metade desta década, o único país até hoje não vencido numa guerra. E continua nessa condição.

Em todo caso, a hipótese de uma reaproximação entre a China e a URSS foi colocada pelo comentarista internacional Victor Zorza (1), para o qual, atrás do sorriso de Deng Xiaoping se escondia a possibilidade de criação de condições para tal aproximação, que a visita aos EUA otimizará.

Por outro lado, a invasão do Vietnã no Camboja foi dura demais para não deixar marcas no sistema político chinês, onde a luta entre Deng e Hua ainda não terminou, apesar dos 20 anos que os separam, na idade. Embora essencialmente não se devam fazer diferenças muito específicas entre a posição de um e a do outro, ambos devem suas carreiras a aparelhos distintos da máquina chinesa, intercalados aí o Exército Popular de Libertação e o Partido. Durante a Revolução Cultural, o EPL, foi chamado a intervir para reprimir excessos dos jovens "Guardas Vermelhos" de Mao, e frequentemente prendeu-os. As estruturas partidária e militar da China estão extremamente imbricadas, fazendo supor que, para a estratégia de Deng e das forças que se agrupam em torno dele fosse necessária uma manobra diversiva.

O EPL não deixa de ter pretensões

próprias; e a primeira das manifestações mais enfáticas foi o incidente do Rio Ussuri, em 69, quando tropas chinesas e russas entraram em choque. Mas muito mais significativa do que essa operação acidental (excessivamente explorada pela imprensa do Ocidente), foi a ocupação das ilhas Parcelso, que constituem um dos pontos de atrito entre Pequim e Hanói, além do problema da fronteira comum entre os dois países. No dia 19 de janeiro de 1974, forças do Vietnã do Sul entraram em choque com soldados do EPL pela posse de grupo de ilhas no Sul do Mar da China. As tropas de Van Thieu fugiram, mas Saigon mandou ocupar logo em seguida as ilhas Spratly, outro arquipélago no mesmo mar e que a China também reclama.

Quando o regime de Thieu naufragou, o Vietnã ocupou as Spratly e ao se reunificarem os dois Vietnãs, em abril de 76, Hanói mandou fazer mapas dando os dois grupos de ilhas como território seu. A importância dessas ilhas vem de um fato da natureza: São ricas em fosfato e guano e existe petróleo na plataforma territorial vietnamita. A questão com o Vietnã desenvolveu-se daí para a frente, a partir do "schieramento" da China ao lado de países direitistas (como a Malásia e a Indonésia, p.ex.) que tem posição firmada em relação à exploração desse mar. De fato, a Indonésia e o regime de Saigon, quando ainda existia, entraram em choque algumas vezes em torno da exploração (ainda deixada para o futuro) dessas águas. Desde o começo da era cristã (período Han, 25 a 250 a.d.) a China tem considerado essa área como sua e a dominou durante séculos com uma desenvoltura que o Vietnã, precisava cortar. A reivindicação do Vietnã também tem raízes históricas, já que o Imperador Minh Ming (2) havia ocupado as Parcelso, ijcluín-



# CHINA x VIETNÃ

A máscara e a couraça dos cavaleiros medievais: soldados de uma China surpreendente e agressiva.



Os militares, sempre de quepe; os jovens, de atenta postura marcial.



do-as em seus mapas. Quando os franceses entraram na Indochina, não tocaram nas ilhas, só o fazendo no início da década de 30. A atitude francesa, fundada unicamente no exercício da força, foi herdada pelos japoneses, que ocuparam as Par celso e as Spratly antes mesmo de desfechar sua ofensiva no Pacífico. Quando os americanos jogaram as bombas em Hiroshima e Nagasaki, Chiang Kai-Chec ocupou os dois grupos de ilhas e o Japão acabou por abrir mão da posse, quando assinou o tratado de paz com os EUA, em setembro de 1951. Mas pouco antes Chu En-Lai (Chiang já fora corrido para Formosa), em discurso pronunciado em agosto, anunciava que Pequim considerava as Par celso e as Spratly como ilhas chinesas. Em 1971 as Filipinas ocuparam cinco ilhas das Spratly. De lá para cá, os incidentes, invasões, retiradas e passagens de mão se repetiram numa abundância que proíbe sua reprodução. De qualquer forma, Parcelso e Spratly têm sido ponto de litígio não negligível entre a China e o Vietnã e eventualmente presentes na base do conflito entre os dois países.

Quanto ao papel de Deng junto ao EPL, uma das acusações que se fizeram contra ele há apenas três anos, quando de sua segunda queda (para depois emergir novamente) eram suas alegadas tentativas de "transformá-lo num exército burguês", eliminando a influência do PC sobre os quadros de oficiais. Ele foi especificamente acusado de tentar operar essa transformação, de um exército que até hoje tem a denominação que tem, para uma força montada à imagem dos exércitos ocidentais, "alegando a necessidade de prepará-lo para a guerra". Outra acusação feita a Deng se referia a seu alegado horror às milícias populares, horror que ele partilharia como o hoje infame Lin Piao, atribuindo-lhe o desejo de dissolvê-las. De qualquer maneira, a partir da morte de Mao, que tinha uma indiscutível liderança sobre o partido e sobre o EPL, os chefes militares chineses, que deram seu indispensável apoio aos "moderados" do PCC contra os "duros", formaram um bloco poderoso dentro do Politburo, insistindo em dois pontos: modernização e profissionalização do exército e (nessa condição) subordinação ao partido. Um dos prováveis segredos de Deng foi o de ter conseguido transformar a natureza dos conflitos em torno do papel relativo do EPL no esforço nacional, transferindo-o da área ideológica para a esfera nêrante burocrática. (3).

As origens vietnamitas para o conflito com a China são de natureza diversa. No espaço de 30 anos, os comunistas indochineses do Vietnã (4) derrotaram sucessivamente os japoneses, os franceses e os norte-americanos, e a seguir o "Estado" — fantasma do Vietnã do Sul. Além disso conseguiram fazer o socialismo no Vietnã e no Laos, faltando apenas o Camboja, onde um comunismo primitivo de tipo agrário, alimentado a contragosto pela China entrou em choque com a formulação vietnamita para a questão indochinesa e por essa razão foi derrubado por iniciativa militar e política de Hanói. Mas os obstáculos internos eram ainda muito grandes no amanhã da conquista de Saigon pelo fato elementar de não estar preparada a infra-estrutura necessária para ocupar o país politicamente (5).

Setores ponderáveis da economia vietnamita ainda não começaram a andar. Há enormes problemas no Sul, onde não houve tempo de convencer uma população extremamente acostumada à presença de um exército estrangeiro (os norte-americanos). Na visão de Hanói, é preciso construir uma Federação Indochinesa, não só porque, como pensam os observadores ocidentais "isso está na História da Indochina", mas porque para o Vietnã essa será a única forma de os três países conseguirem traçar projetos construtivos a médio e longo prazo, fundados num "pool" de recursos naturais e apoiados no vasto poderio militar de Hanói; mais importante ainda, Hanói vê essa Federação ou confederação como a única saída viável para a independência da região. O primeiro atrito entre os países socialistas da área surgiu quando as propostas nessa direção foram rejeitadas por Pnom Pen, onde se instalara o regime de Pol Pot, que acusa o Vietnã de tê-lo abandonado durante a guerra, em duas ocasiões (6). Uma das primeiras medidas simbólicas do regime Pol Pot foi anunciar a data da criação do PC de Kampuchea como 1950 (cu cerca disso) quando o PC indochinês foi criado por Ho Chi Minh na década de 30. Logo depois, Pnom Pen organizava as vastas operações de êxodo das populações urbanas para o campo, enquanto, em contrapartida, Hanói formava a Região Militar 302, destinada a organizar, preparar e armar refugiados, desertores e prisioneiros cambojanos. Entrementes, as hostilidades na fronteira eram vastamente conhecidas. De início, a China não estimulou os arroubos dos jovens comunistas de Pnom Pen (a

maioria dos dirigentes têm hoje entre 45 e 55 anos).

Em maio de 78, Hanói fez uma proposta de três pontos a Camboja, sugerindo basicamente o estabelecimento de uma zona desmilitarizada entre os dois países (faixas de 5 km em cada país) e mais o relativo desarme das unidades cambojanas. A proposta foi rejeitada por estes, os quais intensificaram os ataques na fronteira, renovando as acusações a Hanói de que organizava um partido alternativo e um exército alternativo para ocupar o Camboja e derrubar o regime de Pol Pot. A saída militar era a única, entretanto, que restava a Hanói, por um motivo extremamente simples: o Camboja liquidara a administração central e qualquer tipo de poder localizado; aboliu o dinheiro, os serviços dos correios e telégrafos; descentralizara totalmente a economia. A maior parte da autoridade recaía sobre chefes locais do Khmer Vermelho (7), os quais exerciam seu poder discricionariamente, sendo frequentemente acusados de terem praticado violências contra a população civil (8). Assim, para Hanói, a questão de política transferiu-se para a esfera militar, já que uma operação apenas política era impossível, por ausência de uma administração centralizada. Não se sabe com precisão quando os "duros" de Hanói resolveram desfechar sua ofensiva militar e política contra o Camboja; o que se sabe é que o Vietnã e a Frente Kampuchea de Libertação ocuparam o Camboja em apenas alguns dias, entregando-se daí para a frente a imprensa ocidental a exercícios fúteis de diversão, anunciando a existência de focos de resistência Khmer em número acima do provável. Que existe obviamente algum tipo de resistência ao novo regime de Heng Samrin (9) prova-o a permanência, no Camboja, da divisão de elite vietnamita, a famosa 308, que venceu os franceses em Dien Bien Phu. Os chineses organizaram guerrilhas com algumas minorias étnicas do Norte do Camboja, voltando possivelmente a armar os khmer serei, um corpo de mercenários pró-americanos. Entrementes, Pequim havia conseguido resgatar o príncipe Norodon Sihanuk, prêso há dois anos e meio e sua casa, em Pnom Pen, levaram-no para Pequim, onde ele apresentou sua proposta para uma discussão ampla do problema da paz na região. Ou seja, Pequim abandonou Pol Pot (10), preferindo Sihanuk, que oferece, taticamente, melhores condições de diálogo mais amplos. Hanói re-



# CHINA x VIETNÃ

Imagens que lembram um passado recente: uma eficiente mobilização, que transformou todos os vietnamitas adultos, com a exceção das mulheres grávidas, em soldados.



trucou com o silêncio, e ocupou a cidade de Poipet, na fronteira com a Tailândia, no auge dos combates no Norte do Vietnã, querendo declarar com isso que a sorte do regime deposto estava selada e que o Vietnã chegara onde queria. Agora seus exércitos olham, do outro lado da fronteira, os soldados tailandeses.

Além do problema específico com o Camboja, o Vietnã tinha outro obstáculo interno, a existência das centenas de milhares de "hoa" (vietnamitas descendentes de chineses), que formam comunidades compactas e coesas, e os quais sobretudo no Sul, detinham praticamente o monopólio do pequeno e médio comércio (11). Quando Hanói oficializou as medidas de nacionalização do comércio, atingiu milhares de famílias "hoa". No Norte do Vietnã, dezenas de milhares de "hoa" passaram para o lado chinês, encorajados pelas autoridades de Hanói. Um grande número de "hoa" está na Malásia, em Cingapura, na Tailândia, na Birmânia, em Hong Kong, num total de 20 milhões.

Karl Marx foi, durante muitos anos o correspondente londrino do jornal norte-americano "New York Daily Tribune". Cobriu, de Londres, as guerras da Inglaterra contra a China e num artigo escrito em 20 de maio de 1857, há 142 anos exatamente, após ironizar as fantasiosas descrições dos jornalistas europeus na Ásia, sobre as crueldades dos chineses, ele dizia: "Resumindo (...) esta é uma guerra popular pela manutenção da nacionalidade chinesa com todos os seus ativos preconceitos, sua estupidez e sua barbárie pedante, se quiserem, mas uma guerra popular".

Essas mesmas palavras poderiam ser repetidas agora, mas dirigidas aos chineses, para descrever não mais estes, mas sim os vietnamitas.

Se o governo dos Estados Unidos tinha razões para tolerar, como se não as tivesse entendido, as palavras do minúsculo Deng anunciando com larga antecedência a operação que seu país estava prestes a desencadear, dois fatos devem ter contribuído para mudar sua atitude: 1 — Moscou deve ter mostrado a Washington que deveria convencer Pequim a sair do Vietnã e suspender a invasão, sob pena de não ver assinado o Salt. -2. Washington não estava envolvida diretamente no conflito, mas da mesma forma não o aprovou (12), o que lhe permitiu alterar sua posição; 2 — O êxito relativo do exército chinês no Vietnã (que também pode ser descrito como

malogro relativo) fez Washington perceber que a China não está pronta para a tarefa, que os EUA vislumbram para ela na Ásia. Além disso, houve uma substancial e sensível modificação na atitude japonesa: Tóquio, também avisada previamente das intenções chinesas, quedou-se muda no primeiro momento, mas depois exerceu pressão crescente sobre Pequim e sobre Hanói, solicitando-lhes a retirada respectiva de suas tropas do Vietnã e do Camboja.

O efeito imediato da invasão chinesa foi em última análise o endurecimento sensível da posição do Vietnã enquanto as dúvidas aparentemente se instalavam em Pequim, sobre o acerto da operação. Os vietnamitas lutaram com extrema bravura, fortemente enquadrados por generais altamente competentes, sem atirar à luta nem seu exército regular, nem suas "divisões de aço" nem a célebre 308. Combates mais encarniçadas se desenrolaram ao redor de Lang Son, considerada historicamente, pelos vietnamitas, como a grande fortaleza simbólica da resistência de seu povo aos invasores — sejam eles de que nacionalidade forem.

Quanto às ameaças russas, em relação aos chineses, não passavam realmente de ameaças às províncias chinesas que fazem fronteira com a URSS são despovoadas. Alguns despachos publicados no Ocidente por correspondentes em Pequim (13), indicavam que esta transferira cerca de 300 mil pessoas que viviam nas vastas estepes que bordejam a União Soviética. Esta, para invadir a China, precisaria mergulhar fundo no território chinês, numa operação militar extremamente custosa.

A invasão do Vietnã, pela China, a quarta guerra vietnamita neste século, concluída sem que Hanói tenha encaixado, mesmo remotamente, qualquer esboço de lição (14) que Pequim lhe tenha pretendido dar (e portanto concluída com a vitória do Vietnã, pois é assim que a História marcha) pode provocar algumas modificações no governo de Hanói, a médio prazo, com o afastamento dos "moderados", mas pode causar, a longo prazo, algumas alterações na equipe dirigente de Pequim: Não é por acaso que 10 dias depois de iniciada a invasão, a publicação dos "dazibaos" sobre a guerra foram proibidas nas grandes cidades chinesas, só sendo permitidos novamente quando começou a retirada.

De qualquer forma, as posições se definiram na Ásia; e é por isso que não será de todo absurdo pensar numa



ampla rediscussão de todo o problema mundial, a partir dessa nova situação.

#### NOTAS

1 — Em "Guardian", segunda quinzena de fevereiro, Londres.

2 — Imperador Minh Ming. Dinastia dos Nguyen; não confundir com a Dinastia Ming chinesa

3 — Chu Teh foi o chefe de uma das colunas armadas das forças comunistas; fez autocrítica, na década de 30 submetendo-se a Mao.

4 — O caráter indochinês da guerra de libertação foi sempre salientado por Ho Chi Minh e os principais líderes revolucionários da área.

5 — Ver artigo do A., em "Folha de S. Paulo", novembro, 1977, o paralelo entre as declarações públicas do chefe do E. M. local vietnamita no «Vietnã do Sul» e trechos do livro de um ex-agente da CIA, publicado nos EUA. A ofensiva que redundou na queda de Saigon estava planejada para o ano seguinte; o poderoso exército vietnã do Norte chegou até Saigon graças a um erro de raciocínio do comando "sul-vietnamita".

6 — Pol Pot, Ieng Sary e outros acusam Hanói de tê-los abandonado após a histórica conferência de Fontainebleau, em 1948, e novamente após o início das conversações de Paris, entre Hanói e os EUA.

7 — Os chefes do Khmer Vermelho preferiam a designação "Angkor", livremente traduzida por "Organização", de inquestionável valor histórico; o novo regime de Pnom Pen já alterou as cores da bandeira do Camboja, que

invariavelmente traz os torres do templo de Angkor.

8 — Segundo jornalistas ocidentais, a dificuldade em obter informações precisas decorre do fato de ter o regime de Pol Pot liquidado centenas de intelectuais, professores e membros da classe média que falavam francês. Ver "Singular & Plural", nº 2, debate entre Noam Chomsky e Jean Lacouture sobre a questão dos números de pessoas eliminadas pelo regime Pol Pot.

9 — Há escassas referências sobre essa personalidade. E ex-militante do Khmer Vermelho que se passou para os vietnamitas.

10 — O apoio de Pequim sempre foi relutante. De fato, a própria viúva de Chu En-Lai foi a Pnom Pen, no início de 78, fazer uma apelo à moderação ao Camboja, num período em que as vítimas do regime já se contavam pelo menos às dezenas de milhares.

11 — Extremamente "ethnic-minded" os chineses agrupam-se fisicamente. Em Saigon, do bairro Chinês de Cholon, abrigavam-se muitos dos combatentes vietcongs que partiram para a ofensiva do Tet, em 68.

12 — Ver a série de correspondências de A. M. Pimenta Neves, in "Gazeta Mercantil", segunda semana de fevereiro e primeira de março de 79. O autor é sem dúvida um dos aís precisos e cuidadosos correspondentes brasileiros nos Estados Unidos.

13 — Alain Jacob, de "Le Monde", sobretudo.

14 — Hanói não respondeu a nenhuma das notas chinesas; não chamou as tropas regulares; não surpreendeu suas operações militares no Camboja, onde não deixam também de prosseguir a organização do novo regime.

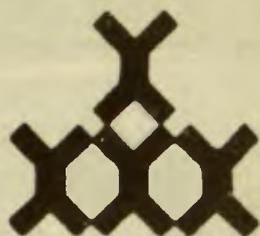
# MUDOU A EDUCAÇÃO NO BRASIL.

## VISITE-NOS E COMPROVE VOCÊ MESMO.

A RENAÉ — Rede Nacional de Educação que mantém o Pré-Universitário (Brasília e Goiânia), CAPI-Vestibulares e Colégio-SP criou o método SPE-RSD — o mais avançado estágio da Educação Contemporânea. Hoje você tem um encontro decisivo para seu futuro.

1º. Grau      2º. Grau      Colégio Técnico      Preparatórios aos Vestibulares

### MATRÍCULAS ABERTAS



**PRÉ**  
UNIVERSITÁRIO



**CAPI**  
VESTIBULARES

### A OPÇÃO INTELIGENTE

*São Paulo: R. Américo de Campos, 9 (Metrô Liberdade)*

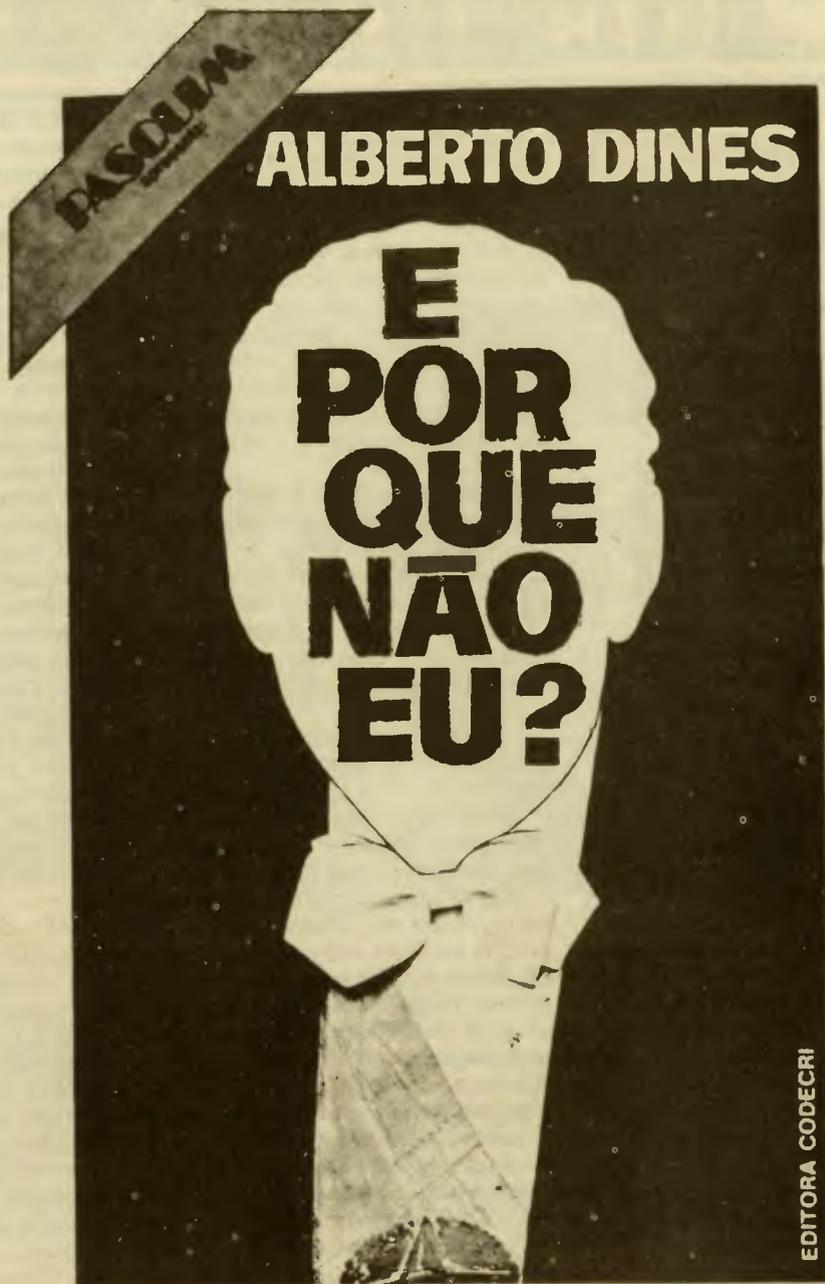
*Santo André: R. Senador Flaquer, 691*

*Mogi das Cruzes: Praça Dona Firmina Santana, 16*

*Brasília: Avenida W5 - Quadra 912*

*Goiânia: R. 232, nº 168 (S. Universitário)*

# UMA UTOPIA 'AS AVESSAS



**NÃO DEIXE DE LER!**

**Ct\$ 85,00**

Nas bancas e livrarias,  
ou pelo Reembolso Postal.  
Não precisa enviar dinheiro agora,  
basta escrever para:

EDITORA CODECRI LTDA. — Serviço de Reembolso Postal  
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana  
22071 — Rio de Janeiro — RJ

75



# A GUERRA PERMANENTE

**Um militar só existe no campo de batalha.**



Desde que se tornara ditador e decretara sua própria imortalidade, o general Augusto Melgoza comandava seu exército numa guerra ininterrupta. "O único lugar decente, para um militar," dizia, "é o campo de batalha." Ao tomar o poder, sua primeira providência foi mandar fuzilar sumariamente vinte mil adversários políticos; logo a seguir, pediu que lhe trouxessem um mapa mundi e, com o imenso dedo indicador apontado como lança mortal, percorreu demoradamente as nações vizinhas, até deter a mão sobre Buenos Aires. "Declaro guerra à Argentina."

Combateu durante anos, antes de abandonar aquela guerra e se voltar contra o Peru. Depois do Peru, foi a vez do Brasil; mas vieram ainda o Paraguai e o Equador; e novamente a Argentina, o Peru, o Brasil...

Seus esforços no sentido de criar uma nação espartana haviam esbarrado nos previsíveis obstáculos do subdesenvolvimento: um exército descalço dificilmente podia oferecer a imagem de "imbatíveis centuriões" com que Melgoza batizara seus soldados. Isso, porém, não desanimava o general: ele gastava 98 por cento do orçamento nacional com as forças armadas; assinou, inclusive, um importante acordo com a Alemanha Ocidental, recebendo cinco tanques e um avião a jato, em troca do cobre que mandava extrair das entranhas da terra andina.

Lia regularmente Clausewitz e Ludendorff, e fazia palestras para seus oficiais superiores. "Se um soldado vai progredindo através do campo", dizia na aula inaugural sobre Movimentos de Tropa, "e vê uma moita se mexendo — e não há vento — deduz logo que nela há algo."

"E se for um terremoto, meu general?" perguntou certa vez um major.

"Fuzilem este imbecil!" esbravejou Melgoza. E nunca mais seus oficiais tiveram dúvidas.

Comia com a voracidade de um peixe, "para não perder tempo, porque a guerra não pode esperar." De fato, a guerra jamais esperava por ele: frequentemente, Melgoza chegava atrasado para as batalhas mais importantes — que seus soldados perdiam com implacável regularidade.

Certa vez, encontrou suas tropas em fuga desordenada. Tentou arrebatar os homens a tapa, deu tiros para o ar, fuzilou pessoalmente três ou quatro oficiais. Nada. A debandada prosseguia. Então, voltou ao palácio, escondeu-se na saúna presidencial e chorou como uma criança, gemendo e soluçando.

Ele só assinava tratados e acordos quando se via derrotado nos cumpos de batalha. Mas, como isso acontecia com frequência, gastava boa parte do tempo assinando novos compromissos, nos quais sempre acabava cedendo alguma parte do território nacional aos países vizinhos. Semanas depois,

denunciava os acordos e partia para o combate. "Um general só existe na guerra", explicava.

Nos últimos meses do seu "Estado espartano", as balas mais potentes das forças inimigas já atravessavam o país de ponta a ponta. Seus soldados iam sendo aprisionados, um a um, ou aderiam aos exércitos estrangeiros; ou simplesmente desapareciam, nos campos de luta e nos inelutáveis expurgos que se seguiam a cada derrota.

Mesmo sob as ruínas de um palácio de aparência espectral, onde as escolas se abriam para o nada e as portas se abriam para o vazio, o general continuava a dar ordens. O ambiente, nos subterrâneos do que restava do poder, era sinistro. As sombras temiam as sombras. O general tinha frequentes acessos de ódio, quando se atirava ao pescoço do oficial mais próximo, com seus 20 quilos de pelos e músculos. De vez em quando, escondia-se na saúna, para chorar.

Semanas antes de renunciar, exigiu que um desfile de tropas marcasse seus 30 anos de poder. O ministro da guerra preparou uma força especial de duzentos homens, que ficou circulando as ruínas do palácio durante três horas, para que o general, de um sacada semi-destruída, tivesse a impressão de que suas tropas ainda eram numerosas e organizadas.

Dias depois, mesmo aquele vestígio apagado de um exército desapareceu por completo, num bombardeio aterrador que acabou, inclusive, com as últimas paredes intactas do histórico palácio. Os oficiais se esgueiravam pelos labirintos, submersos na derrota inevitável; falavam em voz baixa; evitavam o comandante-em-chefe. Finalmente, Melgoza os convocou ao gabinete e anunciou solenemente sua renúncia. Renunciou a tudo, até mesmo à sua condição de imortal. Naquela mesma noite, recolheu-se ao quarto presidencial, deitou-se na cama de campanha e morreu. De velhice.

Montreal — fevereiro de 77

## A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

por *Raúl Valdés Vivó*

**C**inco dias após o início da invasão do território vietnamita pelas forças de ocupação chinesas chegava discretamente a Hanói, chefiando um grupo de estrategistas militares cubanos, o experiente diplomata Raúl Valdés Vivó.

Se a imprensa ocidental tivesse conhecimento da importância de Vivó na participação de tropas cubanas fora de seu território, a notícia de sua chegada ao Vietnã mereceria mais do que as cinco linhas com que os jornais noticiaram o fato. Raúl Valdés Vivó talvez seja quem melhor encarne uma expressão cunhada por Fidel Castro, quando eu lhe perguntei se havia instrutores militares cubanos na Etiópia. “Não, nós não temos técnicos militares lá”, respondeu o presidente cubano, sorrindo. “O que nós temos lá são diplomatas. Ocorre que alguns de nossos diplomatas costumam ser excelentes técnicos em guerrilhas e em guerras convencionais. Verdadeiros generais”.

Raúl Valdés Vivó é um desses generais paisanos de Cuba. Cinquentão com físico de atleta, ele é também um refinado intelectual que começou a escrever em 1946, aos 20 anos, na revista “Mella”, que dirigiu na clandestinidade durante a ditadura de Fulgêncio Batista. Perseguido e preso várias vezes, chegou ao Secretariado Geral da organização Comunistas Universitários e membro da Direção Nacional da Juventude Socialista. Quando triunfou a Revolução Cubana passou a ser subdiretor do jornal “Hoy”.

Vivó passou os anos de 1965 e 1966 nas zonas liberadas do Vietnã do Sul e percorrendo a República Democrática do Vietnã (Norte) — e foi um dos poucos estrangeiros a viver no Paralelo 17 sob o fogo da artilharia dos B-52 ianques.

Em 1967 foi nomeado embaixador cubano junto ao Reino do Camboja e em 1970 apresentou suas credenciais



O imperador: figura sinistra, obsecado pelo ouro, pelo dinheiro.

na selva, ante a Frente de Libertação Nacional, mais tarde Governo Provisório do Vietnã do Sul (Vietcong). Com sua nomeação em 1971, para o posto de embaixador também na República Democrática do Vietnã, seu trabalho diplomático passou a compreender toda a Indochina. Sua missão no sudeste asiático só terminaria em 1974, com a assinatura dos acordos de Paris.

Como escritor, Raúl Valdés Vivó tem uma longa história, quase sempre ligada ao jornalismo: são de sua autoria incontáveis crônicas, reportagens, correspondências de guerra, editoriais e artigos. Alguns de seus livros mais conhecidos em Cuba, Vietnã e União Soviética: “Os negros cegos”, “A brigada e o mutilado”, “Relatos do Vietnã do Sul”, “Embaixada na selva”, “Paralelo 17” e “12 pequenos relatos vietnamitas”. Também inspirado em sua experiência asiática, escreveu a

peça de teatro “Laranjas em Saigón”. “Etiópia, a revolução desconhecida”, cujo primeiro capítulo transcrevemos aqui, com exclusividade, é um livro de reportagem onde Raúl Valdés Vivó relata sua experiência e sua visão do processo de libertação do povo etíope.

Em 1976 escreveu outro “best-seller” jornalístico, o livro “Angola, fim do mito dos mercenários”, editado em Cuba, Portugal, Bulgária, URSS, República Democrática Alemã, Checoslováquia, México, Colômbia, Mongólia, Inglaterra, Japão e Suécia.

Atualmente Raúl Valdés Vivó é membro do Birô Político e do Comitê Central do Partido Comunista Cubano.

(Fernando Morais)



# ETIÓPIA

Eram oito horas da manhã de 12 de dezembro de 1974, ou 2 Meskerem 1967, segundo o calendário solar etíope, quando um pequeno Volkswagen branco chegou às portas do Palácio Imperial de Addis Abeba, depois de atravessar velozmente o vasto jardim de altíssimos eucaliptos e misteriosas flores gigantes, dessas que nascem várias de um mesmo talo, e que às vezes têm diferentes tonalidades de vermelho ou amarelo. Pouquíssimas pessoas sabiam que aquele Volks entrava ali para prender o imperador Hailé Selassié I, Reis dos Reis, Eleito de Deus, Leão de Judá, descendente direto do Rei Salomão e da Rainha de Sabá.

Aquela operação havia sido zelosamente guardada — um verdadeiro “top secret”. Os três soldados escolhidos para executá-la só conheceram seu objetivo minutos antes de apresentar-se no Palácio a bordo do Volkswagen. A prisão e subsequente deposição do soberano havia sido exigida aos generais e coronéis etíopes por um anônimo capitão, o mesmo que no dia 28 de julho daquele ano estabeleceu na 4.ª Divisão Militar o QG do Comitê Coordenador das Forças Armadas, da Polícia e do Exército Territorial.

Não existe nenhuma versão oficial que explique por que foi empregado um automóvel tão pequeno na operação. Ouvi várias versões extraoficiais: não havia outro veículo disponível; que se quis dar uma lição ao Imperador; e, finalmente, que se tratava de evitar a possível cólera de um povo que, não obstante estar vivendo um levantamento de massas espontâneo, não incluía Hailé Selassié na lista dos culpados. Inculcado de um fanatismo primitivo até a intoxicação, esse povo poderia, talvez, tentar libertar seu eterno chefe político e religioso, decano absoluto do poder no mundo, que havia sobrevivido a um número incontável de reis, presidentes, papas e patriarcas desde a Primeira Guerra Mundial.

Mas subitamente o segredo deixou de existir. Quando o carro reduziu a velocidade para cruzar a linha de trem de Djiboutí, alguém reconheceu a Augusta Pessoa, trinta séculos de dinastia ininterrupta dentro de um corpo frágil de corvo assustado, garroteado, tomado pelas náuseas do medo e pela tenaz esperança de que tudo aquilo fosse mentira. O homem que o vira berrou a pulmão rompante: “É o imperador! Estão prendendo o Imperador!”. Todos, inclusive os que não tiveram tempo de vê-lo, o viram. E, surpresa ainda maior, a gente que se encontrava na

rua por onde passava o Volks começou a gritar aquilo que ainda não se atreviam a dizer, nem em voz baixa, os chefes militares: “Ladrão! Assassino! Monstro!” E era a mesma gente que toda tarde se aglomerava em certas esquinas previamente guardadas pelo exército e pela polícia, ao estacionar por alguns minutos o grande veículo a prova de balas, no afã de entregar ao Imperador cartas com ingênuos pedidos. Era a mesma gente que tinha por aspiração suprema que, na larga avenida que passa em frente ao Addis Abeba Hilton, aos domingos, seus filhos recebessem a benção e algum dinheiro das mãos sagradas. Era a mesma gente,

que vinham das cadeiras deixavam sem eco as lágrimas vertidas de pé, mas ninguém se lembraria disso depois e a fé se mantinha intacta. O povo continuava acreditando que o Imperador era bom, que maus eram seus colaboradores, como eram maus os juizes, os ministros e até os maus espíritos, aos quais Ele também venceria. Como poderia ser de outra maneira, se a Etiópia contava com um semideus que os adolescentes acreditavam dispensado das necessidades fisiológicas? (\*)

Mas agora, enquanto o Volks tentava fugir da massa, eram outros os sentimentos em relação ao Imperador. “Ladrão, assassino, monstro” e, em



As forças da revolução guardam o palácio, em seguida à queda do rei.

enfim, que a cada quinze dias ocorria ao Palácio para as audiências que eram presenciadas por todos os nobres, ainda que só para estas, naturalmente, houvesse assentos no grande salão. Nessas audiências, a palavra do Imperador era definitiva para decidir questões entre pobres e ricos e entre pobres e pobres. As pendências entre ricos e ricos eram resolvidas sem tanto público, nos círculos íntimos de cortesãos perfumados, elegantes, pródigos em reverências e meios sorrisos. Às vezes as audiências despertavam grande interesse. Era quando se constituía o “Alfa Negus” (literalmente “Boca do Imperador”), ao qual eram remetidos, em instância de apelação final, os casos que o Tribunal Supremo entregava ao julgamento excelso do impoluto fazedor de justiça. Geralmente as risadas

algumas esquinas, moedas eram atiradas contra o teto do carro, o parabrisas, as janelas. Centavos de “birs”, ironicamente gravados com a efígie do atemorizado animal, agora incapaz de voar altivo, bicar, arrancar tripas. De paletós feitos de pele de bode, de latas velhas, de um ou outro chapéu recolhido na lixeira de alguma mansão, negras mãos ossudas, às vezes comidas pela lepra, antes de crispar-se pegavam as moedas e as lançavam ao carro. Este, se parasse, teria sido detido para sempre, e o Imperador teria morrido destruído pelas mãos de mendigos que ele tão generosamente havia criado.

A prisão do monarca que durante cinquenta anos havia sido amo e senhor, juiz e verdugo, livrou de sua última atadura ideológica a mais espontânea revolução popular da história

africana e talvez universal. iniciada no dia 13 de fevereiro de 1974 a partir de outro grito — que foi dado por um *domudie* em alguma garagem ou algum posto de gasolina de Addis Abeba contra o aumento do preço do combustível. Supõe-se que tenha sido um motorista de táxi que, meio enlouquecido e como se imitasse um camelô, abandonou seu carro e começou a gritar pelas ruas. Logo eram muitos os manifestantes, gerando tão fácil quanto inesperadamente uma passeata. Eram dezenas, centenas, milhares, marchando com uma palavra de ordem: "Abaixo o aumento da gasolina!". Ao chegar à entrada da Universidade, a manifesta-

do em greve, numa inusitada oposição à chamada Revisão do Setor Educacional, que lesava seus interesses. No dia 20 os estudantes e os trabalhadores saíram às ruas levando pela primeira vez reivindicações abertamente políticas: acusavam o governo de estar traindo o Imperador. E nas ruas eram aplaudidos pelos choferes de táxi, que 48 horas antes tinham entrado numa greve que só terminaria com a anulação do aumento do preço da gasolina. As buzinas soavam alegremente, enquanto entre os gritos da multidão se escutavam as primeiras canções revolucionárias do proletariado internacional jamais ouvi-

"impossível!". Suas reflexões, no entanto, ainda não eram tão dramáticas. Ele se concentrou em pensar que nunca antes, em sua existência octogenária, havia sequer imaginado andar num veículo tão pequeno. Recordou que poucas semanas atrás havia presenteado vários carrinhos como aquele a seus netos e que até um bisneto de seis anos havia pedido — e recebido — o seu, entre as risadas de todos, inclusive dos criados, contra a leve repreensão da mãe do garoto... O Imperador entretenha assim sua mente quando ouviu os gritos e o barulho das moedas atiradas contra os vidros e o teto. "Deus meu! Ficaram loucos!". Milagrosamente o pequeno automóvel com o pequeno homem dentro conseguiu escapar.



O novo exército: mais de cem mil camponeses, treinados pelos cubanos.

ção foi engrossada por dois contingentes de signos opostos. Primeiro os estudantes. Depois os policiais colocados previamente nos arredores, para quem foi realmente difícil dissolver a pauladas e tiros para cima o que já era um motim de rua.

Sorte semelhante teve uma segunda manifestação, originada pelos estudantes. Sem dúvida, só a terceira delas, ocorrida no dia 16, foi permitida: é verdade que somava quase cem mil pessoas, segundo testemunhas que lá estiveram. Enfim, pela primeira vez em meio século, no dia 23 o governo imperial girou sobre seus próprios calcanhares e anulou o aumento do preço que provocara os protestos. Mas Addis Abeba já estava de ponta-cabeça, e não se via como recobrar a tranquilidade. No dia 18 os professores tinham entra-

das na Etiópia, misturadas com o grito ritual de "Viva o Imperador".

Sentado no banco de trás de um Volks dirigido por um soldado de lampeiro rosto infantil, apesar de solene pela cicatriz que lhe cortava a testa diagonalmente, tendo a seu lado outro soldado e mais um no banco da frente, Hailé Selassié apertava os dentes, continha o hálito quase tão glacial como a temperatura ambiente desse mês, não se atrevia a pensar, como se tudo aquilo sucedesse a outro, como se fosse um daqueles momentos do pesadelo em que se acaba dizendo: "mas isto é um sonho". Só quando se abriram as altas *rejus* em que termina a avenida central do jardim é que ele compreendeu plenamente que, desta vez, não se abriam por ele, já que ninguém o saudava, ou então ninguém sabia que ele ia ali ou...

## II

O preso foi encerrado num amplo apartamento do quartel. Uns dez minutos mais tarde, um jovem oficial se apresentou a ele e leu o decreto de sua destituição. Terminada a leitura, o ex-monarca quis saber o nome do chefe da revolta.

— Mengistu? Parente do que quis derrubar-me em 1960? Não deve ser, pois não teria continuado no Exército. De qualquer forma, tratarei de abolir esse sobrenome logo que eu retorne ao Palácio...

E o Imperador só parou de rir quando percebeu a risada do homem que um minuto antes lhe lera com sussurrante voz nervosa o documento emitido pelo Comitê Coordenador. Os outros decretos não foram lidos para ele, embora significassem o fim do imenso e decadente poder de Hailé Selassié: suspensão da Constituição de 1955, dissolução de um Parlamento baseado abertamente em estruturas classistas nobres e feudais, abolição da velha política externa que era traçada bem longe de Adis Abeba. Esses três golpes foram dados no mesmo dia 12, preparando terreno para, três dias depois, formar, a partir do Comitê Coordenador, o Conselho Administrativo Militar Provisório, o CAMP, que assumiria as funções do Chefe de Estado. Com isto se acabava uma certa dualidade de poderes e o país passava às mãos dos militares.

Na realidade, eles tinham se apoderado do poder sem um cálculo prévio, progressivamente, na espiral da explosão das massas nas cidades e no campo. No dia 23 de fevereiro, ao anular o aumento do preço da gasolina, o governo imperial pensou que anulava o mo-

vimento de protesto. Mas as massas perceberam no gesto um sintoma de debilidade e seguiram em sua ação, já agora em cima do alarma geral provocado pelas notícias da fome generalizada, provocada pela seca de seis anos consecutivos e a indiferença oficial. Através de manifestações de rua e de greves, se agitavam simultaneamente as reivindicações de todos e de cada um dos setores do país: dos trabalhadores do transporte aos empregados públicos, dos soldados aos bombeiros. Parecia que todos, salvo o Imperador, tinham algo a pedir, com urgência inadiável.

No meio daquela situação caótica, no dia 27 de fevereiro teve que renunciar o Primeiro Ministro Aklilou Habte-Wolde, representante da oligarquia feudal mais enferrujada, cujo poder parecia estabilíssimo ainda no dia 12 de fevereiro.

A lei descoberta por Marx, à cuja luz atuara Lenin em seu Outubro, segundo a qual a Revolução explode quando nem os debaixo nem os de cima podem continuar como antes, em matéria de governo, começava a cumprir-se na Etiópia.

Foi nessas circunstâncias que começou a aparecer no dia 28, vestido em altissonantes frases populistas, o novo Primeiro-Ministro Endalkatchew Makonnen. Foi ele quem declarou, pela primeira vez, que o momento era de mudanças. E, como se apontasse o fim de um governo imperial "tão bom" quanto o próprio Imperador, no dia 25 de março foi criada uma comissão de investigação dos escândalos e malversação de fundos públicos e propriedades, enriquecimentos súbitos de funcionários estatais e casos de manifesta injustiça na hora de fazer justiça. Vários membros do gabinete anterior foram detidos e confinados em seus domicílios, enquanto o novo parecia aceitar a proposta de alguns membros do Parlamento (onde jamais ninguém havia dito nada contra o Governo) que propunham que se pusesse em liberdade os ex-oficiais presos por simpatizar com os primeiros atos de protesto popular e por negar-se a reprimi-los.

Para surpresa dos cétricos chefes militares, no dia 3 de julho o novo governo aceitava trabalhar com o Comitê Coordenador, criado uma semana antes. E no dia 4 condenou à morte Dejazmatch Tsehayu, chefe administrativo da região de Kaffa — o primeiro morto da Revolução —, executado no distrito de Ensaro, na província de Selale, depois de reagir à voz de prisão das forças de

segurança. Seu irmão Fitaurari Tadesse e vários cúmplices acabaram sendo capturados — sob os aplausos do governo imperial e com a torcida de todo o país. No dia 6 o Comitê Coordenador obrigava antigos oficiais a entregar as propriedades governamentais obtidas ilegalmente, ao mesmo tempo em que decretava a tão esperada anistia aos presos políticos. Por último saiu no dia 8 dos quartéis o famoso lema "Ethiopia Tkdem": "Etiópia Primeiro". Transbordante de nacionalismo, logo a consigna chegou aos ouvidos de milhares de exilados em muitos países — entre eles estudantes filhinhos de papai, que havia conhecido o Maio de 68 em Paris e que agora voavam para casa com as malas entupidas de folhetos de Mao.

## *O imperador era duro de entendimento para as cifras alheias às suas contas bancárias*

Elevando o tom, a Revolução decidiu abolir duas instituições feudais intocáveis: o Conselho da Coroa e o mais alto tribunal de Justiça, a chamada Corte Suprema Imperial Chilot. Em agosto o Palácio do Jubileu foi rebatizado com o nome de Palácio Nacional, poucas semanas depois de se satisfazer um velho anseio popular no terreno econômico: o congelamento dos juros cobrados pelos bancos e lojas. Para fechar os escapes de dinheiro, a autorização de retirada de fundos passou ao Ministro das Finanças. As medidas propostas pelo Comitê Coordenador se chocava cada vez mais com a intransigência do Gabinete. Por isso no dia 22 de julho se exigiu a nomeação de outro primeiro ministro. Assim, assumiu o posto Lij Mikael Imru — o que não significava nenhuma mudança substancial no governo.

Em meados de agosto, para se evitar um golpe pelas costas, a sala de trabalho do Chefe do Estado Maior foi trans-

ferida do gabinete privado do Imperador para o Ministério da Defesa Nacional. Em continuação, a limpeza chegou debaixo dos tapetes imperiais: a Companhia de Desenvolvimento de Recursos Nacionais, disfarce ideal para enriquecer sempre aos mais ricos, foi convertida, por exigência dos militares, em propriedade pública. E dois dias depois — 27 de agosto — a Companhia de Transportes de Ônibus Anbassa ("Leão"), que durante 21 anos facilitou o enriquecimento de toda a aristocracia, teve o mesmo destino. Mas só no dia 5 de setembro é que o pó tocara as botas eternamente limpas do Imperador: durante a fiscalização dos livros da Cervejaria Saint George e do truste "Premio Hailé Selassié", descobriu-se que a cervejaria havia dado onze milhões de birs em dividendos ao Rei dos Reis. O povo acompanha essas notícias, publicadas pela imprensa, e até os analfabetos esquadrihavam os jornais que sumiam das bancas e das mãos dos meninos jornalheiros.

Ao rumor inicial de "Ele? Impossível!" seguiu-se a dúvida. O esclarecimento da misteriosa contabilidade das instituições do "Trust da Beneficência" ajudou a semeá-la. Sabia-se que o "trust" abarcava cinco hospitais, três clínicas, dois orfanatos, dois asilos de velhos e outras empresas similares. Mas agora se sabia que compreendia também vários hotéis, edifícios e empresas agrícolas. Ia aparecendo aos poucos um semideus que atraía o dinheiro. No fim se soube que o Imperador possuía uma fortuna pessoal tão imensa que poderia ser uma das maiores, senão a maior do planeta. Claro, depositada na Suíça.

No dia 11 de setembro o Comitê Coordenador convidou o Imperador a trazer de volta esse dinheiro à Etiópia para ajudar a tirar o país da grave crise econômica. Mostraram-lhe os dados que técnicos do Conselho Econômico e Social da ONU, no Comitê Econômico para a África, haviam levantado e que revelaram que de 1970 até aquela data, o Produto Interno Bruto da Etiópia havia crescido apenas 1,6 por cento ao ano. Como o aumento percentual da população era de 2,8 por cento ao ano, havia uma perda líquida de 1,2 por cento no PIB por habitante. O produto agrícola era apenas zero; mais exatamente, 0,4. Contabilizado em dinheiro o ingresso por habitante era de menos de 90 dólares por ano.

O Comitê Coordenador quis apelar para os sentimentos do Imperador, duro de entendimento para as cifras alheias

às suas próprias contas bancárias. Já se sabia, então, que a fortuna entesourada na Suíça por ele era de alguns bilhões de dólares.

Na noite de 11 de setembro foi exibido pela TV o filme maldito que a polícia secreta pessoal de Selassié supunha ter sido destruído. O Comitê Coordenador havia convidado todo o povo a assisti-lo e obteve do Imperador a promessa de que também ligaria sua tevê àquela hora — promessa que foi cumprida. Foi com gritos de horror, contra uns poucos bocejos, que se assistiu à avant-première do documentário do jornalista britânico Jonathan Dimbleby intitulado "A fome oculta".

A Câmera havia esquadrinhado a província de Wollo, às vezes com a rapidez reveladora da prensa e o temor do cinegrafista. Mas as cenas obtidas evocavam os campos de concentração nazistas. Ossos sobre ossos, esqueletos de crianças confundidos com os dos burros que elas faziam marchar, levando no lombo cargas incríveis, como as bicicletas do Vietnã. Também se via com nitidez a terra seca por vários anos sem chuva, terra tipicamente africana, do continente onde menos chove e onde há a mais alta evaporação relativa. Essa fome e essa seca não tinham sido desmentidas? Em Adis Abeba, para que o povo não se intranquilizasse com esses rumores, não apareciam documentários nos cinemas mostrando o Imperador dando carne, enormes pedaços bem vermelhos, a seus cachorros e leões, nos jardins do palácio?

O Imperador enfrentou sem muito dramatismo as cenas da TV, mas a respeito do dinheiro depositado na Suíça se limitou a dizer que havia nomeado seu filho o único herdeiro. E não era possível a um Imperador anular seu testamento. "Sinto muito, de verdade", foi só o que disse.

Às 7:30 horas do dia 12 de dezembro Mengistu Haile Marien e seus companheiros derrubavam o pequeno grande ladrão.

### III

A Revolução Etíope, preocupada a todo custo em evitar o derramamento de sangue, não fez correr sequer o do máximo culpado por aquelas montanhas de ossos brancos espalhados por estradas empoeiradas, pertencentes a não menos de duzentas mil pessoas.

O maior castigo, ponderou Mengistu ao Comitê Coordenador, seria entregar a Etiópia às mãos dos que haviam construído o país durante séculos de esforço

sem jamais possuí-lo.

Mas não era fácil converter o povo em dono.

Ao terminar sua vida abandonado, Hailé Selassié deixava atrás de si um anedotário incrível de crueldade e ridículo. Seu tricórnio, como o de Trujillo; sua exigência de que a cada manhã seus ministros fossem, não vê-lo, pois deviam aproximar-se de cabeça baixa e inclinados, mas que ele os visse andar até suas poltronas e obrigar seus subalternos a sofrer a mesma humilhação que lhes era imposta; seu costume de ordenar, depois do café da manhã, que os quatro trompeteiros que assistiam seu desjejum a sair e tocar forte de todas as sacadas do palácio, para anunciar aos demais reis do mundo que

---

## *Depois do café, 4 trompeteiros anunciavam aos demais reis do mundo que o Rei dos Reis já comera.*

---

o Rei dos Reis já comera e que eles poderiam fazer o mesmo. Ou mesmo a encenação de coisas como esta, presenciada pelo autor deste livro: chega Hailé Selassié ao Camboja em visita oficial, em 1969. Quando, depois da saudação do príncipe Sihanouk, que o aguardava, começam a tocar o hino da Etiópia, o Imperador interrompe a banda com um gesto. E explica que deveriam esperar que descesse do Boeing presidencial nada menos que Lulu, a cachorrinha real. Mais tarde o Chefe de Estado do Camboja comentaria com alguns embaixadores que teve que se conter para não perguntar: "Majestade, podemos começar ou devemos esperar que a cachorrinha faça xixi?"

É desnecessário dizer que o Imperador derramou por Lulu, quando esta morreu, as lágrimas que não conseguiram arrancar os duzentos mil mortos de fome da província de Wollo. Verdadeiras exéquias imperiais deixaram

Lulu repousando numa tumba com inscrições a ouro, onde se lê a data do nascimento e da morte, debaixo do nome legendário. É bom lembrar que também o povo chorou com igual sinceridade. Chorava junto a seu Imperador, compartia sua dor, segundo o que se viu em fotos, filmes e o que foi contado de boca em boca.

O ouro gasto no túmulo de Lulu é o mesmo que assoma nos duzentos quartos do palácio e que proveio das minas que o Imperador possuía secretamente na província de Sidamo. Ali o trabalho era feito por verdadeiros escravos, recrutados à força, caçados como os traficantes caçavam negros na África para as colônias européias na América... Regressava um trabalhador a seu casebre de papelão e zinco, após doze horas de labuta em que ganhava apenas o dobro do que obtinha um mendigo afortunado, ou vagabundava um desocupado pela madrugada, temeroso de que a polícia o destroçasse a chutes e pauladas, sob os jornais com os quais se protegia do frio na porta de alguma loja, quando de repente o capturavam e metiam num caminhão fechado, sem janelas. Só voltaria a ver a luz ao chegar à mina. Ali, o dia inteiro curvado às margens de um riacho, com muitos para engolir uma ração de prisão e, à noite, algo incrível, um purgante obrigatório — para o caso de ter introduzido na boca algumas pepitas. Gendarmes especializados chafurdavam nas fezes, e se brilhava algo entre elas a sentença seria inapelável.

O mais notável é que o conjunto do povo ignorava o sequestro de centenas de homens a cada ano e que ninguém suspeitava, se o soubesse, que poderia ser obra do Imperador — ou sequer que ele soubesse disso.

De fios de ouro eram os tapetes em que ele pisava a cada manhã, por volta das onze horas, ao despertar-se no palácio de oitocentos criados. De ouro maciço era a privada de seu banheiro, a bicicleta sem rodas para os exercícios antes do banho, os lavabos, a banheira. As roupas, bem, aí era outra coisa. Nas saídas vespertinas pelas ruas não deveria haver muito ouro nas roupas. Nas recepções oficiais, nos recebimentos de embaixadores, nas viagens a outros países, todo o ouro possível, sem que o mais elementar bom gosto fosse um limite.

O imperador tinha uma angustiante ouromania que não lhe dava sossego. Eu pude saber, por gente que frequentava sua intimidade (muitos o serviam como intelectuais, intérpretes nas con-

# ETIÓPIA

versas com governantes estrangeiros, sem enlamearem suas consciências com crimes ou abusos), que dois temores também preocupavam Hailé Selassié até a obsessão: a velhice e a morte. Já aqui não ocorria a intelectuais educados em Roma ou Paris.

— Para essas coisas, África, coisas nossas, dizia ele.

E, com isso, queria dizer “Ton Kuai”, o Bruxo. Era diante dele que toda a soberba de se acreditar Eleito de Deus se dissolvia como a neblina que serve de belo lençol outonal a Adis Abeba. A humildade mais sincera, a oração pagã, o rogo de que lhe conseguisse força e vida, o amo físico de um povo oferecia, de joelhos, a seu próprio amo espiritual.

Em Adis Abeba, no Kebele 08-0312, na casa número 845, vive uma cubana singular, Rogélia Emiliana León, descendente de um avô congolês e atualmente cidadã etíope. Nascida e criada em Guanabacoa, Cuba, emigrou para a Etiópia em 1952, ao casar-se com um jovem etíope que tinha ido a Cuba estudar, levado por um veterinário cubano de sobrenome Barrera — que não se sabe quando ou como passou a trabalhar numa das cavalariças do Imperador. O pai desse jovem havia presenciado a guerra de 1935 (ataque de Mussolini) e conseguido que seu amigo Barrera regressasse a Cuba com seu filho, para fazer dele um professor rural. O casamento — hoje desfeito — se efetuou em Guanabacoa. Uma vez em Adis Abeba, Rogélia aprendeu o amárico e se fez etíope por insistência do destino, sem perder as idéias socialistas conhecidas desde criança, ensinadas por seus pais. Ela é testemunha de um fato que parece tirado de um filme como “O Exorcista”:

— Eu me recordo como se fosse hoje que, um dia, a diretora da escola onde eu era faxineira, perto de onde vivo, trouxe doze mocinhas negras. Não eram apenas mais negras que eu. Mais do que todos os etíopes que conheci em 25 anos. Era tanta sua negrura que quase não tinham pelo. Essa raça vive na fronteira com o Sudão, e é uma gente muito forte. As doze meninas, lindas, não furavam as orelhas, pois não eram cristãs, mas muçulmanas. Quando eu as vi chegar à escola, pensei que o propósito era educá-las bem, ensiná-lhes o amárico, já que falavam um dialeto, fazê-las finas. E imaginei que chegariam a amantes de algum personagem da corte. Talvez até do próprio Imperador, quem sabe? Mas um dia a diretora me disse a verdade. Em de-

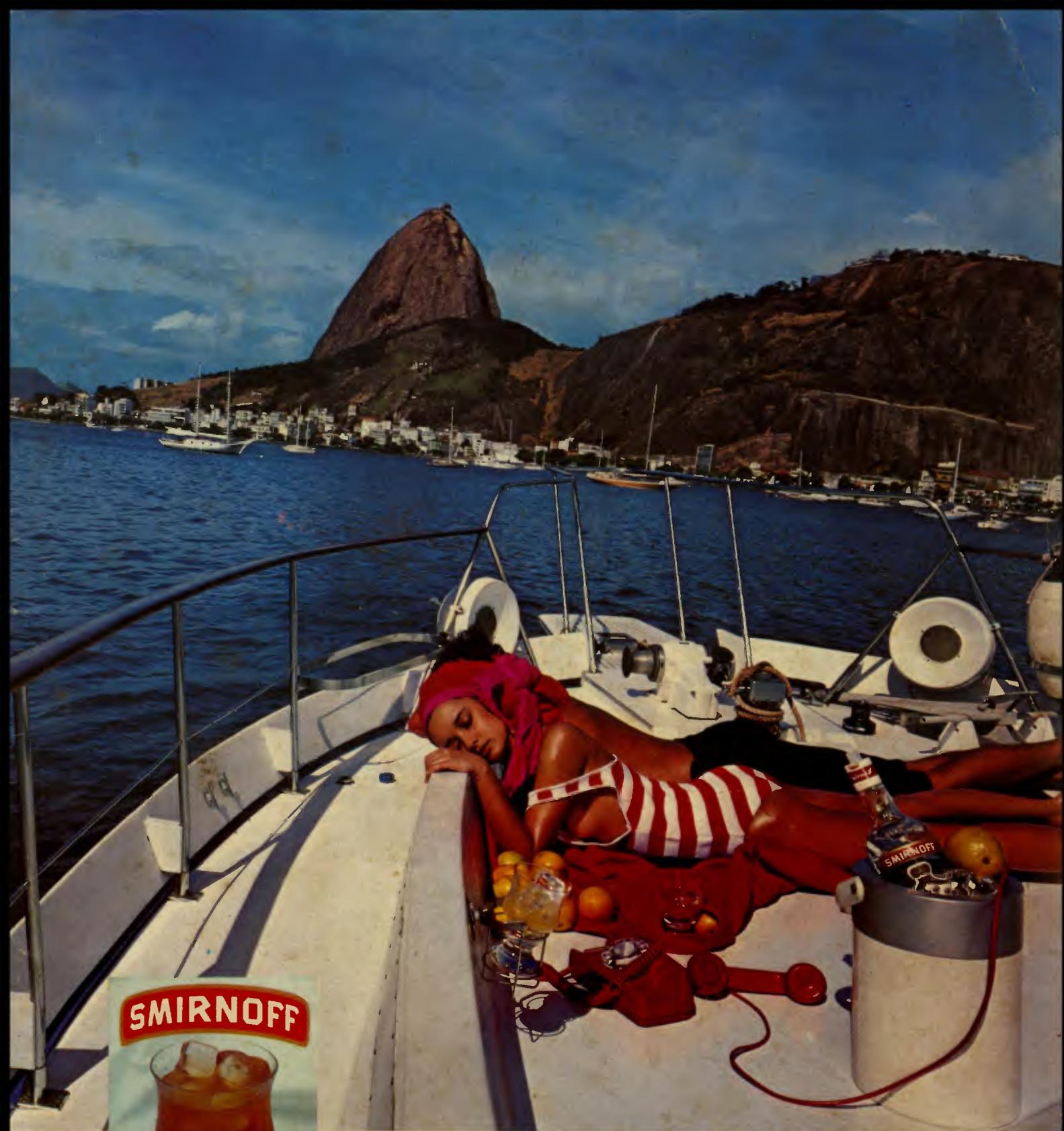


Tropa Etíope

zembro, na época do aniversário do Imperador, elas eram levadas ao Palácio, de duas em duas. Não no Palácio daqui, de Adis Abeba, mas no de Bishousta, a uns setenta quilômetros de distância, o Palácio de Debre-Sait. Essas duas nunca mais voltavam. Saíam vestidinhas de branco, lindas, perfumadas. Lá eram sacrificadas e seu sangue era atirado no lago do palácio onde o Imperador, nu, tomava um banho, ele só, e bebia aquela água. Depois deixava que se metessem na água, em tropel, os criados e a gente do lugar. As meninas eram tão inocentes que ao ver o retrato do Imperador em que ele aparecia junto a “Três Selassiés” — como se diz? Santíssima Trindade... — como se fosse o quarto santo, ou algo assim, se inclinavam e diziam “Pai”. Durante cinco anos se repetia aquilo, a cada dezembro. Não sei o que diziam às que ficavam. É provável que lhes dissessem que as desaparecidas tinham regressado a suas aldeias. Quando sobravam as duas últimas, a diretora não pôde aguentar aquele sofrimento. E se propôs a salvar Debritu, a mais gordinha, muito inteligente, e uma outra cujo nome eu não me lembro, ainda mais linda, delgadinha. Em meados de 1973, ou de 1972, a diretora furou as orelhas das duas, como se tivessem sido batizadas — assim não serviriam mais para o banho de sangue. E ninguém disse nada, que eu saiba. Porque a religião copta era tão forte que até a Coroa a respeitava... Há um ano eu soube que Debritu terminou

o colégio e a outra o ginásio. O banho de sangue, bem a explicação era a de que no lago vivia o Diabo, que queria que o Imperador ficasse velho e perdesse a força. Para satisfazê-lo, era preciso dar-lhe sangue muçulmano, dessa raça pura, inocente. Mas a verdade é que o Imperador chegou ao trono matando. A Rainha estava casada com Yasu, um príncipe. Hailé Selassié pretendia ser Rei. Num jantar, envenenou o príncipe e casou-se com a viúva. Dizem que ela já estava grávida, o que explica o desprezo do Imperador por seu filho mais velho, que não era seu, e preferia a Makonnen, o segundo, que morreu num acidente — ainda que assegurem que quem o matou, por ciúmes, foi um capitão da aviação. Eu era também faxineira de um hospital, à noite, para ganhar um pouco mais. Não deixaram nenhum médico, ninguém, ver o cadáver. Histórias como essas, conheço muitas. O Imperador era um homem horrível, um verdadeiro monstro”.

(\*) Isso me contaram vários redatores do jornal *Herald Ethiopian*, e é bom lembrar que era uma crença não de embrutecidos camponeses, mas de filhos de burgueses com certo nível cultural. Quando a um deles atacou a dúvida, aí pelos treze anos de idade, perguntou à professora e esta replicou irritada: “Claro que ele não tem necessidade de urinar. E se ele morrer algum dia, o Sol perderá a luz. Mas quem não sabe disso?”



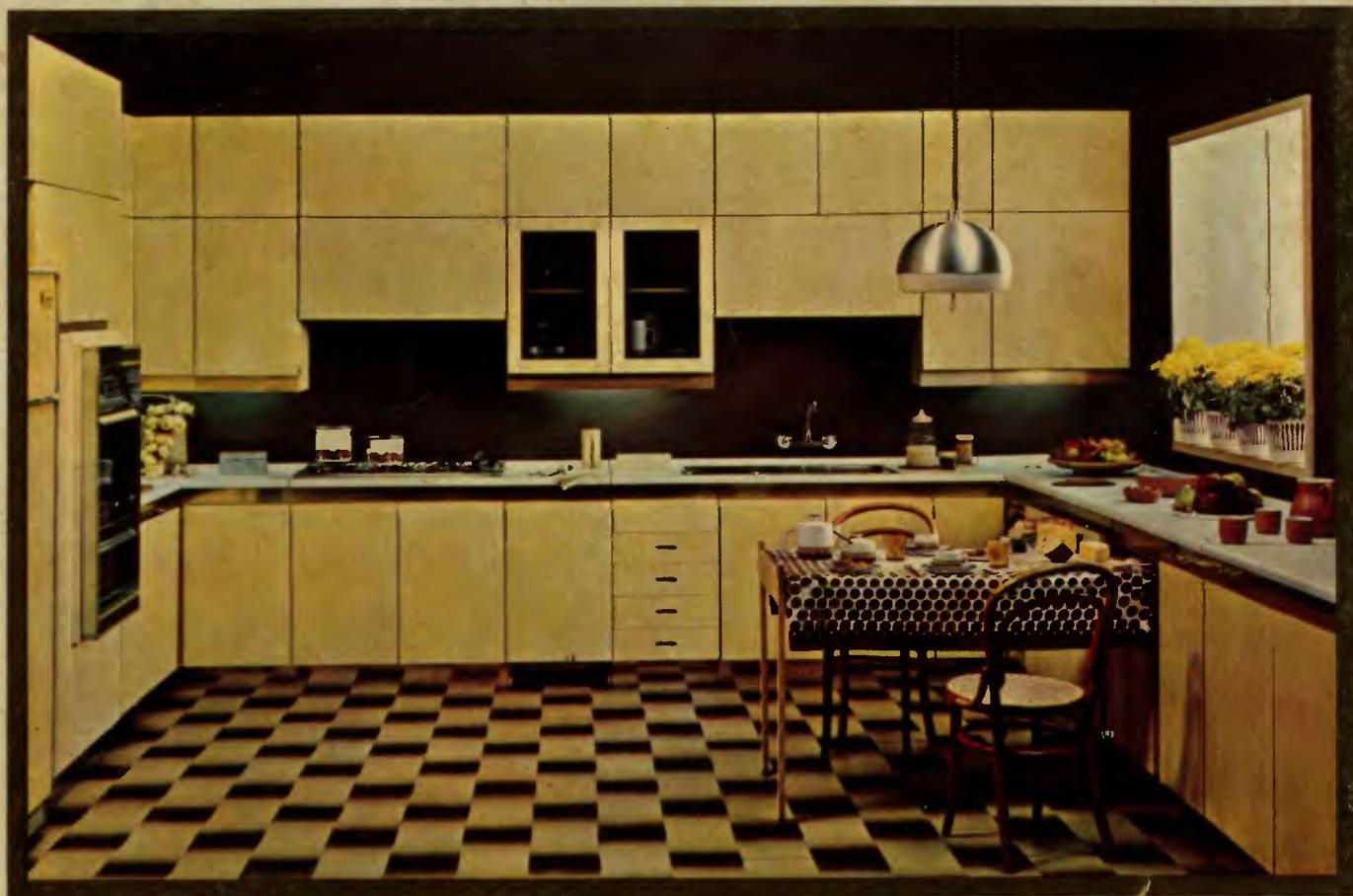
Smirnoff, gelo, suco de laranja, sol à vontade

- Cadê a bebida?
- Está aqui.
- Me dá.
- Espera. Estou morta de preguiça.
- Que sede...
- Espera. Deixa passar essa nuvem.
- O que será que eles estão fazendo agora?
- Acho que na praia, como todo mundo.
- Que calor, uh!, que sede...

**Você é o que você vive.**



# Residence<sup>MD</sup>



Residence é cozinha planejada de alta categoria, produzida dentro das mais avançadas concepções do design moderno. É a primeira cozinha brasileira assinada por um dos mais expressivos designers italianos da atualidade: o arquiteto Luigi Massoni. Isto significa que em Residence você encontra uma perfeita combinação de arte e engenharia, sensibilidade e tecnologia. Em cada detalhe você nota a mão do artista. Em seu desenho.

Na harmonia de suas linhas. Na elegância romântica da madeira natural (isto mesmo, Residence é todinha feita em madeira natural, o que

lhe dá um toque de maior requinte ainda). E o lado prático de Residence também está presente em tudo: os componentes e acessórios são funcionais; a integração

móvel-eletrrodomésticos é tão completa que você nota a precisão e o rigor técnico do projetista.

Mas não é só no design que Residence se distingue de tudo o que já foi feito até hoje em cozinhas planejadas. Você precisa conhecer as originalíssimas opções de acabamento que recriam a madeira

natural em cores sofisticadas. Veja uma Residence de perto. Você vai conhecer a cozinha criada bem ao estilo de viver do nosso tempo.



 **SECURIT**

São Paulo: Av. Faria Lima, 1754 (tels.: 211-2177, 211-2564, 211-2991 e 211-2498) e Av. Ibirapuera, 3242 (tels.: 240-4016 e 240-4849). - Santo André (SP) - Av. João Ramalho, 603 (tels.: 454-5732 e 454-5699). - São José dos Campos (SP) - Av. Eng. Francisco J. Longo, 536 (tels.: DDD (0123) 21-5771 e 22-1353). Campinas (SP) - Rua Carlos Stevenson, 96 - Cambuij (tel.: DDD (0192) 52-1029). Rio de Janeiro: Rua Visconde de Pirajá, 141-A (tels.: 267-8572 e 247-1551) e Av. N.S. Copacabana, 71-A (tels.: 275-2046 e 275-8648). Belo Horizonte: Rua Antonio de Albuquerque, 263 (tels.: 221-2600 (PABX), 221-2667, 221-2886 e 223-1667). Recife: Rua Julio Pires, 75 (tels.: 326-9960 e 325-2512). Brasília: CLS 302 A - Bloco D, loja 29 (tels.: 224-6966 e 224-8413). Porto Alegre: Rua 24 de Outubro, 503. Santa Maria (RS) - Rua Tuiuty, 1826 (tel.: 221-3918).

 **CEDEM**

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 12 13 14 15 16 17 18 19 20